

Condessa Constance Wachtmeister
(e outros)



**REMINISCÊNCIAS DE
H. P. BLAVATSKY e de
A DOUTRINA SECRETA**

pensamento

CONDESSA CONSTANCE WACHTMEISTER ET AL.

REMINISCÊNCIAS DE H. P. BLAVATSKY E DE A DOUTRINA SECRETA

Tradução de
EDILSON ALKMIM CUNHA

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Titulo do original:

Reminiscences of H. P. Blavatsky and The Secret Doctrine
The Theosophical Publishing House, 1976 .

SUMÁRIO

Nota do Editor	04
Lista de Ilustrações	04
Cronologia das Principais Visitas de Helena Petrovna Blavatsky à Europa	05
Prefácio	06
PARTE I	
RECORDAÇÕES DA CONDESSA CONSTANCE	
1. O Compromisso de Blavatsky	08
2. Blavatsky Convida a Condessa	10
3. "Leva Esse Livro"	13
4. A Vida com Madame Blavatsky	16
5. Escrevendo A Doutrina Secreta	22
6. A Teosofia, um Presente para a Humanidade	26
7. "Forças Invisíveis" Protegiam Blavatsky	29
8. "Uma Fiel e Verdadeira Amiga"	32
9. Blavatsky Põe Fim ao Isolamento	39
10. A Publicação do Magnum Opus	46
PARTE II	
OUTROS TESTEMUNHOS	
11. Escrevendo A Doutrina Secreta - Bertram Kelghtley	56
12. Escrevendo A Doutrina Secreta - Dr. Archibald Kelghtley	60
13. Sobre A Doutrina Secreta - Willam Q. Judge	63
14. Sobre Helena Petrovna Blavatsky - Madame Vera de Zhelihosky	66
15. Uma Observação - Madame Vera Johnston	67
16. Extratos de Uma Carta à Condessa Wachtmelster - Dr. William Hübbe-Schleiden	69
17. A Prova de um Cientista Moderno - Dr. C. Carter Blake	73
18. Uma Carta Particular - R. S.	75
PARTE III	
TESTEMUNHOS DA IMPRENSA	
19. The Path, agosto de 1888	86
20. Plccadilly, 2 de novembro de 1888	91
21. The London Star, 18 de dezembro de 1888	94
22. The New York Times. 6 de janeiro de 1889	97
23. The Commercial Gazette. 13 de outubro de 1889	100
24. Sunday Tribune, 18 de maio de 1890	103

NOTA DO EDITOR

Esta deliciosa narração constitui um clássico de muito colorido na literatura teosófica. Partilha com o leitor um pouco dos insuperáveis obstáculos encontrados na produção de *A Doutrina Secreta* e oferece vislumbres da dedicação e do sacrifício sobre-humanos de Helena Petrovna Blavatsky ao escrever sua grande obra. É nesse espírito de partilha de um pouco da atmosfera que cercou a preparação e a primeira edição desse grande clássico teosófico, que está sendo lançada a presente edição de *Reminiscências* de H. P. Blavatsky. O sabor especial das *Reminiscências* originais foi mantido inalterado. embora pequenas modificações editoriais tenham sido incorporadas nesta edição com vista à sua adaptação aos moldes contemporâneos. Além da clareza e da identificação, foram acrescentadas notas de rodapé, necessárias e valiosas, e incluídas ilustrações pertinentes para efeito de adorno pictórico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa da Europa
Bertram Keightley
Dr. Archibald Keightley
Mme. Blavatsky em Londres
Condessa Constance Wachtmeister
Mme. Blavatsky no Chalé "Maycot", em Londres
Mme. Blavatsky com G. R. S. Mead e James Pryse
Mme. Blavatsky com as duas Veras e o Coronel Olcott
Retrato de Mary Gebhard
A casa de Gebhard em Elberfeld
Retrato de Mme. Blavatsky, de Schmelchen
Casa na Lansdowne Road, 17, Londres
Mme. Blavatsky em seu gabinete
Quarto de Mme. Blavatsky na Lansdowne Road, 17, Londres
A casa na Ludwigstrasse, 6, Würzburg



Este mapa da Europa, com as fronteiras tais como eram na década de 1880, mostra os lugares onde HPB viveu enquanto escrevia A Doutrina Secreta

CRONOLOGIA DAS PRINCIPAIS VISITAS DE HPB À EUROPA

1851	: Viu seu “santo Mestre” numa rua e no Hyde Park em Londres.
20 de janeiro de 1884	: O Conselho Principal, Índia, resolveu mandar HPB à Europa, por motivo de saúde.
13 de março de 1884	: Chega a Marselha, França; partida para Nice.
28 de março de 1884	: Chegada em Paris; foi hóspede da Condessa d’Adhémar, em Enghien.
15 de abril de 1884	: Retorno a Paris; mais tarde visita a Duquesa de Pomar.
28 de junho de 1884	: Em Londres.
Outubro de 1884	: Em Elberfeld, com Madame Gebhard.
5 de outubro de 1884	: Partida de Liverpool para a Índia, via Egito.
17 de dezembro de 1884	: Chegada em Madrasta, Índia.
1855	: Partida de Madrasta, Índia, para a Europa.
Agosto de 1885	: Em Würzburg, na Alemanha; a Condessa Wachtmeister visita Mme. Blavatsky em outubro de 1885.
1886	: Em Elberfeld, na Alemanha.
Julho de 1886	: Em Ostende, na Bélgica.
Maio de 1887	: Muda-se para Maycot, Norwood, Inglaterra.
Outubro de 1887	: Passa a residir na Lansdowne Road, 17, Notting Hill, Londres.
Outubro de 1888	: Publicação em Londres de A Doutrina Secreta.
15 de agosto de 1890	: Inaugurado em Londres um clube para jovens operários.

PREFÁCIO

Este livro foi escrito por várias pessoas que tiveram a vantagem de conviver na intimidade com Helena Petrovna Blavatsky, durante sua estada na Europa, quando se encontrava empenhada na grande obra de sua vida - **A Doutrina Secreta**.

Seria uma árdua tarefa fazer uma descrição plena e detalhada de todas as circunstâncias que envolveram a preparação desse notável trabalho, pois convém jamais esquecer que Madame Blavatsky, como ela própria o afirmava, foi apenas a compiladora da obra. Por trás dela estavam os verdadeiros mestres, os guardiões da Secreta Sabedoria dos Tempos, que lhe transmitiram todo o conhecimento oculto, que ela transpôs para a palavra escrita. Seu mérito consistiu, em parte, em sua capacidade de assimilar o conhecimento transcendental que lhe era transmitido e no fato de ser uma digna mensageira de seus Mestres, e, em parte, na sua estupenda capacidade de tornar inteligível para a mente ocidental o hermético pensamento metafísico do Oriente e de analisar e comparar a sabedoria oriental com a ciência do Ocidente. Grande mérito também lhe é atribuído por sua grande coragem moral de oferecer ao mundo pensamentos e teorias diametralmente opostos à ciência materialista da época. Dificilmente será compreendido por muitas pessoas que grande parte dos **fenômenos**, tão criticados, desempenhou importante papel na compilação de **A Doutrina Secreta**; que Mme. Blavatsky muitas vezes recebeu mensagens assim chamadas de precipitadas, contendo matéria que mais tarde passou a fazer parte do livro.

Quando o mundo tiver maior compreensão das leis ocultas, muitos acontecimentos estranhos serão entendidos e a história da Sociedade Teosófica será apreciada com mais compreensão do que o tem sido até o presente. Nestes dez últimos anos, desde a publicação de **As Memórias de H.P.B.**, de Sinnett, vem ocorrendo, progressivamente, uma notável mudança na mentalidade dominante do Ocidente no que diz respeito à sua atitude com relação ao ocultismo. Teorias e fatos antes ridicularizados são hoje considerados dignos de investigação, tais como a transmissão de pensamento, a consciência depois da morte, etc. Por conseguinte, é de se esperar que os fatos relatados neste livro sejam recebidos com honestidade, como merece toda narração de boa fé.

Registro aqui meus agradecimentos cordiais a um amigo, que deseja permanecer no anonimato, pelo trabalho de editoração dos vários relatos e pela organização da matéria um tanto caótica.

O livro teria lucrado em simetria se todos estes relatos tivessem sido integrados numa estória única e consecutiva, mas achamos melhor deixar cada um na sua própria forma individual, de modo a conservar o traço nítido da convicção de cada testemunha.

Constance Wachtmeister

Mme. Blavatsky sobre A Doutrina Secreta:

As meus juízes, no passado e no futuro ...

Nada tenho a declarar...

Mas, ao público em geral e aos leitores
de A Doutrina Secreta, posso
repetir o que venho sempre afirmando
e que agora expresso com as palavras
de Montaigne: "Cavalheiros, fiz apenas
com isto um ramalhete de flores escolhidas
e de mim mesmo nelas nada existe,
exceto o laço que as une."

Edição de 1888, pp. XLV - XLVI

Edição de 1893, p. 29

PARTE I

RECORDAÇÕES DA CONDESSA CONSTANCE

CAPÍTULO 1

O COMPROMISSO DE BLAVATSKY

Ao descrever a maneira como Helena Petrovna Blavatsky escreveu **A Doutrina Secreta**, enquanto as circunstâncias ainda estão frescas em minha memória, com memorandos e cartas ainda disponíveis para referência, não me esquivarei de me estender um pouco sobre minhas próprias relações pessoais com minha amiga e mestra, assim como sobre muitas circunstâncias concomitantes, as quais, embora não diretamente relacionadas com a preparação do livro propriamente dita, contribuirão, estou certa, para a compreensão inteligente tanto da autora quanto da sua obra.

Para mim nada é trivial, nada é insignificante na personalidade, nos hábitos e no ambiente de Helena Petrovna Blavatsky. Gostaria apenas de transmitir ao leitor, se possível, o conhecimento, tão pleno quanto o meu, das dificuldades e perturbações que a perseguiram durante o desenvolvimento de sua obra: a pouca saúde, a vida errante, os meios desfavoráveis, a falta de material, a defecção de falsos amigos e os ataques de inimigos. Estes foram os obstáculos que dificultaram seu trabalho. Mas a cooperação de voluntários, o amor e o carinho de seus adeptos e, acima de tudo, o apoio e a orientação de seus amados e respeitáveis Mestres tornaram possível sua conclusão.

Foi em 1884 que, na oportunidade de uma visita a Londres travei conhecimento com Helena Petrovna Blavatsky, na casa dos Sinnett. Lembro-me ainda da agradável sensação que experimentei naquela memorável visita. Já havia lido anteriormente **Ísis Revelada**, com surpresa e admiração pela abundância do estranho conhecimento contido naquela obra notável. Estava, por conseguinte, preparada para apreciar respeitosamente, e mesmo com certa reverência, uma pessoa que não só havia fundado uma Sociedade que prometia vir a ser o núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade, mas que era também considerada como mensageira de homens cujo progresso mental e espiritual estava muito além da Humanidade e, desse modo, podiam ser chamados, no sentido mais estrito, de pioneiros de nossa raça.

Fui recebida cordialmente pela dona da casa, que me apresentou imediatamente a Madame Blavatsky. Suas feições revelavam uma força instintiva, expressa numa nobreza inata de caráter além de minhas expectativas. Todavia, o que mais chamou minha atenção foi o olhar fixo de seus maravilhosos olhos cinzas, calmo e inescrutável e, não obstante, penetrante. Irradiavam uma luz serena que parecia penetrar e revelar os segredos do coração.

Quando, entretanto, passei a observar as pessoas que a cercavam, experimentei

tamanha sensação de repulsa, que durante algum tempo permaneceu em minha mente como uma incômoda impressão. Era uma cena estranha para os meus olhos. No chão, ao pé do divã baixo no qual se sentava Madame Blavatsky, estavam reunidos vários visitantes que olhavam para ela com uma expressão de homenagem e adoração; outros pendiam de seus lábios com uma estudada demonstração de intensa atenção e todos me pareciam mais ou menos afetados pelo tom predominante da lisonja.

Sentei-me à parte e observava o que se passava, tomada de suspeitas que posteriormente verifiquei serem perfeitamente infundadas e gratuitas. Eu tremia, com medo de que uma personagem de quem havia formado uma imagem tão elevada viesse a se revelar uma escrava da lisonja, ávida da adulação de seus adeptos. Não podia conhecer, naquele momento, o alheamento, a indiferença ao louvor ou à censura, o elevado senso do dever daquela mulher ali diante de mim, que não se abalaria com considerações egoísticas. Não poderia então dizer que sua natureza era inerentemente incapaz de sacrificar seus poderes e sua grande missão aos reclamos de uma fácil popularidade.

Embora orgulhosa demais para se justificar diante daquelas pessoas incapazes de apreciar o elevado padrão de conduta que se impunha e mostrava ao mundo em seus escritos éticos e místicos, vez por outra se abria na intimidade com alguns de seus discípulos mais fervorosos, que se propunham com determinação a trilhar o caminho. Lembro-me da explicação que deu sobre esse ponto, quando a multidão de zombadores, na imprensa e nos salões, se perguntavam uns aos outros: "Como é que se explica que esta discípula dos semi-oniscientes Mahatmas, esta natural clarividente e especializada leitora da mente humana, não seja capaz de saber distinguir seus amigos de seus inimigos?"

"Quem sou eu", dizia ela, respondendo uma pergunta com outra, "quem sou eu para negar uma oportunidade a uma pessoa na qual descubro uma centelha ainda vacilante de reconhecimento da Causa o que sirvo, e que poderia ser inflamada numa chama de devoção? Que Importam as consequências que se abatem sobre mim pessoalmente, quando essa pessoa fracassa, sucumbindo às forças do mal que estão dentro dela - decepção, ingratidão, vingança e outras coisas mais - forças que eu vi tão claramente como via a centelha de esperança; embora em sua queda ela me cubra com deturpação, calúnia e desprezo? Que direito tenho eu de recusar, a quem quer que seja, a oportunidade de aproveitar das verdades que lhe possa ensinar e de, por conseguinte, seguir o Caminho? Eu lhes afirmo que não tenho alternativa. Estou obrigada pelas mais estritas regras e leis do ocultismo a renunciar a considerações egoísticas, e como posso ousar supor a existência de faltas num candidato e agir de acordo com minha suposição, muito embora uma aura sombria e ameaçadora possa me encher de apreensões?"

CAPÍTULO 2

BLAVATSKY CONVIDA A CONDESSA

Neste ponto considero talvez conveniente fazer uma breve alusão às circunstâncias que resultaram da visita a Madame Blavatsky, que acabo de descrever. Durante dois anos, entre 1879 e 1881, estivera estudando o Espiritualismo, tendo chegado ao resultado de que, embora fosse forçada a aceitar os fatos observados, não estava de modo algum disposta a aceitar a interpretação espiritualista comum daqueles fatos.

Por volta do fim daquele período, li **Ísis Revelada**, **Budismo Esotérico** e outros livros teosóficos. Descobrimos que as teorias que eu mesma havia formulado, independentemente, com relação à natureza e à causa de fenômenos espiritualistas, eram corroboradas e ampliadas naquelas obras, senti-me naturalmente atraída para a Teosofia.

Em 1881 inscrevi-me na Sociedade Teosófica e me filiei a uma Loja.

O resultado de meus estudos era, então, por vários motivos, insatisfatório. Voltei à leitura e à pesquisa pessoais. Estava assim em sintonia com alguns aspectos da doutrina teosófica e com os temas dos quais Madame Blavatsky havia feito estudo profundo. A leitura atenta daqueles livros serviu para aumentar minha admiração por Madame Blavatsky, de modo que, tendo surgido a oportunidade de conhecê-la, agarrei-a com entusiasmo.

Pouco depois da mencionada visita, participei de uma recepção oferecida pela Sra. Sinnett e, na ocasião, encontrei-me pela primeira vez com o Coronel Henry S. Olcott. Sua conversação, que atraía um grupo de ouvintes interessados, versava diretamente sobre tópicos dos **fenômenos** e sobre as estranhas experiências constatadas sob a sua própria observação ou nas quais desempenhara uma parte. Tudo isto, entretanto, não era suficiente para desviar minha atenção de Madame Blavatsky, cuja surpreendente personalidade e o mistério que cercava sua vida me fascinavam. Todavia, não me aproximei dela, mas passei uma noite agradável, mantendo-me à parte, na companhia de uma outra conhecida minha, Madame Gebhard, que viria mais tarde a se tornar uma grande amiga e que me entretinha com muitas histórias sobre "a velha senhora", como era então chamada Helena Petrovna Blavatsky pelas pessoas de sua intimidade.

Tive poucas oportunidades de ver Madame Blavatsky naquela minha viagem a Londres e não tinha qualquer perspectiva de vê-la novamente. Estava em preparativos para a viagem de volta, quando uma noite, para minha grande surpresa, recebi uma carta subscrita numa letra que me era estranha: era a letra de Madame Blavatsky. A carta continha um convite para eu visitá-la em Paris e dizia estar ansiosa por manter uma conversa particular comigo. Fui vencida pela tentação de conhecer melhor uma personalidade que me atraía tão profundamente e que era fundadora da Sociedade à qual eu pertencia e, assim, resolvi voltar para a Suécia, via Paris.

Chegando a Paris, dirigi-me ao apartamento de Madame Blavatsky, mas ali fui

informada de que se encontrava em Enghien, em visita à Condessa d'Adhémar. Sem agastamento, tomei o trem e pouco depois me encontrava diante da linda mansão dos Adhémar. Pequenos contratempos me aguardavam ali. Ao apresentar meu cartão de visita pedindo para ver Madame Blavatsky, fui informada, depois de esperar por algum tempo, que a senhora estava ocupada e não podia receber-me. Repliquei dizendo que estava disposta a esperar, pois, tendo vindo da Inglaterra a Paris a pedido de Madame Blavatsky, recusava-me a partir sem ter alcançado o objetivo de minha viagem. Fui, então, introduzida num grande salão, cheio de gente. Madame d'Adhémar veio ao meu encontro, recebeu-me com gentileza e me levou ao fundo da sala, onde Madame Blavatsky estava sentada. Após a troca de amabilidades, ela me disse que ia jantar naquela noite em Paris, com a Duquesa de Pomar, e me perguntou se gostaria de acompanhá-la. Sendo a duquesa uma grande amiga minha, que fora sempre muito hospitaleira e gentil, estava certa de que não me consideraria uma intrusa e, por isso, aceitei o convite. Passei aquela tarde conversando prazerosamente com muitas pessoas interessantes e ouvindo as animadas palestras de Madame Blavatsky. Sua conversação em francês era muito mais fluente do que em inglês e ali, muito mais do que em Londres, ela se achava sempre no meio de ouvintes mais ávidos de suas palavras.

No caminho entre Enghien e Paris, Madame Blavatsky manteve-se calada e distraída. Confessou que estava cansada, de modo que conversamos muito pouco e assim mesmo sobre assuntos os mais comuns. Uma vez, depois de uma longa pausa, ela me disse que ouvia distintamente a música de **Guilherme Tell** e observou que esta ópera era uma de suas favoritas.

Não era hora de ópera e minha curiosidade foi despertada. Pesquisas posteriores me indicaram que a mesma ária de **Guilherme Tell** estava sendo executada num concerto nos Campos Elísios, no exato momento em que Madame Blavatsky dissera que a estava ouvindo. Se essa música lhe chegou aos ouvidos, num estado de hiperestesia, ou se captava a melodia vinda da Luz astral, não sei. Mas, desde então, pude verificar frequentemente que de vez em quando Madame Blavatsky ouvia alguma coisa que estava acontecendo a distância.

Não aconteceu nada digno de registro naquela noite em casa da Duquesa de Pomar. Mas, quando me despedi para retornar ao hotel, Madame Blavatsky pediu-me para voltar a Enghien, no dia seguinte, para vê-la. Fui e recebi o amável convite da Condessa d'Adhémar para me hospedar com ela; mas com referência à conversação particular com Blavatsky nada foi diferente do dia anterior. Tive, todavia, o prazer de conhecer o Sr. William Q. Judge, que, naquela época, era secretário particular da "velha senhora". Mantivemos agradáveis conversas em suas horas de lazer, caminhando sob as árvores do belo parque.

Madame Blavatsky fechava-se em seu quarto durante todo o dia e eu só a via à mesa de refeição e durante as noites, quando era cercada de admiradores, sem qualquer possibilidade de uma conversa em particular. Hoje não tenho a menor dúvida de que as dificuldades que experimentei para ter acesso a Madame Blavatsky e a delonga que se interpusera, até que ela chegasse ao que me interessava, foram calculadas, à guisa de provação, mas naquela época não fazia a menor ideia disso.

Finalmente, comecei não só a querer voltar logo para a Suécia como também não estava disposta a abusar por mais tempo da hospitalidade de meus anfitriões. De modo que

um dia chamei o Sr. Judge à parte e pedi-lhe para dizer à "velha senhora" que, a menos que tivesse algo de real importância para me dizer, iria partir no dia seguinte. Pouco depois era chamada ao seu quarto e ali se seguiu uma conversação da qual jamais me esquecerei.

Madame Blavatsky disse-me muitas coisas das quais acreditava ser eu a única sabedora. Concluiu dizendo que, antes de decorridos dois anos, eu haveria de dedicar toda a minha vida à Teosofia.

Naquela época, eu tinha motivo para considerar isto como totalmente impossível e, como qualquer reticência sobre o assunto poderia ter sido sujeita a uma interpretação errônea, senti-me na obrigação de lhe dizer a verdade.

Ela apenas sorriu e disse:

- O Mestre foi quem disse e, por isso, sei que é verdade.

Na manhã seguinte, me despedi dela, agradei os Adhémars e parti. O Sr. Judge me acompanhou até a estação e me viu partir. Naquela noite fiquei perambulando pelo trem, perguntando-me se suas palavras seriam verdadeiras e imaginando como eu era completamente inapta para aquele estilo de vida e como seria impossível para mim transpor todas as barreiras que se levantavam diante de mim, interrompendo o caminho para o objetivo que ela apontara para minha perplexidade.

CAPITULO 3

“LEVA ESSE LIVRO”

No outono de 1885, preparava-me para deixar minha casa na Suécia para ir passar o inverno com alguns amigos na Itália e, se fosse o caso, fazer, de passagem, uma visita a Madame Gebhard, em sua residência em Elberfeld, na Alemanha.

Foi durante esses preparativos, quando procurava deixar tudo em ordem, prevendo a longa ausência, que ocorreu um acidente que, na realidade, não era singular para minha experiência, mas fora do normal. Estava arrumando e separando as coisas que pretendia levar comigo para a Itália, quando ouvi uma voz que dizia: "Leva esse livro, que te será útil durante a viagem." Devo esclarecer também que possuo a faculdade da clarividência e da clariaudiência bastante desenvolvidas. Voltei o olhar para um manuscrito que pusera em cima de uma pilha de coisas que deviam ficar trancadas até minha volta. Na realidade, o manuscrito parecia um **vade mecum** singularmente impróprio para umas férias, sendo uma coleção de anotações sobre o Tarot e trechos da Cabala, compilados para mim por um amigo. Resolvi, entretanto, levá-lo comigo e meti o livro no fundo de uma de minhas malas.

Chegou, finalmente, o dia de deixar a Suécia, em outubro de 1885. Cheguei a Elberfeld, onde fui recebida com afeto e cordialidade por Madame Gebhard. O calor humano e a sólida amizade daquela maravilhosa senhora foram, durante muitos anos, uma fonte de conforto e de apoio para mim, como também o foram para Madame Blavatsky. Minha afeição e admiração por ela cresceram à medida que ia conhecendo melhor seu verdadeiro e nobre caráter, que se ia revelando gradualmente diante de mim.

Segundo me constava, Madame Blavatsky, juntamente com outros teosofistas, teria estado durante cerca de oito semanas com Mme. Gebhard, naquele outono de 1884, de modo que deveria ter muitas coisas para me contar sobre os interessantes incidentes ocorridos naquele período. Assim, voltei àquela esfera de influência que me causara uma impressão tão profunda em Enghien e senti renascer todo meu interesse e entusiasmo por Madame Blavatsky.

Aproximava-se, todavia, a data de minha partida para a Itália.

Meus amigos não cessavam de insistir para que fosse logo estar com eles. Acabei marcando a data da viagem.

Quando disse a Madame Gebhard que dentro de poucos dias estaria de partida, ela mencionou uma carta que havia recebido de Madame Blavatsky, na qual se queixava da solidão. Estava doente do corpo, e de ânimo deprimido. Seus únicos companheiros eram uma criada e um cavalheiro indiano que a acompanhava desde Bombaim, sobre o qual falarei mais adiante.

- Vá estar com ela, disse Madame Gebhard, ela precisa de solidariedade e você é capaz de animá-la. Para mim é impossível, tenho minhas obrigações, mas você poderá ajudá-la, se quiser.

Comecei a pensar no assunto. O fato é que, para atender àquele pedido, só corria

o risco de desapontar meus amigos na Itália, mas seus planos não seriam muito prejudicados. Resolvi, finalmente, que, se Madame Blavatsky estivesse desejando minha companhia, iria passar um mês com ela, antes de viajar para o Sul. Assim, como ela predissera, e no período estabelecido, as circunstâncias pareciam estar me conduzindo de volta para ela.

Madame Gebhard ficou realmente contente quando lhe falei de minha decisão e lhe mostrei uma carta que escrevera à "velha senhora" em Würzburg, sugerindo que, se fosse de seu desejo receber-me em sua casa, iria passar algumas semanas com ela, pois Madame Gebhard dissera que ela estaria precisando de companhia. A carta foi despachada e ficamos aguardando a resposta com ansiedade. Quando esta chegou, ficamos muito excitadas com referência ao seu conteúdo. A prelibação converteu-se logo em consternação da parte de Madame Gebhard e desapontamento para mim, quando descobrimos, nos dizeres da carta, nada além de uma delicada negativa: Madame Blavatsky sentia muito, mas não tinha acomodação para mim; além disso, estava tão ocupada escrevendo **A Doutrina Secreta**, que não dispunha de tempo para entreter visitantes. Todavia, esperava que pudéssemos nos encontrar no meu regresso da Itália. O tom era bastante polido e mesmo amável, mas nas entrelinhas o que ela queria dizer, inequivocamente, era que minha presença não era desejada.

Madame Gebhard tinha uma expressão de tristeza enquanto eu lia a carta em voz alta. A coisa para ela parecia evidentemente incompreensível. Quanto a mim, depois do desencanto inicial, voltei minhas vistas esperançosa para a minha viagem ao Sul.

Poucos instantes depois, minhas malas estavam prontas e um tálburi já estava à minha espera à porta da casa, quando me puseram na mão um telegrama com os seguintes dizeres: "Venha logo Würzburg sua presença requerida imediatamente - Blavatsky."

É fácil imaginar que essa mensagem me apanhou de surpresa, e perplexa, voltei-me para Madame Gebhard, para lhe pedir uma explicação. Mas ela estava simplesmente enlevada e feliz. Evidentemente todos os seus pensamentos, todas as suas simpatias estavam com a "velha senhora".

- Oh, no final das contas, está vendo, ela precisa de você, exclamou. Vá estar com ela, vá.

Não havia como resistir. Deixei minhas inclinações secretas encontrarem uma desculpa na força da persuasão e em vez de comprar um bilhete de passagem para Roma, comprei um para Würzburg. Dali a poucos instantes estava viajando para cumprir o meu carma.

Já era noite quando cheguei à casa de Madame Blavatsky. Meu coração batia descompassadamente, enquanto subia as escadas, perguntando-me sobre a espécie de acolhida que me seria dispensada. Não tinha a menor ideia das causas que haviam ditado aquela mudança de última hora. O campo das possibilidades era bastante amplo, para dar rédeas à imaginação, que agora me sugeria o fato de uma enfermidade grave e súbita como causa do telegrama, enquanto me comprazia com a previsão de uma terceira mudança que, no final das contas, me levaria a Roma dentro de trinta e seis horas. A realidade estava igualmente distante desses dois extremos.

A recepção de Madame Blavatsky foi cordial. Após as primeiras palavras de

cumprimento, ela observou:

- Devo-lhe desculpas por me ter comportado de maneira tão estranha. Vou dizer-lhe a verdade, isto é, eu não precisava de você. Disponho apenas de um quarto de dormir aqui e pensava que, sendo a senhora uma pessoa muito fina, não gostaria de partilhá-lo comigo. Meus costumes provavelmente não são os seus. Se viesse ficar comigo, eu sabia que haveria de ter de se acomodar a muitas coisas que lhe poderiam parecer bastante incômodas. Foi por isso que resolvi não aceitar seu oferecimento e foi nesse sentido que lhe escrevi; mas, depois que pus a carta no correio, meu Mestre veio e me disse para chamá-la. Nunca desobedeci ao meu Mestre e, por isso, lhe telegrafei imediatamente. Desde então venho procurando tornar o quarto mais habitável. Comprei uma grande tela para dividi-lo, de modo que você fica de um lado e eu do outro, e espero que não se sinta muito desconfortável.

Respondi-lhe dizendo que, qualquer que fosse o ambiente ao qual poderia estar acostumada, eu deixaria tudo, de boa vontade, pelo prazer de lhe fazer companhia.

Lembro-me muito bem que foi no momento em que, juntas, nos dirigíamos para a sala de jantar, para tomar um pouco de chá, que ela me disse abruptamente, como se se tratasse de algo que tivesse há muito tempo na mente:

- Ah, o Mestre me disse que você tem um livro para mim, do qual estou precisando muito.

- Sinto muito, respondi, mas não trouxe nenhum livro.

- Pense bem, disse ela. O Mestre diz que lhe foi dito na Suécia para você trazer um livro sobre o Tarot e a Cabala.

Foi, então, que me lembrei das circunstâncias a que já me referi.

Desde o momento em que colocara o manuscrito no fundo de minha mala, não o vira mais e me esquecera dele. Em seguida, saí correndo para o quarto, abri a mala, enfiei a mão no fundo e o encontrei no mesmo canto onde o pusera ao arrumar minha bagagem. Mas não foi tudo. Quando voltei à sala de jantar, com o livro na mão, Madame Blavatsky fez um gesto e exclamou:

- Pare e não o abra ainda. Agora abra-o na página dez e na sexta linha encontrará as palavras...

E citou um trecho.

Abri o embrulho, o qual, convém lembrar, não era um volume impresso, do qual pudesse haver um exemplar em poder de Madame Blavatsky, mas apenas um manuscrito, em que, como já observei, tinham sido escritos notas e trechos por um amigo meu, exclusivamente para o meu uso. Apesar disso, na página e na linha que ela indicara, encontrei exatamente o trecho que citara.

Quando lhe entreguei o livro, aventurei-me a lhe perguntar por que precisava dele.

- Oh, respondeu-me, para **A Doutrina Secreta**. Esta é a nova obra na qual me acho empenhada agora. O Mestre está coletando material para mim. Ele sabia que você tinha o livro e lhe disse para trazê-lo, para que estivesse à mão para referência.

Nenhum trabalho foi feito naquela primeira noite, mas no dia seguinte comecei a constatar qual era o sistema de vida de Madame Blavatsky e qual seria o meu provavelmente enquanto permanecesse com ela.

CAPÍTULO 4

A VIDA COM MADAME BLAVATSKY

A descrição de um só dia servirá para dar uma ideia da rotina de sua vida, naquela época.

Às seis horas eu era despertada pela criada que entrava trazendo uma xícara de chá para Madame Blavatsky que, após essa ligeira refeição, levantava-se e se vestia para, pouco depois, por volta das sete horas, já encontrar-se em sua secretária na sala de estar.

Ela me disse que este era o seu hábito invariável e que o café da manhã seria servido às oito. Após o café, instalava-se em sua secretária e o seu dia de trabalho começava cedo. A uma hora da tarde era servido o almoço, cabendo-me a função de tocar uma sineta para chamar Madame Blavatsky. Às vezes ela vinha imediatamente; outras vezes sua porta permanecia fechada durante horas, até que nossa empregada suíça viesse a mim, com lágrimas nos olhos, para saber o que teria de fazer com o almoço da Madame. O almoço, então, ficava frio ou ressecado, queimado ou completamente estragado. Madame Blavatsky chegaria, por fim, cansada depois de muitas horas de trabalho exaustivo e de jejum; outro almoço era, então, preparado ou eu mandaria buscar no hotel algum prato nutritivo para ela.

Às sete horas parava de escrever e, após o chá, passaríamos juntas uma noite agradável.

Confortavelmente sentada em sua grande poltrona, Madame Blavatsky gostava de arrumar suas cartas de baralho para um jogo de paciência, como dizia, para descansar sua mente. Era como se o processo mecânico de pôr as cartas pudesse libertar sua mente da pressão do trabalho concentrado de escrever o dia todo. À noite, jamais falava de Teosofia. A tensão mental do dia era tão pesada, que precisava, acima de tudo, de descansar. Assim, mandava buscar tantas revistas quanto possível para ler os artigos e trechos que provavelmente lhe Interessassem mais ou a divertissem. Às nove horas, recolhia-se aos seus aposentos, onde se cercaria de seus jornais russos, lendo-os até tarde da noite.

Assim passavam nossos dias na mesma rotina sendo a única mudança digna de nota o fato de às vezes deixar aberta a porta entre seu gabinete e a sala de jantar, onde eu ficava, e de vez em quando conversávamos, ou escrevia cartas para ela ou discutíamos o conteúdo das correspondências recebidas.

Eram poucos nossos visitantes. Uma vez por semana o médico vinha saber de seu estado de saúde e ficaríamos tagarelando durante mais de uma hora. Às vezes, embora muito raramente, nosso senhorio vinha contar alguma estória da vida como ele a via através de seus óculos e nos ríamos muito: uma agradável interrupção da monotonia do trabalho diário.

Nessa ocasião, fiquei sabendo um pouco mais sobre A Doutrina Secreta, além de que deveria ser um trabalho muito mais volumoso do que **Ísis Revelada**. Consistiria, quando

concluído, de quatro volumes e ofereceria ao mundo tanta doutrina esotérica quanto possível no presente estágio da evolução humana.

- Será, naturalmente, muito fragmentário, dizia ela, e haverá necessariamente, grandes lacunas, mas levarei os homens a pensar e quanto mais estiverem dispostos, mais lhes será revelado.

- Mas isto, não vai acontecer, acrescentou depois de uma pausa, até o próximo século, quando os homens começarão a compreender e discutir este livro com inteligência.

Recebi logo a incumbência de passar a limpo o manuscrito de Madame Blavatsky. Foi quando comecei, naturalmente, a vislumbrar o tema de A Doutrina Secreta.

Não me referi anteriormente à presença de um senhor hindu em Würzburg, a qual, durante algum tempo, constituiu um destaque na nossa pequena sociedade.

Foi um dia em Adyar que um indiano, coberto de poeira, vestido em trajes andrajosos e com uma expressão de miséria estampada no rosto, apresentou-se a Madame Blavatsky. Atirou-se a seus pés e, entre lágrimas, suplicou que o salvasse. Inquirido, contou que, em estado de exaltação religiosa, havia vagado pela selva com a intenção de renunciar à sociedade, tornar-se "habitante da selva" e entregar-se à contemplação religiosa e a práticas de Ioga. Ali se havia encontrado com um iogue que se mostrou disposto a recebê-lo como discípulo e com ele passara algum tempo no estudo do difícil sistema da Hatha Ioga, sistema que se baseia exclusivamente em processos psicológicos para o desenvolvimento de forças psíquicas.

No fim, vencido pelo terror de suas experiências e pelo terrível treinamento a que se submetera, acabou fugindo de seu guru. Que circunstâncias o teriam conduzido a Madame Blavatsky, não sabemos, mas veio a ela, que o confortou, tranquilizou seu espírito, vestiu-o e o alimentou. Depois, a seu pedido, começou a lhe ensinar o caminho verdadeiramente espiritual para o desenvolvimento, a filosofia Raja Ioga. Ele, em troca, lhe jurou eterna devoção e, quando Madame Blavatsky partiu da Índia para a Europa, persuadiu-a a levá-lo em sua companhia.

Era um homem de pequena estatura, de temperamento irrequieto e de olhos vivos e redondos como contas. Durante os primeiros dias que passei em Würzburg, estivera sempre conversando comigo, traduzindo histórias de seus livros em tâmil e contando suas maravilhosas aventuras na selva, em companhia de seu mestre de Hatha Ioga. Mas o indiano não ficou muito tempo em Würzburg. Madame Gebhard fez-lhe um cordial convite para visitá-la em Elberfeld e, assim, uma manhã, após uma dramática cena de despedida de Madame Blavatsky, durante a qual declarou que ela havia sido mais do que uma mãe para ele, que os dias que passara em sua companhia foram os mais felizes de sua vida, partiu. E, lamento dizê-lo, para não mais voltar. A lisonja subiu-lhe à cabeça e o pobre homem se tornou infiel a tudo que deveria considerar como mais sagrado para ele.

Gostaria de me estender pouco sobre incidentes como este, o qual, infelizmente, não se constituiu num caso isolado de ingratidão e deserção, mas, talvez, no caso que mais penosamente abalou Madame Blavatsky. Mencionei-o aqui para dar um exemplo da provação psicológica que, a par dos achaques e dos males físicos, tornava lento e penoso o andamento de sua tarefa.

A vida tranquila e de estudo, que procurei descrever, continuou durante algum tempo e os trabalhos se desenvolviam bem, até que uma manhã um raio se abateu sobre nós. Pelo

correio da manhã, sem qualquer aviso prévio, Madame Blavatsky recebeu um exemplar do conhecido Relatório da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Foi um golpe cruel para ela e da maneira como foi dado, inteiramente inesperado. Jamais me esquecerei daquele dia, nem do olhar de perplexidade e de desânimo incontido que Madame Blavatsky lançou sobre mim quando entrei no seu gabinete e a encontrei com o livro aberto em suas mãos.

- Este é o carma da Sociedade Teosófica, exclamou. E cai sobre mim. Sou o bode expiatório. Sou feita para levar todos os pecados da Sociedade e agora que estou classificada como a maior impostora da época e, ainda por cima, espiã russa, quem me dará crédito ou lerá A Doutrina Secreta? Como posso executar a tarefa do Mestre? Oh! malditos fenômenos, que só produzi para recrear alguns amigos e instruir as pessoas que me cercam. Que carma terrível de suportar! Como poderei viver com ele? Se eu morrer, a obra do Mestre estará perdida, será o fracasso da Sociedade!

Na intensidade de sua paixão, de início não queria dar ouvido à razão, mas se voltava contra mim, dizendo:

- Por que não se vai embora? Por que não me deixa? Você é uma condessa, por isso não há de querer ficar aqui com uma mulher arruinada, com uma pessoa posta como escárnio diante do mundo, que será apontada em toda parte como trapaceira e velhaca. Vá-se embora antes de ser maculada por minha desonra.

- Blavatsky, disse-lhe frente a frente. Você sabe que o Mestre vive, que ele é o seu Mestre e que a Sociedade foi fundada por ele. Como poderá ela perecer? E uma vez que sei disso tanto quanto você, uma vez que para mim a verdade está agora além de qualquer possibilidade de dúvida, como pode, por um momento, supor que a pudesse desertar e abandonar a causa à qual ambas nos comprometemos a servir? Pois, mesmo se todo membro da Sociedade Teosófica se tornasse traidor da causa, você e eu permaneceríamos, esperaríamos e trabalharíamos até quando viessem de novo bons tempos.

Chegavam cartas que só continham recriminações e injúrias, deserção de membros, enquanto a apatia e o medo se apossavam dos remanescentes. Foi uma época de provação. A própria existência da Sociedade Teosófica parecia ameaçada e Madame Blavatsky se sentia como se tudo se estivesse desmoronando a seus pés.

Sua natureza sensível estava profundamente abalada, sua indignação e ressentimento por esse golpe injusto estavam tão vivos, que não dava ouvido aos conselhos de paciência e de moderação. Nenhum argumento a demovia de partir para Londres imediatamente e aniquilar seus inimigos na chama de sua ira e de seu desespero, e durante muito tempo nada de útil pôde ser feito. No fim reconheceu que não havia esperança ou remédio nos processos legais, nem na Inglaterra nem na Índia. Isto ficou evidenciado. num trecho do "Protesto", em que contribuiu para a resposta de Sinnett ao **Relatório**, intitulada "Fenômenos do Mundo Invisível e a Sociedade de Pesquisa psíquica", que transcrevo:

O Senhor Hodgson sabe, e a Comissão, sem dúvida alguma, também o sabe que está livre de ação de injúria de minha parte, pois não tenho dinheiro para gastar com custos processuais (uma vez que doei tudo que possuía à causa a que sirvo). e também porque minha Vindicação envolveria o exame de mistérios psíquicos que não

podem ser tratados positivamente por um tribunal de Justiça. Além disso, há perguntas para as quais me comprometi jamais dar respostas e que uma investigação legal dessas injúrias acabaria por levantar, enquanto meu silêncio e recusa de responder a certas indagações seriam mal interpretados como “desacato à justiça”. Esse estado de coisas explica o ataque despuído lançado contra uma mulher quase indefesa e a inação a que estou cruelmente condenada.

Quero citar também, para complementar meu próprio relato daquele período de provação, a impressão de Sinnett em **Incidents In the Life of Madame Blavatsky (Incidentes na Vida de Madame Blavatsky)**:

Durante toda aquela quinzena, o tumulto das paixões de Madame Blavatsky tornava impossível qualquer progresso em sua obra. Seu temperamento vulcânico fazia dela má expositora de sua própria causa, qualquer que fosse. Das cartas, memorandos e protestos, nos quais desperdiçou suas energias durante aqueles terríveis quinze dias, poucos, se é que existe algum, eram de natureza que pudessem ter ajudado um público frio e desinteressado a compreender a verdade das coisas. Não vale a pena lembrá-los aqui. Eu a induzi a moderar o estilo de um protesto, reduzindo-o a uma forma apresentável, para ser inserido num panfleto que publiquei no fim de janeiro. Quanto aos demais só seus amigos mais íntimos teriam condições de avaliar corretamente sua fúria e sua paixão. Sua linguagem, em seus acessos de excitação, levaria uma pessoa estranha a perceber nela uma sede de vingança que escapava ao seu próprio controle, pronta que estava para cobrá-la selvagemmente de seus inimigos, se lhe fossem dadas as condições para isto. Todavia, só aqueles que a conheciam tão intimamente como a meia dúzia de seus amigos mais chegados, sabiam que, em meio a toda essa efervescência de sentimentos, se seus inimigos fossem postos subitamente em suas mãos, sua ira contra eles se desvaneceria como uma bolha de sabão desfeita.

Para concluir este episódio, talvez me seja permitido citar uma carta que, naquela época, escrevi a Sinnett e que foi publicada em seu **Incidents in the Life of Madame Blavatsky** e na Imprensa americana, na qual sintetizei algumas impressões de minha estada em Würzburg. Omitirei o primeiro parágrafo, por se referir apenas a matéria já abordada neste livro:

Tendo ouvido os rumores absurdos que circulavam contra ela (Madame Blavatsky) e segundo os quais era acusada de praticar a magia negra, a fraude e a trapaça, fiquei atenta e a tratava com espírito calmo e tranquilo, decidida a dela nada receber de natureza oculta sem prova suficiente, para me tornar positiva, manter meus olhos abertos e ser justa e verdadeira em minhas conclusões. O senso comum não me permitiria acreditar na sua culpa sem prova, mas, se essa prova tivesse sido apresentada, meu sentimento de honra não permitiria que eu permanecesse numa Sociedade, na qual a fundadora praticasse a trapaça e o embuste. Minha disposição de espírito me inclinava para a investigação e eu estava ansiosa por descobrir a verdade.

Passei alguns meses com Madame Blavatsky. Partilhei o seu quarto e estava com ela de manhã, de tarde e de noite. Tinha acesso a todas as suas caixas e gavetas, lia as cartas que recebia e as que escrevia e agora declaro, aberta e honestamente, que

tenho vergonha de mim mesma por um dia haver suspeitado dela, pois acredito que seja uma mulher honesta e verdadeira, fiel até a morte a seus Mestres e à causa pela qual sacrificou posição, fortuna e saúde. Não tenho a menor dúvida de que fez esses sacrifícios, pois vi a prova deles, alguns dos quais consistiam de documentos cuja autenticidade está acima de qualquer suspeita.

De um ponto de vista mundano, Madame Blavatsky é uma mulher infeliz, caluniada, suspeita e injuriada; mas apreciada de um ângulo superior, tem dons extraordinários e nenhuma difamação pode privá-la dos privilégios de que é dotada e que consistem no conhecimento de muitas coisas só conhecidas de poucos mortais e no intercâmbio pessoal com certos adeptos orientais.

Tendo em vista o extenso conhecimento que possui e que vai até a parte invisível da natureza, é de lamentar que todas as suas dificuldades e provações a impeçam de repartir com o mundo muitas Informações que estaria disposta a fornecer, se lhe fosse dado viver tranquila e em paz.

Até a grande obra em que se encontra presentemente empenhada, **A Doutrina Secreta**, tem sido grandemente prejudicada por todas essas perseguições, cartas ofensivas e outras pequenas contrariedades, às quais tem estado sujeita neste Inverno; convém lembrar que Madame Blavatsky não é uma Adepta amadurecida, nem ela mesma ousa assim se considerar, de modo que, apesar de toda a sua ciência, é tão dolorosamente sensível ao insulto e à suspeição como qualquer senhora de bem na sua condição.

A Doutrina Secreta será, na realidade, uma grande e portentosa obra. Tenho tido o privilégio de acompanhar seu desenvolvimento, de ler os manuscritos e de testemunhar a maneira oculta em que ela recebe suas informações.

Tenho ouvido, ultimamente, entre pessoas que se dizem "teosofistas", expressões que me surpreendem e magoam. Algumas dessas pessoas dizem que "se se provasse que os Mahatmas não existiram, não teria importância, a Teosofia continuaria sendo, apesar de tudo, uma verdade, e assim por diante". Estas e outras declarações semelhantes têm circulado na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos; mas, para meu entendimento, estão muito erradas, pois, em primeiro lugar, se não existissem os Mahatmas ou Adeptos, isto é, pessoas que progrediram de tal forma na escala da evolução humana, que se tornaram capazes de unir sua personalidade ao sexto sentido do Universo (o Cristo universal), então os ensinamentos desse sistema, que foi chamado de "Teosofia", seriam falsos; pois haveria um rompimento na escala da progressão, que seria mais difícil de explicar do que a ausência do "elo perdido" de Darwin. Mas, se essas pessoas se referem simplesmente àqueles Adeptos que dizem ter sido ativos na fundação da "Sociedade Teosófica", parecem esquecer que, sem esses Adeptos, jamais teríamos tido essa Sociedade, nem **Ísis Revelada**, **Budismo Esotérico**, **Luz no Caminho**, **O Teosofista** e outras valiosas publicações teosóficas já escritas; e se, no futuro, nos fechássemos à influência dos Mahatmas e nos entregássemos exclusivamente aos nossos recursos, haveríamos de nos perder imediatamente no labirinto da especulação metafísica. Fique com a ciência e a filosofia especulativa o confinamento a teorias e a obtenção de seus dados no conteúdo de livros: a Teosofia deve ir mais longe e adquirir conhecimento diretamente

da percepção interior.

O estudo da Teosofia Significa, por conseguinte, **desenvolvimento prático** e para atingir esse desenvolvimento faz-se necessário um guia que saiba o que ensina, e que tenha, ele próprio, alcançado esse estado pelo processo da **regeneração espiritual**.

Depois de tudo que foi dito nas **Memórias** de Sinnett sobre os fenômenos ocultos que tiveram lugar na presença de Madame Blavatsky e de como esses fenômenos foram parte e parcela de sua vida, ocorrendo sempre, com e sem o seu conhecimento, quero apenas acrescentar que, durante minha estada com ela, testemunhei frequentemente esses fenômenos autênticos. Nesses casos, como em todas as outras coisas da vida, o ponto principal está em aprender a discernir com correção e a avaliar tudo no seu justo valor.

Cordialmente
CONSTANCE WACHTMEISTER, F. T. S.

CAPÍTULO 5

ESCREVENDO A DOUTRINA SECRETA

Não é de admirar que o andamento de **A Doutrina Secreta** tivesse sofrido uma parada durante aqueles dias tormentosos e que, uma vez retomado o trabalho, tivesse sido difícil conseguir o necessário desligamento e tranquilidade de espírito para o seu prosseguimento.

Uma noite, disse-me Madame Blavatsky:

- Você não pode imaginar o que é sentir tantos pensamentos e correntes adversos dirigidos contra você; é como as alfinetadas de milhares de alfinetes e preciso estar continuamente levantando um muro de proteção em torno de mim.

E, ao lhe perguntar se sabia de quem vinham esses pensamentos inamistosos, respondeu-me:

- Sim, infelizmente sei e estou sempre fechando meus olhos para não ver nem saber.

Para provar essa realidade, falar-me-ia de cartas que tinham sido escritas, citando trechos das mesmas, que chegavam um ou dois dias depois, nas quais eu constatava a exatidão dos trechos citados.

Um dia, durante esse período, ao entrar no gabinete de Blavatsky, encontrei o chão coberto de folhas manuscritas. Perguntei a razão desse aspecto de confusão e ela respondeu:

- Sim, tentei doze vezes escrever esta pagina corretamente e toda vez o Mestre diz que está errado. Acho que vou ficar louca, escrevendo-a tantas vezes; mas deixe-me sozinha; não descansarei enquanto não o conseguir, ainda que tenha de ficar aqui a noite toda.

Levei uma xícara de café para reanimá-la e sustê-la e, em seguida, deixei-a entregue à sua fastidiosa tarefa. Uma hora mais tarde ouvi sua voz me chamando e, ao entrar, verifiquei que havia, finalmente, concluído o trecho e de maneira satisfatória. O esforço, porém, tinha sido terrível e os resultados, naquela época, eram muitas vezes pequenos e incertos.

Quando se recostou na poltrona, saboreando seu cigarro, aliviada do árduo esforço, sentei-me no braço da grande cadeira e lhe perguntei como podia cometer erros no registro do que lhe era transmitido.

- Veja bem, o que eu faço é isto: -O que eu faço só posso descrever como uma espécie de vácuo que se delineia no ar diante de mim. Fixo meu olhar e minha vontade nesse vácuo e logo em seguida cenas, uma depois da outra, começam a desfilar diante de meus olhos, como quadros sucessivos de um diorama. Se preciso de uma referência ou informação de algum livro, concentro minha mente no objetivo e a contrapartida astral do livro surge diante de mim e dela retiro o que preciso. Quanto mais livre estiver minha mente de distrações e mortificações, mais energia e concentração possuirá e mais facilmente poderei funcionar; mas, hoje, depois de todos os aborrecimentos que suportei em consequência da carta de X., não pude

concentrar-me devidamente e toda vez que tentava fazia as citações erradas. O Mestre diz que agora está certo, de modo que podemos tomar um pouco de chá.

Já observei como eram poucos nossos visitantes naquela época.

Naquela noite, porém, fui surpreendida ao ouvir o som de uma voz estranha no corredor e logo depois era anunciado um professor alemão, cujo nome me dispense de citar.

Pedi desculpas pela intromissão; havia percorrido muitos quilômetros, dizia, para ver Madame Blavatsky e manifestar sua solidariedade. Era conhecedor da animosidade e injustiça que caracterizavam o **Relatório** da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Não queria a Madame Blavatsky lhe proporcionar uma demonstração, no interesse da ciência psíquica, de alguns dos fenômenos que pudesse facilmente produzir?

No momento a "velha senhora" estava muito cansada e talvez não tivesse muita confiança nas polidas profissões de fé de seu visitante. De qualquer maneira, não estava muito propensa a satisfazê-lo, mas, no fim, persuadida por suas súplicas, consentiu em produzir alguns experimentos insignificantes em força psicoelétrica - batidas - os **fenômenos** mais simples, mais fáceis e mais comuns.

Ela lhe pediu para afastar a mesa, que estava diante dela, até uma certa distância, de modo que ele pudesse circular livremente em seu redor e a examinasse de todos os lados.

- Agora, disse Madame Blavatsky, baterei naquela mesa tantas vezes quantas o senhor quiser.

De início ele pediu três vezes, depois cinco, depois sete vezes e assim por diante. Toda vez que Madame Blavatsky levantava seu dedo, apontando-o para a mesa, vinham as batidas nítidas e distintas de acordo com o desejo expresso.

O professor parecia encantado. Saltava de um lado para outro da mesa com maravilhosa agilidade e espiava debaixo dela, examinando-a de todos os lados. Quando Madame Blavatsky estava cansada demais para continuar a lhe satisfazer, ele sentou-se e a assediou com perguntas importunas, às quais ela respondia com sua habitual vivacidade e charme.

Finalmente nosso visitante resolveu partir, não convencido, conforme ficamos sabendo depois. Era discípulo de Huxley e preferia adotar qualquer explicação, mesmo absurda, contanto que não entrasse em conflito com as suas próprias teorias.

Pobre Madame Blavatsky! Seus membros inchados e doloridos, que com dificuldade a levavam da cadeira para o sofá, estavam pouco aptos para a ginástica que o Professor lhes atribuía.

A circunstância que, talvez, mais do que qualquer outra chamou minha atenção e despertou minha admiração quando comecei a ajudar Madame Blavatsky como sua amanuense, tendo assim obtido alguns vislumbres da natureza de seu trabalho em **A Doutrina Secreta**, era a pobreza de sua biblioteca itinerante. Seus manuscritos estavam repletos de referências, citações e alusões, tiradas de uma massa de obras raras e obscuras sobre assuntos das mais variadas espécies. Às vezes precisava verificar o trecho de algum livro que só podia ser encontrado no Vaticano ou então de algum documento, do qual só o Museu Britânico possuía um exemplar. Não

obstante, ela precisava apenas de uma verificação. Esses assuntos que achava que devessem ser verificados, não importa a maneira como os obtivesse, certamente não podiam ter sido retirados do punhado de livros ordinários que trazia com ela.

Pouco depois de minha chegada a Würzburg, perguntou-me se conhecia alguém que pudesse fazer uma pesquisa na Biblioteca Bodleiana. Por acaso eu conhecia uma pessoa a quem podia pedir o favor, de modo que meu amigo confirmou um trecho que Madame Blavatsky havia visto na Luz astral, com o título do livro, capítulo, página e números, tudo corretamente anotado.

Essas visões apresentavam muitas vezes a imagem do original ao inverso, como acontece num espelho. Embora essas palavras invertidas possam ser facilmente lidas, com alguma prática, é muito mais difícil evitar erros em números. E eram números que estavam em questão naquela ocasião.

Uma vez me foi atribuída uma tarefa muito difícil, isto é, verificar uma passagem retirada de um manuscrito do Vaticano. Tendo travado conhecimento com um cavalheiro que tinha um parente no Vaticano, com certa dificuldade consegui a verificação do texto. Duas palavras estavam erradas, mas o restante estava certo. E, por estranho que pareça, fui informada de que aquelas palavras erradas, por estarem consideravelmente borradas, eram difíceis de ser decifradas.

Estes são apenas alguns dos muitos casos que poderia relatar.

Se Madame Blavatsky precisasse de uma informação definida sobre qualquer assunto que fosse essencial ao seu escrito, essa informação lhe seria transmitida de uma maneira ou de outra: ou em comunicação com algum amigo distante, num jornal ou numa revista, ou no curso de nossa casual leitura de livros. Isto acontecia com uma frequência e relevância que dificilmente poderia ser atribuída sua ocorrência a uma mera coincidência. Quando possível, ela preferia recorrer a meios normais do que aos anormais, de modo a não exaurir suas energias desnecessariamente.

Não fui a única pessoa a observar a ajuda espontânea que era dada a Madame Blavatsky na elaboração de sua obra e a precisão das citações que recebia. Incluo aqui uma nota que me foi enviada por Miss E. Kislingbury, que ilustra o fato e o focaliza em dimensão mais ampla:

*Depois da publicação do agora famoso Relatório da Sociedade Psíquica, cuja injustiça senti profundamente, resolvi visitar Madame Blavatsky Que morava, então, segundo me foi informado, em Würzburg. Fui encontrá-la vivendo tranquilamente na pitoresca e velha cidade alemã, com a Condessa Wachtmeister, que permanecera com ela durante todo o inverno. Madame Blavatsky estava adoentada, sofrendo uma complicação de indisposições e sob constante tratamento médico. Estava atormentada com a defecção de amigos e os ataques mesquinhos de inimigos, em consequência do referido **Relatório**. Todavia, apesar de todas essas dificuldades, Madame Blavatsky estava empenhada na colossal tarefa de escrever **A Doutrina Secreta**. Numa cidade estrangeira, cuja língua dos habitantes não lhe era familiar, só com aqueles livros que trouxera consigo da Índia, longe de quaisquer amigos que a pudessem ter ajudado na descoberta de oportunas referências ou na sugestão de notas úteis, trabalhava com afinco, raramente deixando sua escrivaninha, exceto para as refeições, desde as primeiras horas da manhã até às seis da tarde. Mas*

*Madame Blavatsky tinha seus auxiliares invisíveis quando se sentava para escrever na sala reservada ao seu trabalho. Como na época eu não fizesse parte da Sociedade Teosófica, embora eu tivesse conhecido Madame Blavatsky quase desde sua fundação, pouco me era dito, a mim ou diante de mim, sobre os métodos usados. Um dia, entretanto, ela me trouxe um papel com uma citação de um escritor católico sobre a relação entre a ciência e a religião, que lhe tinha sido transmitida. Perguntou-me se eu poderia ajudá-la a conferi-la. Quanto ao autor e à obra em que figurava. Fiquei impressionada com a natureza da citação, que poderia ser das **Conferências sobre Ciência e Religião (Lectures on Science and Religion)**, do Cardeal Wiseman. Escrevi a um amigo em Londres, com o resultado de que a conferência era perfeita, com relação ao capítulo e página, conforme consta em **The Secret Doctrine**, vol. II, p. 704.*

CAPÍTULO 6

A TEOSOFIA, UM PRESENTE PARA A HUMANIDADE

Outro incidente de frequente ocorrência chegava ao meu conhecimento de vez em quando e constituía outra modalidade de Madame Blavatsky receber ajuda e orientação em seu trabalho. Muitas vezes via, nas primeiras horas da manhã, uma folha de papel em cima de sua secretária, toda rabiscada de caracteres estranhos e em tinta vermelha, Ao lhe perguntar qual era o significado dessas anotações misteriosas, respondeu-me que indicavam seu trabalho para aquele dia.

Estão aí exemplos das mensagens **precipitadas** que têm sido objeto de tão acalorada controvérsia, mesmo nas fileiras da Sociedade Teosófica, e de um ilimitado e grosseiro ridículo – “as mal-assombradas mensagens 'vermelhas e azuis', como na realidade são chamadas por X”, para citar uma carta de Madame Blavatsky naquela época e, posteriormente, publicada em **The Path**. Na mesma carta ela continua:

*Era fraude? **Certamente não.** Era escrita e produzida por elementares? Nunca. Era transmitida e os fenômenos **físicos** são produzidos por elementares usados para o fim, mas o que têm eles, aqueles seres insensatos, a ver com porções inteligentes das menores e mais tolas mensagens?*

Talvez não seja de admirar que mensagens dessa espécie devam ser recebidas com suspeita no presente estado de ignorância dos fenômenos psíquicos. O máximo que se poderia esperar do homem em geral seria a suspensão do julgamento, seguida do desejo de aprender e investigar. Mas quando passamos a examinar o próprio comportamento de Madame Blavatsky com relação a essas mensagens, encontramos uma prova incontestável de sua boa fé. Para ela essas mensagens chegavam diretamente e as injunções que continham eram sempre observadas por ela com submissão e obediência, mesmo quando teria preferido agir de outra maneira.

Quantas vezes lastimeei ver pilhas do manuscrito, cuidadosamente preparadas e copiadas, serem atiradas às chamas, a uma palavra, a uma intimação dos Mestres! Era um verdadeiro acervo de informações e comentários que, me parece, seriam de valor inestimável para nós, agora que perdemos nossa Mestra.

Naquela época, é verdade: eu entendia muito pouco o que copiava e não avaliava o valor dos ensinamentos como o faço agora. Tenho pensado muitas vezes que, exatamente por isso, eu era a pessoa mais indicada para a tarefa, pois uma vez que só fragmentos e sugestões são revelados em **A Doutrina Secreta**, é possível que Madame Blavatsky tivesse escrito, naqueles primeiros tempos, muita coisa que não deveria ser tornada pública, mesmo para quem, como eu mesma, fosse um discípulo zeloso, embora inexperiente. Realmente, sei como fato que grande parte do ensinamento realmente esotérico teve de ser eliminada de seus escritos e, como eu disse, muitos, de seus manuscritos e de minhas cópias foram destruídos. Naquela época, também, nunca obtive quaisquer respostas satisfatórias às minhas indagações, de modo que no fim aprendi a ficar em silêncio e raramente, ou nunca, fazia perguntas.

É muito difícil para quem entra agora para a Sociedade Teosófica ter uma ideia do estado de coisas na época, sobre a qual escrevo. Naquele tempo não havia essas oportunidades de estudo e de progresso para o estudante de Teosofia, como acontece hoje com candidatos à associação e com as pessoas que pretendem ser instruídas. Não havia conferências e os livros eram muito poucos. A própria Madame Blavatsky, quer por seu estado de saúde, quer por sua inata constituição mental, não era a pessoa indicada para a tarefa de expor seus ensinamentos de uma maneira sistemática e paciente. Tenho diante de mim uma carta sua, sem data, mas escrita por volta daquela época em Elberfeld, para onde foi depois de Würzburg, que oferece um quadro vivo de seu cômico desespero com o fardo que lhe fora imposto. Cito literalmente trechos dessa carta, pois a singularidade de sua fraseologia tem um cunho que lhe é peculiar e, como é sabido seu inglês até então era muito imperfeito.

*Se você está "angustiada", eu me encontro completamente perdida sem saber o que se espera de mim! Jamais pretendi ser guru, mestre-escola ou professora de Y., ou de quem quer que seja. O Mestre lhe disse para vir a Elberfeld e o Mestre me disse que ele viria que eu teria de responder às suas perguntas. Eu o tenho feito, mas não aguento mais. Li para ele alguns trechos da D. S. e vi que não podia prosseguir, pois me interrompia a cada linha, não só com perguntas, mas em geral fazia uma dissertação como resposta à sua própria questão, resposta que durava vinte minutos. Quanto a Y., ele mesmo lhe responderá, pois mandei que lhe escrevesse. Disse-lhe repetidas vezes que nunca ensinei a ninguém a não ser à minha própria maneira. Olcott e Judge aprenderam tudo o que sabem associando-se a mim. Se eu tivesse de sofrer o castigo de dar aulas regulares à maneira de um professor durante **uma** hora, quanto mais duas, fugiria para o Polo Norte ou acabaria morrendo a qualquer momento, cortando inteiramente minhas relações com a Teosofia. Sou incapaz disso, como **devem saber** todos os que me conhecem. Até o momento não consegui ensinar o que Y. quer saber. É Ocultismo, Metafísica ou os princípios da Teosofia em geral? Se for Ocultismo, considero-o totalmente despreparado para isto! Fizemos um voto (que M. G. lhe mandará) e Y. insistiu em incluir sua esposa entre os membros daquele voto secreto e agora, quando o assinamos, verificamos que ele não tinha a menor ideia de fazer uso de sua força de vontade e que sua esposa acha que seja PECAMINOSO (!!)* Então para que serve? Quanto à Metafísica, ele pode aprendê-la com M, Disse-lhe que M. não sabe nada sobre nossas doutrinas ocultas e, por isso, não lhe poderia ensinar, mas era capaz de explicar melhor do que eu o **Bhagavad Gitâ**... É tudo que posso dizer. Estou mais do que nunca doente e nervosa. A corrente da D. S. parou e ainda se passarão dois meses para que possa recuperar o estado em que me encontrava em Würzburg. Para escrever preciso ficar inteiramente tranquila. Portanto se tiver de me envolver com o ensino, então terei de parar de escrever **A Doutrina Secreta**. Que se escolha e se veja o que é mais útil: escrever **A Doutrina Secreta** ou instruir Y.

Uma pessoa privilegiada naqueles primeiros tempos poderia talvez manter correspondência com um membro mais velho. Mas, na melhor das hipóteses, as dificuldades eram imensas, de modo que só uma vontade decidida de superar todos os obstáculos e, poder-se-ia acrescentar, uma hereditariedade cármica de aptidão

natural poderiam suprir, com sua energia inata, a falta de facilidades hoje tão generosamente oferecidas.

Naquela época nunca sonhávamos, nos momentos mais otimistas, com uma grande sociedade com ramificações americana, indiana e europeia e com inúmeros centros e filiais de atividade em quase todos os países importantes do mundo. Parecia-nos que tudo quanto poderíamos esperar era um pequeno grupo de fiéis discípulos, de discípulos zelosíssimos, para manter acesa a chama dos ensinamentos ocultos até o último quarto do século XX, quando, com o advento de um novo ciclo, um novo acesso de luz espiritual poderia ser procurado.

Mas, no decorrer destes poucos anos e embora privados da presença física de nossa Mestra, acabamos aprendendo uma lição diferente: fomos obrigados a reconhecer como calculamos mal a potencialidade das forças espirituais que estavam por detrás do movimento. Tornou-se cada vez mais claro, dia a dia, que a Teosofia, pelo menos em suas linhas mestras, não constitui privilégio exclusivo de alguns poucos favorecidos, mas é um dom gratuito da Humanidade em geral, e que em sua influência sobre a corrente do pensamento moderno deverá sobreviver como poderoso fator contra o materialismo pessimista da época.

CAPÍTULO 7

"FORÇAS INVISÍVEIS" PROTEGIAM BLAVATSKY

Vivendo como eu vivia, naquela época, na intimidade de Madame Blavatsky, era natural que viesse a ser testemunha de muitos fenômenos que tiveram lugar em torno dela.

Uma das ocorrências me impressionou profundamente, levando-me à convicção de que ela era defendida e custodiada por guardas Invisíveis. Esse fato se repetiu continuamente durante um longo período. Desde a primeira noite que passei em seu quarto até a véspera de minha partida de Würzburg, ouvia uma série regularmente intermitente de batidas sobre seu criado-mudo. Começariam toda noite às dez horas e continuariam, com intervalos de dez minutos, até às seis da manhã. Eram batidas firmes, claras, como jamais ouvi na minha vida. Às vezes segurava meu relógio na mão durante uma hora seguida e sempre, no intervalo de dez minutos, as batidas retornariam com absoluta regularidade. Se Madame Blavatsky dormia ou não, nada tinha a ver com a ocorrência do fenômeno, nem com a sua uniformidade.

Quando lhe pedi uma explicação dessas batidas, disse-me que eram efeito de um telégrafo psíquico, que a mantinha em comunicação com seus Mestres, enquanto os chelas guardavam seu corpo quando seu astral o deixava.

Outro incidente que posso mencionar constituiu para mim uma prova da existência de entidades em ação em sua vizinhança, cuja natureza e atividade eram inexplicáveis diante das teorias da constituição e das leis da matéria geralmente aceitas.

Como já observei, Madame Blavatsky tinha por hábito ler seus jornais russos à noite, ao se recolher, e raramente apagava sua lâmpada antes da meia-noite. Havia uma tela entre minha cama e sua lâmpada, mas apesar disso, seus poderosos raios, refletidos do teto e das paredes, muitas vezes perturbavam meu repouso.

Uma noite essa lâmpada ficou acesa mesmo depois que o relógio soara uma hora da manhã. Não podia dormir e, a julgar pela respiração regular de Madame Blavatsky que ela estivesse dormindo, levantei-me e me aproximei silenciosamente da lâmpada e a desliguei. Havia sempre uma luz indistinta envolvendo o quarto, proveniente de uma lâmpada noturna que ficava acesa no gabinete, ficando aberta a porta entre o gabinete e nosso quarto de dormir. Eu havia apagado a lâmpada e voltava à minha cama, quando ela se acendeu novamente, ficando o quarto brilhantemente iluminado. Pensei comigo mesma: que lâmpada estranha, supondo que o interruptor não estivesse funcionando bem, de modo que pus minha mão de novo no interruptor e observei o extinguir da luz até que não ficasse qualquer vestígio de claridade, e, ainda assim, mantive o interruptor desligado durante um minuto. Em seguida o soltei e fiquei por um instante observando, quando, para minha surpresa, a luz reapareceu e a lâmpada continuou acesa como sempre.

Fiquei muito intrigada com o fenômeno e resolvi ficar ali junto da lâmpada e desligá-la durante toda a noite, se necessário, até que descobrisse o porquê de suas

excentricidades. Pela terceira vez pressionei o interruptor e destorci a lâmpada até que se extinguisse totalmente a luz, mas dessa vez vi uma mão morena girando lenta e suavemente o globo da lâmpada. Familiarizada como estava com a ação de forças e de entidades astrais no plano físico, não tive dificuldade em chegar à conclusão de que se tratava da mão de um chela e, supondo que pudesse haver alguma razão pela qual a lâmpada deveria permanecer acesa, voltei para a minha cama. Mas naquela noite habitava em mim um espírito de perversidade e curiosidade. Queria saber mais, de modo que gritei:

- Madame Blavatsky!

E, em seguida em voz cada vez mais alta: - Madame Blavatsky! Madame Blavatsky! De repente ouvi um grito de resposta:

- Oh, meu coração! meu coração! - Condessa, você quase me matou. Meu coração! meu coração!

Corri para junto de sua cama.

- Eu estava com o Mestre, murmurou. Por que me chamou?

Eu estava completamente abalada, pois seu coração batia descompassadamente, com uma selvagem palpitação.

Dei-lhe uma dose de digital e me sentei ao seu lado até que os sintomas cessassem e ela ficasse mais calma. Então contou-me como certa feita o Coronel Olcott quase a matara da mesma maneira, chamando-a subitamente, quando sua forma astral estava fora do seu corpo. Obrigou-me a prometer que jamais tentaria experimentos com ela novamente e fiz realmente essa promessa, levada pelo pesar e arrependimento de lhe haver causado aquele sofrimento.

Mas por que, seria de se perguntar, continuou a sofrer, apesar dos poderes de que dispunha, que poderiam aliviar a sua dor? Por que, quando empenhada numa tarefa tão importante durante longas horas por dia, uma tarefa que exigia uma mente tranquila e um corpo sadio, por que jamais moveu um dedo para corrigir as condições e afastar a fraqueza e a dor que teriam prostrado completamente qualquer outra pessoa comum?

A indagação é natural e não deixou de me ocorrer, sabendo como eu sabia dos poderes de cura que possuía e de sua capacidade de aliviar as dores de outras pessoas. Quando a questão lhe era posta, ela respondia invariavelmente da mesma maneira:

No Ocultismo deve ser feito um voto soleníssimo de jamais se fazer uso de quaisquer poderes adquiridos ou recebidos, em benefício de si próprio, pois assim fazendo seria pôr um pé no desfiladeiro e na rampa traiçoeira que vai dar no abismo da Magia Negra. Eu fiz esse voto e não sou pessoa de faltar a juramento, cuja santidade não pode ser compreendida pelo profano. Preferiria sofrer toda sorte de torturas a ser infiel ao meu juramento. Quanto à promoção de condições mais favoráveis à execução de minha tarefa, não somos nós que vamos sustentar que o fim justifica os meios, nem tampouco nos é permitido fazer o mal para que dele resulte algum bem. Não é apenas a dor e a fraqueza físicas, nem as destruições da doença que devo sofrer com a paciência de que sou capaz, dominando-as com a força de minha vontade, a bem da obra que executo, mas também a dor moral, a ignomínia, o opróbrio e o ridículo.

Tudo isto não era exagero, nem simples retórica emocional. Era a verdade e assim foi

até a sua morte, tanto com referência à sua vida pessoal como na história da Sociedade. Sobre ela, postada na vanguarda da Sociedade Teosófica, caíam os dardos envenenados da reprovação e da deturpação, como se atingissem um escudo ou uma amurada viva e sensível, por detrás da qual os verdadeiros criminosos - os fracos e os errados - se escondiam e se protegiam.

Muito poucos membros da Sociedade Teosófica constatarem essa realidade. Só aqueles que viveram com ela, dia a dia, viram seus constantes padecimentos e conheceram as torturas que sofreu com as calúnias e insultos, e aqueles que, ao mesmo tempo, seguiram o crescimento e prosperidade da Sociedade no abrigo relativamente calmo e benigno que sua notável personalidade provia, podem avaliar a dimensão da dívida para com ela, embora muitos não cheguem mesmo a suspeitar da existência de seu débito.

CAPÍTULO 8

"UMA FIEL E VERDADEIRA AMIGA"

Um dia Madame Blavatsky passou por uma grande tentação na forma de um salário anual, se escrevesse para jornais russos. Poderia escrever sobre Ocultismo, disseram-lhe, ou sobre qualquer outro assunto de sua escolha, desde que contribuísse para suas colunas. Ali estava uma proposta que significava conforto e comodidade pelo resto da vida. Duas horas diárias seriam suficientes para a execução dessa tarefa, mas isto significava que **A Doutrina Secreta** não seria escrita. Sugeri-lhe uma conciliação e lhe perguntei se não seria possível aceitar essa proposta e, ao mesmo tempo, continuar sua obra teosófica.

- Não, mil vezes não, respondeu-me. Para escrever uma obra como **A Doutrina Secreta**, preciso estar com todos os meus pensamentos na direção daquela corrente. É muito difícil mesmo agora, estorvada como estou por este corpo doente e gasto, conseguir tudo de que preciso, muito mais difícil seria, então, se estivesse continuamente mudando as correntes em outras direções. Não tenho mais nem a vitalidade nem a energia necessárias para isto. Grande parte já foi gasta na época em que produzia meus fenômenos.

- Por que então fazia esses fenômenos? perguntei-lhe.

- Por que era continuamente importunada a fazê-los, respondeu.

Estavam sempre pedindo: "Oh, materialize isto", ou "faça-me ouvir os sinos astrais", e assim por diante. E eu não gostava de desapontá-los. Cedia aos seus pedidos.

Assim respondeu à carta que lhe viera da Rússia, recusando a esplêndida oferta e mais um sacrifício foi feito para que a Sociedade Teosófica pudesse viver e prosperar. Muitas pessoas têm-me observado, em diferentes ocasiões, como era uma tolice ligar a Sociedade Teosófica àqueles **fenômenos** ou o fato de Madame Blavatsky haver desperdiçado seu tempo com trivialidades dessa espécie. Para essas observações Madame tinha invariavelmente as mesmas respostas: na época em que foi fundada a Sociedade Teosófica parecia necessário atrair a atenção do público para o fato e os **fenômenos** atendiam mais efetivamente a essa finalidade do que qualquer outra coisa que se pudesse fazer. Tivesse Madame Blavatsky se apresentado no início como simples professora de Filosofia, poucos discípulos teria atraído para junto de si, pois vinte anos atrás muita gente não havia chegado ainda ao ponto a que se chegou. A liberdade de opinião e de pensamento era uma raridade, de modo que o estudo e o pensamento necessários para uma verdadeira apreciação da Teosofia simplesmente teriam atemorizado as pessoas. A instrução estava em nível inferior ao atual e havia necessidade de algo que atraísse, por exemplo, o gosto pelas coisas maravilhosas, para despertar um interesse inicial que levasse as pessoas a refletir com mais profundidade. Assim, os **fenômenos** deram início à Sociedade, mas uma vez introduzido esse elemento, seria difícil desfazer-se dele depois de ter servido com

tanta utilidade. Todos chegavam ávidos de satisfazer seu gosto maravilhoso e, se fossem desapontados, afastar-se-iam aborrecidos e indignados.

Tínhamos um apartamento pequeno, mas muito confortável, em Würzburg; os quartos eram de bom tamanho, altos e no andar térreo, de modo a facilitar o acesso e a saída de Madame Blavatsky. Mas durante todo o tempo que passei com ela, só três vezes consegui persuadi-la a sair para tomar um pouco de ar fresco. Parecia gostar desses passeios, mas a dificuldade e o esforço que tinha de enfrentar para se preparar para eles a aborreciam. Além disso, considerava-os como simples perda de tempo. Eu tinha o hábito de sair diariamente durante uma meia hora, pois achava que o ar fresco e a caminhada eram necessários à minha saúde. Lembro-me de um curioso incidente que me aconteceu num desses passeios. Ao passar pelo setor comercial da cidade, parei junto a uma perfumaria, em cuja vitrine estavam expostos sabonetes dentro de um vaso de vidro. Lembrando-me de que estava precisando de sabonete, entrei na loja e escolhi um. Pedi ao vendedor que o embrulhasse num papel, recebi o pequeno embrulho de sua mão, coloquei-o no bolso do casaco e continuei meu passeio. Quando voltei ao apartamento, fui direto para o quarto, sem ter visto antes Madame Blavatsky, e ali tirei o chapéu e o casaco. Em seguida apanhei o pequeno embrulho e comecei a desatar o barbante que o envolvia. Ao retirar o papel percebi dentro uma pequena folha de papel dobrado. Não pude deixar de pensar como as pessoas gostavam de fazer propaganda, a ponto de enfiar uma num pequenino embrulho de sabonete! Mas então me lembrei, subitamente, que vira o vendedor fazer o embrulho e nele não fora introduzida nenhuma propaganda. Isto me pareceu estranho e, quando o papel caiu no chão, eu me abaixei para apanhá-lo: nele encontrei algumas observações do Mestre de Madame Blavatsky, a mim endereçadas, com a sua caligrafia, que já havia visto antes! Era uma explicação de fatos que me estiveram intrigando alguns dias antes e dava algumas orientações com relação ao meu futuro curso de ação. Esse fenômeno era peculiarmente interessante para mim, uma vez que teve lugar sem o conhecimento de Madame Blavatsky e independentemente dela, que se encontrava tranquilamente na secretária de gabinete, conforme constatei mais tarde. Desde a morte de Madame Blavatsky, muitas pessoas vêm recebendo cartas do mesmo Mestre, demonstrando sua associação com outras pessoas além de Blavatsky. Era, porém, interessante testemunhar essa realidade mesmo durante a sua vida.

Lembro-me de outro incidente em que ocorreu semelhante fenômeno. O Dr. Hartman me havia escrito uma carta pedindo-me para me certificar de algo de seu interesse junto ao Mestre. Mostrei a carta a Madame Blavatsky e lhe perguntei se podia transmitir a mensagem. Ela respondeu:

- Não, **veja** o que pode fazer por si mesma. Ponha a carta junto ao retrato do Mestre. Se ele quiser responder ao pedido de Hartmann, a carta será apanhada.

Fechei a porta do gabinete de Madame Blavatsky e fui à minha escrivaninha sobre a qual havia um retrato do Mestre, pus a carta na moldura, apanhei um livro e li durante cerca de meia hora. Eu estava sozinha no quarto naquele momento. Quando levantei a vista, a carta tinha desaparecido.

Passaram-se alguns dias, durante os quais não houve nenhuma novidade. Mas uma noite, ao receber as cartas do carteiro, vi uma de Dr. Hartmann e pensei para

mim mesma como era volumosa e como era estranho que não trouxesse mais selos. Quando abri o envelope tirei primeiro a carta do Dr. Hartmann que eu colocara junto ao retrato, em seguida uma carta do Mestre respondendo às perguntas de Hartmann e, por último outra carta do doutor, em cujas margens estavam anotações feitas na caligrafia do Mestre, referentes ao assunto da carta. No lado externo da carta de Hartmann estava o sinete da assinatura do Mestre apostado no envelope.

Fenômenos como esses ocorriam constantemente. Cartas recebidas eram frequentemente notadas na caligrafia do Mestre, sendo os comentários feitos sobre o assunto tratado, ou então as cartas desapareciam durante vários dias para aparecer mais tarde com observações referentes ao seu conteúdo. A primeira vez que isto me aconteceu causou-me muita surpresa. Certo dia, de manhã cedo, à mesa do café (a maior parte das cartas nos era entregue pelo primeiro correio), Madame Blavatsky recebeu várias cartas, as quais se pôs logo a ler. Entre elas estava uma da Suécia que me causou certa perplexidade. Não sabendo como respondê-la, coloquei-a sobre a mesa diante de mim e continuei a tomar meu café, refletindo sobre o seu conteúdo. Terminei logo minha refeição e, levantando-me, estendi a mão para apanhar a carta. Tinha desaparecido. Procurei-a debaixo do prato, no chão, no meu bolso, sem sucesso.

Madame Blavatsky levantou a vista da carta em russo que estava lendo e disse:

- O que está procurando?

- Uma carta que recebi esta manhã, respondi.

- É inútil procurá-la, disse tranquilamente. O Mestre estava agora mesmo ao seu lado e eu o vi apanhando um envelope.

Passaram-se três dias sem que tivesse qualquer notícia dessa carta. Uma manhã, estava ocupada escrevendo na sala de jantar, quando vi, de repente, o envelope em cima da almofada do mata-borrão diante de mim, e na margem da carta havia comentários com instruções sobre como eu deveria agir. A experiência posterior me provou como eram sábios aqueles conselhos. E este era o caso, invariavelmente, e se eu sempre tivesse agido de acordo com os conselhos que me vinham daquela fonte, certamente teria evitado prejuízos financeiros e uma boa dose de aborrecimentos e preocupações. Foi o que aconteceu nesse caso.

Eu havia comprado na Suécia, alguns anos antes, uma pequena propriedade perto da praia. Era um lugar lindo. Tempo e imaginação foram gastos na recuperação e decoração da casa, nos cuidados dos jardins e do parque. Eu me sentia muito orgulhosa de minha propriedade.

Um dia Madame Blavatsky fez-me a seguinte observação:

- Não sei por que você não vende sua propriedade na Suécia, pois assim ficaria mais livre para se dedicar à Teosofia.

- Oh, Madame Blavatsky, como pode me pedir para fazer um coisa desta? Não gostaria de me desfazer de minha casa, depois de todos os problemas e gastos que tive e, além disso, estou certa do que meu filho se oporá à sua venda. E, provavelmente, não será fácil encontrar um comprador.

- O Mestre mandou que lhe dissesse, prosseguiu então Madame Blavatsky, que se você estiver disposta a pôr imediatamente sua casa à venda, terá condições de dispor dela sem prejuízo. O Mestre diz isto porque sabe que você quer se dedicar à Teosofia e

se não o fizer imediatamente virá a ter muitos problemas.

Mas não quis lhe dar ouvidos. No fundo do meu coração eu pensava: Madame Blavatsky quer que eu venda minha propriedade para me prender mais ainda à Teosofia. Recebo cartas de amigos de toda parte, dizendo-me que é uma velha intrigante, que exerce sobre mim seu poder psicológico e usa o nome do Mestre simplesmente para aproveitar de minha credulidade e me levar a fazer o que ela quer. Eis uma boa oportunidade de demonstrar que sou livre e preservar minha independência de ação. Assim sendo, não tomei qualquer providência sobre o assunto. Mas tive motivo de me arrepender disso mais tarde, pois descobri que, se tivesse posto a casa à venda na época em que o Mestre me aconselhou, poderia tê-la vendido por preço muito vantajoso; descobri também que meu filho não levantaria qualquer objeção. Na realidade insistia comigo para que a vendesse, o que efetivamente fiz poucos anos depois com considerável prejuízo, depois de muita preocupação e aborrecimentos.

Relatei esse fato para mostrar que Madame Blavatsky não me coagia em nada. Ouvi dizer muitas vezes que as pessoas que viviam com Madame Blavatsky não passavam de bonecos em suas mãos e que ela as hipnotizava e as obrigava a fazer o que melhor lhe conviesse. Ora, o episódio referente à venda de minha propriedade é uma prova evidente do contrário, no meu caso. Embora na época eu tivesse de sofrer por isso, tenho a satisfação de poder mostrar como minha desconfiança da palavra do Mestre, por intermédio de Blavatsky, foi tremendamente insensata. A experiência nos ensina a ser humildes, pois o conhecimento posterior prova os muitos erros de julgamento em que incidimos durante a vida. Numa visão retrospectiva dos anos que passei com Madame Blavatsky, verifico quanto eu perdi por não compreender, ou apreciar no seu devido valor, sua missão na vida, como a compreendo agora.

Lamento continuamente ter perdido tanto daquele precioso tempo sem compreender nem a sua posição nem a minha. Quando a procurei pela primeira vez, eu era uma mulher mundana, uma filha mimada da fortuna. Devido à posição política de meu marido, eu ocupava lugar de destaque na sociedade. Muito tempo se passou, até que eu constatasse o vazio do que até então considerava como sendo as coisas mais desejáveis da vida. Foi preciso muito esforço e muita luta comigo mesma para que viesse a dominar a satisfação egoísta gerada por uma vida de ociosidade, comodidade e posição social. Quanta coisa teve de ser "nocauteada" em mim, na expressão de Madame Blavatsky, e é com sentimento de gratidão que olho para o passado e penso em tudo que ela fez por mim e me transformou num instrumento um pouco melhor para a obra na Sociedade Teosófica, que realizo tanto como dever como por satisfação.

Todos quantos conheceram e amaram Madame Blavatsky experimentaram aquele "charme" que lhe era peculiar e como era verdadeiramente bondosa e amável. Às vezes parecia irradiar uma expressão alegre e infantil, todo o seu semblante irradiava uma alegria festiva, conferindo-lhe um encanto que eu jamais vi numa face humana. Uma das maravilhas de seu caráter é que era diferente para todo o mundo. Jamais a vi tratar duas pessoas de uma mesma maneira. Os traços fracos de caráter de toda pessoa lhe eram conhecidos imediatamente e era surpreendente a maneira

extraordinária em que os devassava. O conhecimento do **Ego** era gradualmente adquirido por aqueles que viviam em contato diário com ela. As pessoas que optavam por essa convivência, beneficiavam-se com seu ensinamento prático e faziam progresso satisfatório. Mas para muitos de seus discípulos o processo era desagradável, pois não é nada interessante ver-se face a face com as suas próprias fraquezas. Por esse motivo, muitos se afastavam dela, mas aqueles que podiam suportar o teste e lhe permaneciam fiéis reconheceriam em si mesmos o progresso interior, o único que conduz ao Ocultismo. Ninguém poderia encontrar uma amiga mais verdadeira e mais fiel do que Madame Blavatsky. Acho que foi a maior bênção da minha vida ter vivido na sua intimidade. Até a morte procurarei promover a nobre causa pela qual se escravizou e sofreu tanto.

Tenho-me estendido sobre muitos pontos que nada têm a ver diretamente com a elaboração de **A Doutrina Secreta**. Parece-me que mostrando alguns detalhes da vida de Madame Blavatsky, naquela época, temos uma melhor compreensão da mulher que escreveu essa obra maravilhosa com tantas dificuldades. Dia após dia, estaria ali sentada horas a fio a escrever e nada pode ser mais monótono e tedioso do que sua vida considerada de um ponto de vista externo. Mas acho que, naquela época, ela vivia muito mais no mundo interior, cujas visões compensariam o tédio e a monotonia de sua vida diária. Ela dispunha, todavia, de uma distração de natureza um tanto peculiar. Diante de sua escrivaninha, estava um relógio de cuco que se comportava de uma maneira extraordinária. Às vezes batia como um gongo alto, para, em seguida, suspirar e gemer como se estivesse possesso, cucando de maneira a mais inesperada. Nossa criada, Louise, que era a mais bronca e mais apática dos mortais, tinha muito medo dele e nos disse um dia, solenemente, que tinha a impressão de que o demônio estivesse nele.

- Não é que acredite no demônio, dizia ela, mas esse cuco às vezes me dá impressão de que fala comigo.

E assim aconteceu.

Uma noite, entrei no quarto e vi o que me parecia raios de luz elétrica saindo do relógio em todas as direções. Contando o fato a Madame Blavatsky, ela explicou:

- Oh, é apenas o telégrafo espiritual; então reforçando-o esta noite, com vista ao trabalho de amanhã.

Vivendo nessa atmosfera e entrando em contato tão continuamente com essas forças em geral invisíveis, tudo isto me parecia ser a verdadeira realidade e era o mundo exterior que se apresentava vago e insatisfatório.

Venho mencionando com frequência o Mestre de Madame Blavatsky e acho que seria interessante para alguns de meus leitores saber como, pela primeira vez, ela veio a conhecê-lo. Na infância, Madame Blavatsky via muitas vezes, perto dela, uma forma astral, que sempre aparecia em algum momento de perigo e a salvava exatamente no instante crítico. Aprendeu a ver nessa forma astral um anjo da guarda, considerando-se sob seus cuidados e orientação.

Em 1851 ela se encontrava em Londres, com o seu pai, o Coronel Hahn. Um dia, passeando pelas ruas da cidade, viu, para sua admiração, um hindu alto na companhia de príncipes indianos. Imediatamente o reconheceu como a mesma pessoa que vira

na forma astral. Seu primeiro ímpeto foi de ir correndo para lhe falar, mas foi contida por um sinal dele para que não se movesse. Ficou ali parada, como se enfeitiçada, enquanto ele passava. No dia seguinte foi ao Hyde Park para um passeio, com o objetivo de ficar sozinha e livre para refletir sobre a extraordinária aventura. Levantando a vista, viu a mesma forma aproximando-se dela e, em seguida, seu Mestre lhe disse que tinha vindo a Londres com os príncipes indianos numa importante missão e estava desejoso de encontrá-la pessoalmente, uma vez que precisava de sua cooperação numa obra que iria empreender. Disse-lhe então como a Sociedade Teosófica seria formada e manifestou o desejo de que fosse ela a fundadora. Deu-lhe uma rápida visão de todas as dificuldades por que haveria de passar. Disse-lhe também que ela precisaria passar três anos no Tibete para se preparar para a importante tarefa. Depois de três dias de grave reflexão e de troca de ideias com seu pai, Madame Blavatsky resolveu aceitar a proposta que lhe fora feita e pouco depois partia de Londres para a Índia.

Em Würzburg, ocorreu um fato curioso. Madame Fadeyev, tia de Madame Blavatsky, escreveu-lhe uma carta dizendo que estava remetendo uma caixa à Rua Ludwig, contendo o que lhe parecia ser um bocado de bugigangas. Quando a caixa chegou, fui encarregada de abri-la. Quando ia tirando uma coisa depois da outra, passando-as a Madame Blavatsky, ouvi dela uma exclamação de prazer.

- Venha ver, disse ela, o que escrevi no ano de 1851, no dia em que vi meu amado Mestre.

Num álbum de recortes, numa letra quase apagada, li algumas linhas em que Madame Blavatsky descrevera a entrevista referida. Temos ainda em nosso poder esse álbum de recortes. Transcrevo as linhas:

Nuit mémorable! Certaine nuit, par un clair de lune qui se couchait à Ramsgate 12 Août †. 1851, - lorsque le rencontraí le Maître de mes rêves!! [Noite memorável! Certa noite, no clarão da lua que se punha a Ramsgate, no dia 12 de agosto de 1851, quando encontrei o Mestre de meus sonhos!!]*

Eu estava em Londres na época da visita dos indianos e lembro-me de ter ouvido dizer que a comitiva era de pessoas finas e que uma delas era um homem muito alto.

* Ao ver o manuscrito, perguntei por que tinha escrito "Ramsgate" em vez de "Londres", e Madame Blavatsky explicou-me tratar-se de um subterfúgio, de modo que, se alguém apanhasse casualmente seu livro, não saberia onde ela teria encontrado seu Mestre e que sua primeira entrevista com ele fora em Londres, como me havia dito anteriormente.

†. "Le 12 Août - c'est Juillet 31 style russe - jour de ma naissance - Vingt ans!" [12 de agosto - equivale a 31 de julho no estilo russo - dia de meu nascimento - Vinte anos!]

O Coronel Olcott, em seu Old Diary Leaves (Folhas de um Velho Diário), referente a junho de 1893, escreve:

Tive uma prova ocular de que pelo menos alguns daqueles que trabalhavam conosco eram homens vivos, pelo fato de os haver visto na carne, na Índia, e de os haver visto depois no corpo astral nos Estados Unidos e na Europa; pelo fato de os haver tocado e falado com eles. Em vez de me dizer que eram espíritos, disseram-

me que estavam tão vivos como eu e que cada um deles tinha as suas próprias peculiaridades e potencialidades, em suma, sua completa individualidade. Disseram-me que o estado que haviam atingido, eu deveria também adquirir; o quando, dependeria inteiramente de mim; que não deveria esperar nada de favor, mas, como eles, eu deveria conquistar degrau por degrau, cada polegada de progresso com os meus próprios esforços.

CAPÍTULO 9

BLAVATSKY PÕE FIM AO ISOLAMENTO

O inverno passava rápido e a primavera se aproximava. Uma manhã Madame Blavatsky recebeu uma carta de uma velha amiga, um dos mais antigos membros da sociedade. Era de Miss Kislingbury, que mandava dizer que viria fazer-nos uma visita. Ficamos contentes com a promessa e saudamos efusivamente a chegada da companheira dos velhos tempos. Miss Kislingbury, tendo lido o ataque malévolos da Sociedade de Pesquisa Psíquica contra Madame Blavatsky, não descansou enquanto não veio hipotecar à sua amiga sua lealdade e sua irrestrita amizade, além de manifestar sua justa indignação com as acusações injustas e despropositadas, as sacadas contra ela. O dia correu depressa demais, enquanto ouvíamos todas as notícias do mundo exterior e discutíamos sobre a Sociedade Teosófica de uma maneira geral. Nessa ocasião recebemos também a visita do Sr. e da Sra. Gebhard. Passavam ambos por uma grande provação, com a perda recente de um filho amado. Madame Blavatsky e eu os recebemos cordialmente. Tinham sido tão bons e fiéis amigos, que sua visita a Würzburg nos pareceu um raio de sol. Como estávamos então em plena primavera, era chegado o momento de pensar em nossos planos de verão. Madame Blavatsky decidiu passar os próximos meses de verão em Ostend, com sua irmã e sobrinha.

Madame Gebhard estava ansiosa por fazer uma rápida visita à Áustria e me persuadiu a acompanhá-la a Kempten, um lugar muito isolado, incrustado num lindo cenário. Mas seu grande encanto e atração para nós estava no fato de ser uma cidade célebre por suas casas mal-assombradas e pelo grande número de ocultistas que ali residiam. O Dr. Franz Hartmann morava naquela localidade. Pensando no prazer de conhecê-lo melhor, fizemos nossos planos e começamos a árdua tarefa de preparar as malas. Em poucos dias todas as malas de Madame Blavatsky estavam prontas e fechadas e a memorável viagem estava prestes a começar. Miss Kislingbury estava de volta a Londres e bondosamente se ofereceu para acompanhar Madame Blavatsky até Ostend. Descansariam um ou dois dias em Colônia e prosseguiriam depois a viagem. O Sr. Gebhard prometeu ir vê-las em Colônia e, como sua filha morava naquela cidade, achamos que Miss Kislingbury e Madame Blavatsky seriam ali bem tratadas.

Viajar, para Madame Blavatsky, era algo de terrível e eu olhava com desânimo os nove volumes que a acompanhariam no vagão do trem. Partimos bem cedo para a estação. Sentamos Madame Blavatsky entre seus inúmeros pertences e ajeitamos com o comissário que ela ficasse sozinha num compartimento, acompanhada de Miss Kislingbury e sua criada Louise. Depois de muita discussão e protesto, ele resolveu abrir a porta de um carro para nós. Aí começou a séria tarefa de arrumar toda a bagagem, que consistia de travesseiros, cobertas, bagagens de mão e a preciosa caixa que continha o manuscrito de **A Doutrina Secreta**: ela jamais poderia perdê-la de vista. Assim, a pobre Madame Blavatsky, que havia semanas não saía de seu quarto, teve de caminhar ao longo da plataforma, o que foi feito com dificuldade. Tendo-a instalado

confortavelmente, já nos regozijávamos com a onerosa tarefa praticamente realizada, quando um dos funcionários chegou à porta do compartimento e se manifestou violentamente contra a presença de tantos volumes. Ele falava em alemão e Madame Blavatsky respondia em francês. Eu já começava a me preocupar com o fim da discussão, quando felizmente o trem apitou e começou a se mover. Fiquei com pena de Miss Kislingbury, com a responsabilidade de descer toda aquela bagagem em Colônia.

Poucas horas depois eu estava a caminho do Sul com Madame Gebhard. Os dias que passamos juntas foram breves e agradáveis, depois nos separamos. Ela foi para Wiesbaden e eu regressei à Suécia para passar o verão na minha própria casa. A primeira notícia que tive de Madame Blavatsky foi de que no segundo dia de sua chegada a Colônia, com Miss Kislingbury, o Sr. Gebhard, com vários membros de sua família, persuadiu-a que lhe fizesse uma visita em Elberfeld. Miss Kislingbury voltou para Londres e Madame Blavatsky seguiu para a casa de seus bondosos amigos.

Durante os meses de verão frequentemente eu recebia cartas de Blavatsky e as primeiras notícias não eram muito alegres. Ela caíra no assoalho encerado da casa de Gebhard em Elberfeld e, infelizmente, sofreu uma entorse de tornozelo e feriu a perna. Isto impediu naturalmente que continuasse sua viagem para Ostend. Por isso, permaneceu com seus amigos, cuja bondade não tinha limites. Não poupavam nada que pudesse trazer alívio para seus sofrimentos e tornar-lhe a vida agradável. No fim eles convidaram Madame Zhellhovsky* e sua filha para passar uns dias com eles. Madame Blavatsky ficou feliz por ter seus parentes consigo mais uma vez. Numa carta ela escreve:

Minha velha perna vai um pouco melhor, a dor desapareceu, mas continua inteiramente incapaz. Só Deus sabe quando poderei andar com ela, mesmo tão superficialmente como o fazia antes. A querida e bondosa Sra. Gebhard! Ela é minha enfermeira e bastante bondosa para achar que estou muito mais moderada do que costumava ser! Et pour cause. Não há traidores no campo como então havia...

*O manuscrito de **A Doutrina Secreta** já me foi devolvido por nosso reverendo irmão, que o achou muito superior ao introdutório. Mas nem mesmo corrigiu meia dúzia de palavras. Diz que é **perfeito**.*

* O Sr. Boris de Zirkoff, sobrinho-neto de Madame Blavatsky, de Los Angeles, na Califórnia, chamou nossa atenção para a grafia correta do nome da Irmã de sua tia-avó, como **Zhelihovsky** e não **Jelikowlky**, como publicado nos primeiros livros. (N. do Editor)

Como quase todas as cartas de Madame Blavatsky manifestavam sua preocupação com o bem-estar da Sociedade Teosófica, considero quase impossível fazer citações de suas cartas sem me referir a membros eminentes que compunham a Sociedade daquela época. Como tenho procurado evitar nestas páginas, tanto quanto possível, mencionar personalidades, só ocasionalmente cito algumas declarações.

À sua chegada a Ostend, com sua irmã e sobrinha, Madame Blavatsky escreve:

Aqui estou: triste desencanto em tudo por tudo. Se eu soubesse, teria ficado quieta em Würzburg e ido a Kissingen, dali partindo só em setembro. Mas assim é e assim foi meu destino: estava decretado que eu deveria gastar todas as minhas economias e passar o inverno em Ostend. Agora não tem mais jeito. Os hotéis, que

absurdo! Por uma noite no Continental tive de pagar 117 francos por nossos quartos. Então, minha irmã, desesperada, levantou-se pela manhã e se sentiu atraída a uma certa parte da avenida à beira-mar e numa rua lateral descobriu um apartamento térreo, com três esplêndidos quartos de um lado esquerdo e dois à direita do corredor, ou seja, cinco quartos e uma cozinha, tudo por 1000 francos pela estação e 100 francos pelo mês subsequente. Assim, que poderia fazer? O resultado foi sua amiga sem perna instalada numa suíte de quartos na esquerda, enquanto minha Irmã ocupa dois quartos, um de dormir, bastante elegante, e uma sala de visita ou de jantar no lado direito do corredor. Quando ela for embora, o que acontecerá dentro de dez dias, aquela suíte vai ficar vazia. Mas, então, é possível que venha o Sr. Sinnett. Como é bom ter dois quartos assim disponíveis para amigos. Quanto a mim, tenho quartos muito agradáveis: um de dormir ligado por um arco e cortinas de cetim a um amplo gabinete, e um pequeno gabinete, com um piano. Disponho de todo o andar.

*Sim, vou tentar meter mãos à obra, trabalhando em meu **A Secreta Doutrina**. Mas é duro. Estou muito fraca, minha querida, sinto-me tão mal de saúde e tão impotente como nunca me senti, quando você estava aqui cuidando de mim... Estou tão nervosa como uma gata. Acho que sou uma ingrata. Mas, como a gratidão foi sempre representada na antiga simbologia como residindo no calcanhar das pessoas, uma vez que perdi minhas pernas, como poderia esperar ter alguma gratidão? Tenho afeição, mas só por...*

Mais adiante ela diz:

*Estou tentando escrever **A Doutrina Secreta**. Mas Sinnett, que está aqui por alguns dias, quer toda a minha atenção voltada para as benditas Memórias. A Sra. Sinnett não pôde vir, de modo que ele terá de partir brevemente, deixando-me assim impotente, sem amigos e sozinha com o meu carma. Lindo **tête-à-tête**!*

Em outra carta ela escreve:

Minhas pobres pernas despediram-se de meu corpo..., como se diz na Índia, uma caminhada sem limite, se não eterna. Qualquer que possa ser a causa, estou agora tão inerte como qualquer elemento. Com exceção de Louise e de minha senhoria com o seu gato e o seu tordo americano, não conheço ninguém em Ostend. Nenhum russo solitário por estas bandas, nesta estação, exceto eu mesma, que passaria mais por uma turca e que deveria voltar à Índia. Mas não posso, pois não tenho pernas nem reputação, conforme as infames acusações da Sociedade de Pesquisa Psíquica... Acho que a gota e o reumatismo não demorarão muito a chegar ao coração. Sinto muita dor nele.

Pobre Madame Blavatsky! Sofreu terrivelmente naquela época. Tão ansiosa estava para dar prosseguimento à sua obra, que os contínuos obstáculos, que se punham em seu caminho, constituíam verdadeira provação para ela. Em todas as suas cartas insiste para que eu volte, pois acha que comigo perto ela estaria livre de muitos e pequenos aborrecimentos. Além disso, a calma e a tranquilidade eram absolutamente necessárias para poder escrever **A Doutrina Secreta**. Ficou contente quando chegou o dia em que pude voltar a seu lado. Nosso reencontro foi muito alegre, pois havia muito para contar, de lado a lado. Fiquei penalizada ao ver que Madame Blavatsky sofria mais

do que quando saiu de Würzburg, mas disse-me que descobrira um médico inteligente em Ostend e que combinara com ele uma visita semanal.

Estabelecemos logo nossa rotina de vida e me alegrava constatar que dia a dia Madame Blavatsky ia-se tornando capaz de trabalhar mais e voltava a entrar naquilo que ela chamava de suas "correntes". Eram frequentes as comunicações do Mestre e dos diferentes chelas, e vivíamos inteiramente no nosso próprio mundo. Ostend era de acesso mais fácil do que Würzburg, de modo que os visitantes começaram a quebrar a monotonia de nossa existência. Dois de nossos membros vieram de Paris e permaneceram quinze dias conosco. Eram os Srs. Gaboriau e Coulomb, que passavam as noites fazendo perguntas a Madame Blavatsky, que as respondia prontamente, lendo-lhes alguns trechos de **A Doutrina Secreta** que escrevera durante o dia. O Sr. Eckstein, de Viena, fez-nos uma breve visita. O Sr. Arthur Gebhard também, em sua viagem à Alemanha, procedente dos Estados Unidos, onde passara vários anos. Madame Blavatsky estava ansiosa por notícias teosóficas daquele país.

Um dia ela me chamou e perguntou-me se eu poderia ir a Londres resolver um negócio de seu interesse pessoal. Respondi-lhe dizendo que o faria de bom grado, mas que me preocupava deixá-la sozinha. Assim, parti pesarosa para Londres, ao pensar na solidão da "velha senhora" e em seu olhar de triste ansiedade quando me deu um beijo de despedida,

Recebi várias cartas de Madarne Blavatsky durante minha estada em Londres, das quais transcrevo alguns trechos:

*Estou desesperada, pois cada dia que passa me convenço de que não existe um canto na terra em que eu possa viver e morrer em paz. Como não tenho lar, em ninguém posso confiar irrestritamente, pois ninguém é **capaz de compreender-me** plenamente e à situação em que me encontro. Desde que você partiu, venho sendo Importunada pela polícia, até agora, é verdade, com muita prudência e cautela, mas o suficientemente claro para me considerar sob suspeita, até no caso do roubo de um milhão de francos no trem, entre Ostend e Bruxelas!!! Três vezes vieram perguntar por você, para lhes prestar esclarecimentos e, por duas vezes, um policial veio perguntar o meu nome, de antes e depois do casamento, minha idade, de onde vim, onde morava por último, quando fui para Würzburg, a Elberfeld [sic] etc. Dois dias atrás vieram procurar Louise e exigiram que os acompanhasse ao posto policial, onde foi submetida a um longo interrogatório. Enfim, faça o que eu fizer, tudo se volta contra mim e tudo é mal interpretado. Sou difamada e caluniada, não por estranhos, mas por aqueles que eram, ou pareciam ser, apegados a mim e que eu realmente amava... Uma vez que impera no mundo a mentira, a hipocrisia e a dissimulação, e uma vez que não posso me conformar com Isso, sou condenada. Cansada como estou da vida e de lutar com esse rochedo de Sísifo* e com a eterna obra das Danaides** - não me é permitido livrar-me desse sofrimento e descansar. Esteja eu certa ou errada, sou considerada como errada. Estou sobrando nesta terra. É tudo.*

* Sísifo, segundo a mitologia grega, foi precipitado nos infernos, por castigo de Júpiter, tendo sido ali condenado a rolar um enorme rochedo até o alto de uma íngreme montanha, da qual voltava a cair, obrigando-o a recomeçar a árdua tarefa. (N. do T.)

**** Nome das 50 filhas de Dânao, condenadas a encher de água um tonel sem fundo. (N. do T.)**

E em outra carta:

Não faz ideia de quanto preciso de você (tenho grande necessidade de você), mas sei, por meio do Mestre, que está realizando excelente trabalho aí em Londres. Por isso peço que fique uma semana mais ou menos, se achar que deve. Sinto-me muito indisposta, mas posso aguentar. Não se preocupe. Z, é muito jovem e jamais se levanta antes do meio-dia ou uma hora, mas me está prestando um bom serviço, achando para mim algumas citações e corrigindo meu inglês em alguns apêndices.

Pouco antes de deixar Würzburg, Madame Blavatsky enviara o manuscrito de **A Doutrina Secreta** a Aydar, ao Coronel H. S. Olcott, presidente da Sociedade. Estava ansiosa por sua opinião, uma vez que lhe havia ajudado muito em seu livro **Ísis Revelada**. Queria também que seu manuscrito fosse submetido à apreciação de T. Subba Row, que já havia lido algumas páginas, as quais lhe despertaram de tal modo o interesse, que estava ansioso para ler outras. Madame Blavatsky me escreveu sobre o assunto.

Enviei-lhe ontem um telegrama, perguntando se poderia remeter o manuscrito para Londres, pois preciso despachá-lo urgentemente para Madrastra. Está muito bem embalado pelo marido de Louise, garantido para a viagem, de modo que você não terá mais nada a fazer além de segurá-lo. Queira fazer isso pessoalmente. Você é a única pessoa em quem posso confiar plenamente. Olcott escreveu dizendo que Subba Row aguarda com ansiedade o manuscrito, que pergunta diariamente que dia vai chegar, etc. Parece que o Mestre lhe recomendou que fizesse a revisão. Peço despachá-lo pelo próximo correio e não o segure por menos de 150 a 200 libras! Estou-lhe enviando hoje a encomenda para o seu endereço, pedindo-lhe que acuse imediatamente seu recebimento.*

* Estas instruções, vagas em sua redação, significavam, evidentemente, que a condessa, em Londres, deveria cuidar pessoalmente do despacho do manuscrito pelo primeiro navio que partisse para a Índia. (N. do Editor]

Em outra carta se lê:

Após uma longa conversa com o Mestre, a primeira depois de muito e muito tempo, cheguei a duas conclusões. Primeiro, a Sociedade Teosófica foi prejudicada em seu transplante para o solo europeu. Tivesse sido anunciada só a filosofia do Mestre e tivessem os fenômenos ficado na obscuridade, a Sociedade teria tido sucesso. Esses fenômenos malditos prejudicaram minha reputação, coisa sem importância e bem-vinda, mas também prejudicaram a causa da Teosofia na Europa. Na Índia ela viverá e prosperará. Segunda conclusão: toda a Sociedade (na Europa e nos Estados Unidos] passa por uma cruel provação. Aqueles que dela saírem ilesos, terão sua recompensa. Os que permanecerem inativos e passivos, até mesmo aqueles que voltarem suas costas, terão também sua recompensa. É uma provação final e suprema. Mas há uma novidade. Ou terei de voltar à Índia para morrer neste outono, ou terei de formar entre este outono e o próximo mês de novembro um núcleo de autênticos teosofistas, uma escola minha própria, sem secretária, eu sozinha, com tantos místicos quantos puder ensinar. Posso ficar aqui ou ir para a Inglaterra, ou fazer o que achar melhor... Você diz que a literatura é a única salvação. Ora, veja os bons resultados produzidos pelas Memórias de Madame Blavatsky. Sete ou oito

jornais franceses caindo em cima de Sinnett, de mim mesma, de K. H., etc., por causa dessas memórias. Um verdadeiro renascimento da Sociedade Teosófica escandaliza de novo precisamente por causa dessa literatura. Se os fenômenos fossem descartados e a filosofia mantida, então, diz o Mestre, a Sociedade Teosófica poderia ser salva na Europa. Porque escrevi duas ou três vezes a Z., dizendo-lhe o que ele fizera, pensara e lera em tal e tal dia, tornou-se um místico demente.* Bem, que o Mestre a inspire e proteja, pois você tem um papel importante a desempenhar na próxima batalha. Ouvi dizer que as pessoas que subscreveram **A Doutrina Secreta** estão ficando impacientes. Nada a fazer. Como você sabe, trabalho quatorze horas por dia. Os últimos manuscritos enviados a Adyar só estarão de volta dentro de três meses, quando então começaremos a publicar. Subba Row está fazendo valiosas observações, conforme diz Olcott. Não vou sair das proximidades da Inglaterra. Aqui é meu lugar na Europa, e pronto. Ter Londres facilmente ao meu alcance, eis o programa, ao qual me aterei fielmente. Não imagina como desejo que retorne logo. Seu quarto no andar superior, com estufa, já está pronto, de modo que terá mais conforto. Mas você está desenvolvendo em Londres um trabalho muito útil. Sinto-me tão solitária...

* Z. é muito provavelmente G. Zander, de Estocolmo, Suécia. (N. do Editor].

Em outro trecho:

Só algumas linhas, pois, graças a Deus, voltarei a vê-la brevemente. Diga às pessoas que lhe perguntarem, que meu Mestre é um Mágico Branco e Mahatma também. Não pode haver um Mahatma que não seja ao mesmo tempo mágico branco, exerça ou não o seu poder, embora nem todo Mágico possa alcançar o estado de Mahatma, o qual é positivamente semelhante à metáfora usada por Mohini, uma vez que o estado de Mahatma dissolve a natureza física do homem seu intelecto, o sentimento de Ego e tudo o mais, com exceção do corpo, do mesmo modo que um tablete de açúcar se dissolve na água. Mas suponhamos mesmo que o meu Mestre não seja ainda pleno Mahatma, o que ninguém pode saber a não ser ele próprio e os outros mahatmas que convivem com ele, que diferença faz? Se não é melhor do que os três Magos (Mágicos Brancos que vieram do Oriente para ver o nascimento de Cristo), fico muito satisfeita. Enfim, que as pessoas que perturbam aprendam a etimologia da palavra Mágico. Vem de **Mah**, **Maha**, **Maq**, idêntico à raiz da palavra **Mahatma**. Uma significa grande alma, **Mahatma**, a outra, grande obreiro, **Mahansa** ou Maghusha. Mohini está certo quando instrui as pessoas e dá a verdadeira definição dos estados do homem que pertence a esse estado. Quem alcança esse estado mesmo ocasionalmente é Mahatma como qualquer outro. Aqueles em quem o estado torna-se permanente são aquele "tablete de açúcar", Não podem mais se relacionar com as coisas deste mundo. São "Jivanmuktas"!

Desde quando você partiu, venho experimentando algo como se fosse uma espécie de paralisia ou rompimento no coração. Vivo fria como um pedaço de gelo e quatro doses de digitalis por dia já não são suficientes para acalmar meu coração. Bem, só quero concluir meu **A Doutrina Secreta**. Na noite passada, em vez de ir dormir, fiquei escrevendo até uma hora da manhã. O triplice Mistério está revelado - que eu nunca pensei que o viesse a ser - o mistério...

Fiquei muito preocupada depois que recebi esta carta. Apressei-me tanto quanto possível na execução do restante do trabalho que ainda tinha para fazer e senti grande

tristeza quando, de volta a Ostend, encontrei Madame Blavatsky tão acabada e doente. O Sr. Z. partiu logo e então recomeçamos nossa vida rotineira. Madame Blavatsky punha-se com afinco a escrever **A Doutrina Secreta**. Muito raramente conseguia persuadi-la a ir se aquecer um pouco ao sol da praça. Eu achava que o calor do sol e a brisa do mar lhe fizessem bem, mas ela parecia sempre aborrecida ao voltar para casa, como se tivesse feito algo de errado, perdendo tempo tão valioso.

- Brevemente não estarei mais sozinha, dizia frequentemente.

Então as condições serão alteradas, as correntes serão quebradas e não terei mais condições de trabalhar tanto.

E assim ficaria à sua escrivaninha, qualquer que fosse a sua dor ou sofrimento. Limitava-se a cerrar os dentes e a continuar corajosamente a batalha.

CAPÍTULO 10

A PUBLICAÇÃO DO MAGNUM OPUS

Um dia fomos surpreendidas com uma visita da Sra. Kingsford e do Sr. Maitland.* De viagem a Paris, fizeram uma parada de alguns dias em Ostend, tendo-se hospedado num hotel defronte à nossa casa. Como a Sra. Kingsford se queixasse muito do desconforto do hotel e parecendo delicado seu estado de saúde, Madame Blavatsky e eu propusemos que ela e o Sr. Maitland se hospedassem conosco. Cedi meu quarto para a Sra. Kingsford e eles passaram quinze dias em nossa casa. Durante o dia tanto Madame Blavatsky como a Sra. Kingsford estavam ocupadas em seus respectivos trabalhos, mas à noite nos entregávamos a deliciosas conversações, quando era interessante ouvir diferentes temas de **A Doutrina Secreta** sendo discutidos dos pontos de vista ocidental e oriental do Ocultismo. A vigorosa inteligência dessas duas mulheres privilegiadas gerava animadas discussões, partindo de polos aparentemente opostos. Todavia, os fios do debate iam-se aproximando gradualmente uns dos outros até que, finalmente, se fundissem na unidade. Novos tópicos seriam levantados e discutidos com a mesma maestria. Mas essas noites agradáveis terminaram logo, pois a Sra. Kingsford ficou tão doente, que não podia sair do quarto e o Sr. Maitland achou que seria prudente levá-la para um clima mais quente, de modo que, numa linda manhã, eles partiram para Paris e, mais uma vez, Madame Blavatsky e eu ficamos sozinhas.

* Mais corretamente: Dra. Anna Kingsford e Dr. Edward Maitland. (N. do Editor)

Frequentemente recebíamos cartas de Londres. Ficamos sabendo, para satisfação nossa, que alguma atividade começava a se desenvolver ali. Havia sido formado um grupo de estudos em Londres, cujos membros pareciam muito interessados, tal a quantidade de cartas que chegavam pedindo informações e orientação. De fato, as coisas pareciam ir correndo mais favoravelmente nesse sentido e Madame Blavatsky sentia-se feliz ao constatar que na capital britânica se desenvolvia alguma atividade.

Para minha grande tristeza, comecei a observar que ela vinha-se tornando sonolenta e pesada no meio do dia e muitas vezes incapaz de trabalhar uma hora seguida. Esse estado ia-se agravando rapidamente e o médico que a atendia diagnosticou uma afecção dos rins. Fiquei alarmada. Passei um telegrama a Madame Gebhard para transmitir-lhe minhas apreensões e pedir que viesse me ajudar no trabalho noturno. No início só conseguimos arranjar uma irmã de caridade, que, logo descobri, era má e de nenhuma utilidade; toda vez que lhe voltava as costas, ela levantaria um crucifixo diante de Madame Blavatsky e lhe suplicava para que entrasse no rebanho da única igreja, antes que fosse tarde demais. Madame Blavatsky quase ficava fora de si. Por isso despachei a enfermeira e contratei uma cozinheira. Isto deixava Louise livre para dispensar mais atenção a Madame Blavatsky. Mas acontece que a filhinha de Louise havia chegado, fazia poucos dias, da Suíça, razão pela qual achei que só sua ajuda não seria suficiente, uma vez que a presença da filha deveria ocupar todos os seus pensamentos. Fiquei, portanto, agradecida quando recebi uma resposta cordial de Madame Gebhard ao meu telegrama, pelo qual fiquei sabendo que a

veria dentro de poucas horas.

Quando Madame Gebhard chegou, tive a impressão de haver retirado um pesado fardo de cima de meus ombros. Entrementes, Madame Blavatsky estava piorando e o médico belga, que era a bondade em pessoa, receitava um remédio depois de outro, sem qualquer resultado. Comecei a ficar realmente nervosa e sem saber o que fazer. Madame Blavatsky encontrava-se em profundo estado letárgico, ficando às vezes inconsciente, sem que houvesse algo que a pudesse despertar ou interessá-la. Ocorreu-me, finalmente, uma brilhante inspiração. Eu sabia que, no grupo de Londres, havia um médico chamado Ashton Ellis, de modo que lhe telegrafei, descrevendo-lhe o estado de Madame Blavatsky e suplicando que viesse sem demora.

Sentei-me junta à cama da enferma naquela noite, atenta a todo som, enquanto acompanhava ansiosamente o passar das horas, até que, por fim, às 3 horas da manhã tocaram a campainha. Corri e fui abrir a porta. Era o Dr. Ashton Ellis que chegava. Descrevi-lhe rapidamente todos os sintomas da enferma e os medicamentos que haviam sido aplicados, após o que foi vê-la e mandou que tomasse um remédio que havia trazido de Londres. Depois de me dar algumas instruções, retirou-se para o seu quarto, para algumas horas de repouso. Comuniquei a chegada do médico a Madame Gebhard e, em seguida, voltei ao meu posto.

No dia seguinte realizou-se uma conferência entre os dois médicos. O médico belga dizia jamais ter visto semelhante caso de doença de rins como o que estava acontecendo com Madame Blavatsky. Impressionava sua resistência, embora estivesse convicto de que nada a poderia salvar. Não nutria qualquer esperança de sua recuperação. O Dr. Ellis confirmou que era muito raro alguém sobreviver a essa fase crítica do mal. Disse-nos ainda haver consultado um especialista antes de vir a Ostend, o qual expressara a mesma opinião, embora o houvesse aconselhado que, além da prescrição de medicamentos, tentasse uma massagem dos órgãos paralisados.

Madame Gebhard sugeriu que, estando Madame Blavatsky tão perto da morte, deveria fazer seu testamento. Se morresse sem testamento, num país estrangeiro, haveria muita confusão e aborrecimento a respeito de objetos de sua propriedade, uma vez que não tinha parentes próximos. Acrescentou ainda que Madame Blavatsky, por ela consultada, já manifestara o desejo de assinar o documento, pelo qual eu herdaria todos os seus bens, juntamente com as instruções sobre como dispor dos mesmos. Mais tarde Madame Blavatsky disse-me o que eu deveria fazer exatamente de seus bens, os quais, na realidade, representavam pouca coisa: seus vestidos, livros, algumas joias e algumas poucas libras. De qualquer maneira, porém, achamos conveniente que o testamento fosse feito. O advogado, os dois médicos e o cônsul americano deveriam estar presentes.

A noite passou depressa. No dia seguinte o Dr. Ellis a massageou várias vezes até ficar exausto, mas sem qualquer melhora. Então, para minha aflição, comecei a detectar o peculiar odor da morte, que às vezes precede à dissolução. Não acreditava que passasse daquela noite. Sentada, sozinha, junto à sua cama, eu a vi abrir os olhos para me dizer que estava feliz porque ia morrer e achava que o Mestre, finalmente, a deixaria livre. Estava, porém, preocupada com o seu livro, **A Doutrina Secreta**; recomendou-me que cuidasse de seus manuscritos e os entregasse ao Coronel Olcott com as instruções para a sua publicação e lamentava não poder dar mais ao mundo, mas o Mestre sabia melhor do que

ela. E assim conversava em intervalos, falando-me de muitas coisas. No fim entrou em estado de inconsciência e eu me perguntava como iria terminar tudo aquilo.

Parecia-me impossível que ela devesse morrer e deixar sua obra inacabada. Além disso, que seria, então, novamente da Sociedade Teosófica? Como seria possível que o Mestre, que estava à frente dessa Sociedade, viesse a permitir seu fracasso? É bem verdade que tudo isto poderia ser consequência do carma dos membros, cujo fraco ou falso entusiasmo teria levado a Sociedade Teosófica ao descrédito total e, assim, seu destino natural seria a morte, para só renascer no decurso do próximo século. Lembrei-me ainda de que o Mestre havia dito a Madame Blavatsky que ela iria reunir um círculo de discípulos. Como seria possível fazer isto se ia morrer? Abri então meus olhos, olhei para ela e pensava como seria possível, depois de se ter escravizado, sofrido e lutado tanto, que viesse a desaparecer no meio de sua obra? Que utilidade teria tido todo o seu auto-sacrifício e tribulações, se a obra de sua vida não viesse a ser concluída?

Dia após dia sofrera torturas, mentais e físicas. Mentais, com a falsidade e traição daqueles que se diziam seus amigos e, por detrás, a detratavam, atirando-lhe pedras, imaginando, na sua ignorância, que ela não pudesse conhecer a mão que as atirava. E físicas, pois era obrigada a permanecer numa forma que se teria desintegrado dois anos antes em Adyar, não tivesse sido mantida por meios ocultos, quando resolveu continuar vivendo e trabalhando por aqueles que viriam ainda a fazer parte da Sociedade Teosófica. Entre todas as pessoas que a conheciam, ninguém a compreendia inteiramente. Para mim mesma, que vivera durante tantos meses na sua intimidade, ela era um enigma, com seus estranhos poderes, seu conhecimento maravilhoso, sua extraordinária percepção da natureza humana e sua vida misteriosa vivida em regiões desconhecidas dos mortais comuns, de modo que, embora seu corpo pudesse estar perto, sua alma estaria muitas vezes distante em íntima comunhão com outras. Eu a observei muitas vezes nesse estado e sabia que só o invólucro de seu corpo estava presente.

Eram pensamentos dessa espécie que passavam por minha mente ao longo daquela noite de ansiedade, acompanhando a evolução de seu estado que parecia se tornar cada vez mais fraco. Fui tomada por um sentimento de desânimo e de perplexidade ao pensar quanto realmente amava aquela nobre senhora e como a minha vida seria vazia sem ela. Não gozar mais de sua afeição e confiança haveria de ser a mais grave provação. Todo o meu ser levantou-se em rebeldia ao pensamento de perdê-la. Soltei um grito de amargura e adormeci.

Quando voltei a mim os primeiros raios da aurora já penetravam furtivamente pelo quarto. Fiquei profundamente apreensiva por haver dormido. Madame Blavatsky talvez tivesse morrido durante meu sono, enquanto eu desertara de meu posto de vigília. Horrorizada, voltei-me para a cama e lá estava Madame Blavatsky olhando tranquilamente para mim, com seus olhos cinza-claros.

- Condessa, venha aqui, disse ela. Corri para junto de sua cama.
- Blavatsky, o que aconteceu? Seu aspecto é tão diferente de ontem à noite.
- Sim, respondeu, o Mestre esteve aqui. Deu-me a escolher: morrer e ficar livre, se quisesse, ou viver e concluir **A Doutrina Secreta**. Advertiu-me sobre a magnitude de

meus sofrimentos e sobre um terrível período por que haveria de passar na Inglaterra, pois vou para lá. Mas, quando pensei naqueles discípulos, aos quais me será dado ensinar algumas coisas, e na Sociedade Teosófica em geral, à qual já deixo meu coração, aceitei o sacrifício. Agora, para torná-lo completo, dê-me um pouco de café e algo para comer. Traga também minha caixa de tabaco.

Saí voando para atender ao seu pedido e corri logo a dar a boa nova a Madame Gebhard. Madame Gebhard estava acabando de se vestir, pronta para ir substituir-me na vigília noturna, e, após várias exclamações de alegria, insistiu em que eu fosse para a cama, enquanto ela própria se encarregaria de cuidar de Madame Blavatsky. Eu estava tão excitada, que tinha a impressão de não poder dormir. Mal, porém, encostei a cabeça no travesseiro, caí num sono profundo, só vindo a acordar bem tarde naquele dia.

Quando desci, encontrei um ambiente festivo. Madame Blavatsky tinha-se levantado e se vestido e conversava alegremente com todos. O Dr. Ellis a havia massageado novamente e aplicado o medicamento. Aguardava-se a chegada do grupo de pessoas que deveriam assistir à assinatura do testamento. Madame Blavatsky encontrava-se na sala de jantar pronta para recebê-los. Ficaram todos estupefatos, pois, quando entraram, com fisionomias graves, esperavam deparar com uma velha moribunda.

- **Mais, c'est inoui; Madame aurait dû mourir,*** disse o médico.

*. Incrível. Madame estava à morte.

Não podia compreender. Madame Blavatsky, sentada em sua cadeira, fumando seu cigarro, calmamente lhe ofereceu um e começou a pilheriar com ele. O advogado, perplexo, pedia uma explicação ao médico, que começou desculpando-se e repetindo várias vezes "**mais elle aurait dû mourir**", enquanto o cônsul americano, homem prático, aproximou-se, apertou a mão de Madame Blavatsky e se congratulou com ela por haver, desta vez, ludibriado a morte. Seguiu-se uma conversação animada e divertida.

O advogado, em seguida, chamou-nos à ordem e começou a grave tarefa de escrever o testamento. Pediram a Madame Blavatsky que oferecesse detalhes sobre seu marido, mas ela respondeu asperamente; não sabia nada sobre o velho Blavatsky, provavelmente já teria morrido há muito tempo e, se quisessem mais informações sobre ele, que fossem à Rússia; ela lhes pedira para vir fazer o **seu** testamento. Estivera às portas da morte, mas agora não ia morrer mais. Todavia, como já tinham vindo, seria pena que esse trabalho resultasse em nada, de modo que, fosse como fosse, podiam escrever o testamento, no qual deixaria tudo para mim.

O advogado passou então a inquiri-la. Não teria parentes? Não seria mais justo deixar-lhes os seus bens? E ao fazer essas perguntas, olhava-me de soslaio, como se quisesse dar a entender que eu tivesse influenciado indevidamente Madame Blavatsky a deixar os seus bens para mim, em detrimento de seus parentes. Madame Blavatsky investiu contra ele, perguntando-lhe se a questão era de sua conta. Deixaria o dinheiro, declarou, para quem ela quisesse.

Madame Gebhard, temerosa de um escândalo, interveio na conversa e disse gentilmente ao advogado:

- Quando o senhor souber a quantidade de dinheiro que Madame Blavatsky tem para legar, talvez não fará nenhuma objeção à lavratura do testamento nos termos em que ela deseja; tivesse Madame Blavatsky morrido, todo o seu dinheiro não teria sido suficiente para cobrir as despesas do seu funeral.

O advogado não pôde conter uma expressão de surpresa e se pôs imediatamente a trabalhar, sem fazer comentários. Em poucos minutos o testamento estava lavrado e assinado pelos presentes, após o que foi servido café e deu-se início a uma conversação sobre generalidades. Três horas após, o cônsul americano levantou-se e disse:

- Bem, acho que já cansamos demais uma senhora moribunda. E, após rápidos cumprimentos, o pequeno grupo deixou a sala, enquanto nós ficamos ainda a nos divertir com uma das cenas mais originais e interessantes que já havíamos testemunhado. Achamos depois que Madame Blavatsky deveria ir para a cama, mas ela reagiu vigorosamente e ficou ali sentada até tarde, fazendo seu jogo de paciência.

Devo acrescentar que nunca mais vi aquele testamento. Após a morte de Blavatsky, na Avenue Road, Londres, em 8 de maio de 1891, fui a Ostend para ver o advogado e perguntar-lhe o que havia sido feito do testamento. Disse-me que, depois de minha partida, ele o entregara a Madame Blavatsky. Acredito que ela deve tê-lo destruído, pois jamais foi encontrado entre seus papéis.

A sensação causada pela súbita recuperação de Madame Blavatsky foi pouco a pouco diminuindo. O Dr. Ellis voltou a Londres, levando nossos mais profundos agradecimentos por ter atendido tão prontamente ao meu telegrama, e pelo cuidado e dedicação que dispensou à enferma durante sua estada conosco.

Nossos visitantes seguintes foram o Dr. Archibald Keightley e o Sr. Bertram Keightley. Foram portadores dos mais urgentes e calorosos convites do grupo de Londres a Madame Blavatsky, para ir morar na Inglaterra. Ela acabou atendendo ao convite e ficou acertado que passaria o verão com os Keightleys, em Norwood, numa pequena casa chamada Maycot.

Eles voltaram para Londres para fazer os preparativos para a sua recepção e eu comecei a pensar na minha casa na Suécia. Estava muito cansada de toda aquela ansiedade por que havia recentemente passado. Sonhava com um repouso completo, físico e mental. Madame Gebhard, vendo como eu estava acabada e doente, insistiu para que eu partisse logo, dizendo que ficaria com Blavatsky até que os Keightleys viessem buscá-la. Naquela manhã havia chegado uma carta do Sr. Thornton, dizendo que estava seguindo para Ostend, para fazer uma visita a Madame Blavatsky. Fiquei contente ao saber que Madame Gebhard não ficaria sozinha, mas teria um amigo para ajudá-la em caso de necessidade. Assim sendo, poucos dias depois, após as mais ternas e afetuosas despedidas, tomei um trem de volta à Suécia.

Além de cartas ocasionais de Madame Gebhard, em que me dizia que tudo transcorria satisfatoriamente e que estavam muito atarefadas nos preparativos para a viagem de Madame Blavatsky para Londres, não havia nada de importante a registrar. Durante o verão, recebi cartas ocasionais de Blavatsky, das quais cito trechos de duas, datadas de Maycot, Norwood, após sua chegada à Inglaterra.

Tudo que posso dizer é que não me sinto feliz ou mesmo à vontade como me

*sentia em Ostend. Estou no território do inimigo e isto diz tudo... A casa é um buraco. onde vivemos como arenques dentro de um barril, tão pequena ela é, tão desconfortável. Quando há três pessoas nas duas salas (do tamanho da metade do meu quarto de dormir em Ostend), estamos sempre nos trombando umas nas outras; quando há quatro, sentamo-nos uma na cabeça das outras. Depois não há silêncio aqui, pois o menor barulho é ouvido na casa toda. Problema pessoal, está bem, mas não há outro problema muito mais importante. Há tanto o que fazer aqui (obra teosófica), que ou deixo de escrever **A Doutrina Secreta** ou deixo de realizar o trabalho teosófico. É por isso que, mais do que qualquer outra coisa, sua presença aqui é requerida. Se perdermos as boas oportunidades, jamais teremos outras melhores. Acho que você já sabe Que foi organizada e legalizada a loja Blavatsky, por Sinnett e outras pessoas.*

*Até o momento é composta de Quatorze pessoas. Deve saber também que foi fundada pelas mesmas pessoas uma Companhia Publicadora Teosófica, e que não só começamos um novo Jornal Teosófico, como pretendem elas próprias editar **A Doutrina Secreta**. Foram subscritas 200 libras para Lúcifer, nossa nova revista, e 500 libras para **A Doutrina Secreta**. É uma sociedade limitada, mas já regularizada e registrada. Já se fez muito, portanto. Tenho reuniões regulares às Quintas-feiras. Quando cerca de dez ou onze pessoas se apinham nas minhas duas salas, umas sentadas na escrivaninha, outras no sofá-cama. Durmo no sofá de Würzburg, pois não há espaço para uma cama no Quarto. Para você, se vier, há um quarto no andar de cima.*

Posteriormente ela me escreveu dizendo que o último projeto em mira era alugar uma casa em Londres, cujas despesas seriam partilhadas pelos dois Keightleys, por ela própria e por mim, e esperava que eu concordasse com o plano, pois achava que seria muito interessante ter uma sede teosófica em Londres. Isto facilitaria consideravelmente nosso trabalho e induziria as pessoas a nos procurar mais prontamente. Tendo-lhe manifestado minha disposição em aderir ao plano proposto e comunicado que brevemente estaria em Londres, recebi dela as seguintes linhas, datadas de Maycot:

*É ocioso dizer como fiquei aliviada e alegre com a sua chegada. Venha diretamente para aqui, por algumas horas, se não preferir dormir aqui. A casa em Lansdowne Road está sendo mobiliada. Estou de mudança, livros e tudo. Escolhi dois quartos para você. Acho que você vai gostar. **Mas venha logo e não protele a partida. por caridade.** Sempre sua. H. P. B.*

Esta é a última citação que faço de suas cartas e com ela quase que dou por terminada minha narração, pois em Londres estavam os dois Keightleys que trabalhavam em **A Doutrina Secreta** com Madame Blavatsky. Com uma diligência digna de louvor, eles copiaram todo o manuscrito numa máquina de escrever [sic]. A eles eu deixo o encargo de continuar a narrativa (parte II) de como Madame Blavatsky escreveu **A Doutrina Secreta**. Acrescentarei apenas mais algumas poucas linhas.

Cheguei a Londres em setembro de 1887 e fui direto para Norwood. Ali encontrei Madame Blavatsky numa pequenina casa de campo com os Keightleys. Após calorosa recepção, ela estava ávida para me dizer como iríamos começar a trabalhar para a

Sociedade Teosófica de uma maneira mais prática do que vinha sendo feito até então. Muitas foram as conversações que tivemos sobre a maneira de poder tornar a Teosofia mais conhecida em Londres, e toda sorte de projetos era discutida.

Após três dias de arrumações, planejamento e preparativos, entramos numa manhã numa carruagem e rumamos para a Lansdowne Road, 17, em Londres. Ali os dois Keightleys se esforçavam com todo empenho para tornar a casa confortável para Madame Blavatsky. Nunca deixava de admirar, como desde então sempre fiz, a terna devoção e preocupação com o seu conforto, que chegavam a mínimos detalhes, sempre demonstradas por aqueles dois jovens. De toda maneira possível eles contribuíam para o seu bem-estar, procurando por todos os meios possíveis tornar as coisas mais fáceis para ela continuar seu trabalho de escrever **A Doutrina Secreta**.

Os aposentos de Madame Blavatsky ficavam no andar térreo.

Era um pequeno quarto que dava para um amplo gabinete, cuja mobília era disposta em torno dela, de modo que pudesse facilmente alcançar seus livros e seus papéis. Dava também para a sala de jantar, o que lhe propiciava bastante espaço para exercício, quando se dispusesse a caminhar um pouco.

Foi ali que o Coronel Olcott a encontrou poucos meses depois, transmitindo, em seguida, suas impressões aos seus leitores indianos. Eis a passagem:

*O Presidente encontrou Madame Blavatsky bastante adoentada, mas trabalhando furiosamente com energia e pertinácia. Um médico competente disse-lhe que o simples fato de estar ela ainda viva já era um milagre, a julgar segundo os cânones profissionais. Seu sistema está tão desorganizado por uma complicação de males dos mais graves. Que é de admirar que não tenha ainda deixado de lutar; qualquer outra pessoa já teria sucumbido há muito tempo. O microscópio revela uma enorme quantidade de metais de ácido úrico em seu sangue e, segundo os médicos, um só mês de calor na Índia seria o bastante para matá-la. Apesar disso, ela não só vive como continua trabalhando à sua escrivaninha, da manhã à noite, "revendo" e lendo as provas de **A Doutrina Secreta** e de sua revista londrina *Lúcifer*. Mais de trezentas páginas de cada um dos dois volumes de sua maior obra já estavam impressas quando o Coronel Olcott chegou. Ambos os volumes aparecerão, provavelmente, neste mês. De tudo o que ouviu de pessoas criteriosas e competentes que leram o manuscrito, pôde deduzir o presidente, para a sua satisfação, que **A Doutrina Secreta** ultrapassa em mérito e interesse até mesmo **Ísis Revelada**.*

Madame Blavatsky está residindo na Lansdowne Road, 17, Holland Park, com três amigos teosóficos, entre eles a dedicada guardiã, enfermeira e consoladora, a Condessa Wachtmeister da Suécia, que a tem acompanhado durante toda a sua grave enfermidade nestes últimos três anos. A casa é bastante agradável e situa-se num bairro tranquilo. Seus fundos dão para uma espécie de pequeno parque comum aos moradores das casas vizinhas. Os aposentos de Madame Blavatsky ficam no andar térreo, uma vez que está praticamente impossibilitada de subir ou descer escadas. Sua escrivaninha dá para uma grande janela de onde descortinam a relva e as árvores frondosas do Holland Park; à sua direita e à sua esquerda estão mesas e estantes cheias de livros de referência. Em torno do aposento estão suas lembranças da Índia: bronzes de Benares, molduras de Palghat, tapetes de Adoni, travessas de

Moradabad, placas da Cachimira e imagens cingalesas, tão familiares aos visitantes em Adyar naqueles velhos tempos. Com relação à sua volta à Índia, o problema é essencialmente médico. É seriamente de se duvidar que ela possa aguentar a viagem e é certo que teria de ser içada para entrar e para sair do navio, como aconteceu quando Viajou de Madrastra para a Europa três anos atrás. Evidentemente, com o seu livro no prelo, não poderia deixar Londres por uns quinze dias, mesmo se pudesse ser substituída na redação da **Lúcifer**. Quanto a esse problema, será fácil de ser contornado futuramente, dependendo a viagem exclusivamente de seu estado de saúde. Em Londres, vive cercada de vários e devotados teosofistas que, além de adiantar 1500 libras para a publicação de **A Doutrina Secreta** e de **Lúcifer**, constituíram a Companhia Publicadora Teosófica Ltda., para publicação, por preços populares, de artigos de **The Theosophist**, **Lúcifer** e **The Path** e escritos de toda sorte. O interesse pela Teosofia aumenta e se aprofunda em toda a Europa, e muito mais ainda nos Estados Unidos, pois não só assistimos a suas ideias colorindo a literatura atual, como também provocando discussão pelos principais orientistas do momento. As recentes conferências do Professor Max Müller, Monier Willlams e outros, nas quais somos citados e criticados, e o admirável artigo sobre "O Budismo no Ocidente", do ilustre pensador M. Em. Burnouf, que traduzimos e publicamos nesta edição de nossa revista, ilustram muito bem a situação. Existem hoje, praticamente, três centros teosóficos, de onde está sendo exercida essa espécie de Influência sobre a mentalidade de nossa época: Madrastra, Londres e Nova Iorque. E embora a ausência de Madame Blavatsky de Adyar seja profundamente sentida por seus ardorosos amigos, não se pode duvidar de que o movimento em geral tem-se beneficiado muito com a sua presença em Londres, assim como com a sua proximidade teosófica de seus dedicados colegas nos Estados Unidos.

No ano seguinte, outra exposição apareceu na edição de julho de **The Theosophist**, que pode ser também de interesse de meus leitores:

Madame Blavatsky, como sempre, continua a trabalhar sem descanso e em condições tão fisicamente precárias de tornar não só o seu trabalho, como a sua própria existência, algo realmente maravilhoso. Posso afirmar como médico e não apenas com a minha própria autoridade, mas como fato conhecido e notório de alguns dos principais profissionais de Londres, que jamais se viu um paciente sobreviver mesmo a uma semana nessas condições de crise renal como a que a vem acometendo cronicamente há muitos meses. Essa crise vem sendo ultimamente atenuada pela ação de estricnina, que lhe é ministrado diariamente na forma de seis ou mais pequenas doses. É muito frequente sofrer ataques de apoplexia cerebral, mas sem qualquer tratamento conhecido da ciência médica, recupera-se e vai adiante, confiante como sempre de que sua vida não se extinguirá enquanto não concluir sua obra. E nesse ponto ela é infatigável. Suas horas de trabalho diário vão das 6,30 da manhã às 7 horas da noite, com apenas alguns minutos de intervalo para uma breve refeição pouco antes do meio-dia. Durante esse tempo, dedica grande parte de seu tempo à preparação das instruções para Seção Esotérica, transmitindo conhecimentos que lhe é dado transmitir e que as pesosas são capazes de receber. Depois é inteiramente absorvida pelo trabalho editorial referente à produção de sua

revista **Lúcifer**. E edita também o novo mensário francês **La Revue Théosophique**, publicada pelos Condes d'Adhémar, que, a propósito, é americano de nascimento. Sua revista publica atualmente uma série de artigos brilhantes de Amaravella e uma tradução em francês de **A Doutrina Secreta**, de Madame Blavatsky.

O terceiro volume de **A Doutrina Secreta** já está pronto para ser entregue aos editores. Consistirá principalmente de uma série de tratados dos grandes ocultistas de todas as eras. É o trabalho mais fascinante e maravilhoso. O quarto volume, que conterà muitas sugestões sobre o tema do Ocultismo prático, já está esboçado, mas não ainda redigido. Nele se demonstrará o que realmente é o Ocultismo e como seu conceito popular tem sido vilipendiado e aviltado por falsos candidatos aos seus mistérios, os quais, por avidez de dinheiro ou por outros fins torpes, se proclamam possuidores da ciência secreta. Esse desmascaramento precisará ser vivamente destacado nos dias de hoje como um registro histórico, de modo que a própria missão de escrever não deverá ser iniciada enquanto não estivermos dispostos a promovê-lo.

A noite, das 7 às 11 horas, e às vezes até às 2 horas da madrugada, Madame Blavatsky recebe muitas visitas. É evidente que a maioria dos visitantes é de pessoas amigas. Outros são investigadores sérios, e não poucas são as pessoas que se sentem atraídas pela curiosidade de ver uma mulher considerada hoje como uma das mais eminentes personalidades do mundo. Todos são bem recebidos e ela atende a cada um no terreno de sua escolha.

O Sr. G. J. Romanes, membro da Royal Society, vem discutir a teoria evolucionária exposta em seu livro **A Doutrina Secreta**; o Sr. W. T. Stead, editor do **Pall Mall Gazette**, ele próprio um grande admirador de **A Doutrina Secreta**, acha que o livro encerra muitos assuntos dignos de ser elucidados; Lorde Crawford e Barcarres, também membro da Royal Society, muito interessado pelo Ocultismo e pela Cosmogonia e que foi discípulo de Lorde Lytton, com quem estudou no Egito, vem conversar com ela sobre assuntos de seu interesse; a Sra. Besant, cuja ligação com a Sociedade de Reforma Nacional a tornou famosa, vem manifestar seu interesse pela Teosofia como força capaz de atuar na vida social da Humanidade; o Sr. Sidney Whitman, muito conhecido por sua crítica ferina à hipocrisia inglesa, tem ideias a expor e pensamentos para trocar sobre a Ética da Teosofia, e assim por diante.

O fato é que a vida se tornou muito incômoda na casa, quando as visitas começavam a afluir. Os visitantes tornaram-se tão numerosos, e Madame Blavatsky era de tal modo constantemente interrompida em seu trabalho, que se considerou conveniente destacar um dia da semana para receber visitas. O dia de sábado foi o escolhido, sendo o horário estabelecido a partir das 2 horas da tarde. Dali até às 11 ou mesmo até meia-noite, Madame Blavatsky teria frequentemente um grupo de visitantes em torno dela, a lhe fazer perguntas, às quais responderia com invariável paciência. Durante todo esse tempo continuou a escrever **A Doutrina Secreta**, até que, por fim, o pôs nas mãos do impressor. Começou, então, a tarefa da leitura das provas, de revisão e de correção, que se tornou realmente muito pesada. Eu acompanhava tudo isso com muita alegria no meu coração e, quando um exemplar foi

posto em minhas mãos, senti-me recompensada por verificar que todas aquelas horas de dor, de fadiga e de sofrimento não foram inúteis, e que Madame Blavatsky tinha podido cumprir sua missão, dando ao mundo essa grandiosa obra. Ela me disse que seria necessário aguardar calmamente o século vindouro para que sua obra fosse apreciada no seu devido valor. No momento só seria estudada por algumas poucas pessoas.

Blavatsky estava feliz naquele dia. Foi um dia de sol na sua vida de escuridão e tristeza. As trevas começavam a envolvê-la e pouco depois haveria de experimentar suas mais amargas provas.

Concluída **A Doutrina Secreta**, minha missão estava encerrada. Permitam-me apenas render um pequeno tributo de gratidão e de amor à amiga e mestra que fez mais por mim do que qualquer outra pessoa no mundo; que me ajudou a ver a verdade e que me mostrou o caminho para testar e conquistar a mim mesma, com todas as minhas fraquezas, e a viver de uma maneira mais nobre, a serviço do próximo. "Tua alma será como a manga madura: tão macia e doce quanto a sua polpa dourada e brilhante, para os infortúnios do próximo; tão dura como o caroço dessa fruta, para as tuas próprias angústias e tristezas... A compaixão fala: diz: pode haver alegria quando tudo o que vive tem de sofrer? Serás poupada quando ouves todo o mundo a gritar?*" Estes são os preceitos que Madame Blavatsky oferecia a seus discípulos, para que aprendessem e seguissem esta era a Ética que sua vida de contínua abnegação pelo bem dos outros gravou, qual uma flama ardente, nos corações daqueles que nela acreditaram.

* De **The Voice of the Silence** [A Voz do Silêncio].

PARTE II
OUTROS TESTEMUNHOS

CAPÍTULO 11
ESCREVENDO A DOCTRINA SECRETA

Bertram Keightley*

* Bertram Keightley serviu durante algum tempo no Conselho Geral da Sociedade e foi secretário geral da Seção Britânica, 1901-1905.

A primeira vez que vi o manuscrito de **A Doutrina Secreta** foi na oportunidade de minha visita a Ostend, em 1887. Eu fora ali para convencer Madame Blavatsky da conveniência de vir morar em Londres, com a finalidade de formar um centro de trabalho ativo pela causa da Teosofia. Éramos seis, ao todo, que nos sentíamos profundamente desgostosos com a inércia que parecia dominar a Sociedade na Inglaterra. Tínhamos chegado à conclusão de que só Madame Blavatsky poderia dar uma ajuda eficiente para a restauração do movimento em sua animação primitiva, e promover um trabalho ativo e inteligente. Dos seis que, com Madame Blavatsky, fundaram a primeira Loja Blavatsky, só dois, infelizmente, permanecem ainda hoje membros ativos da Sociedade.

Durante os primeiros dias que então passei em Ostend, com Madame Blavatsky, ela me pediu para dar uma olhada no manuscrito de sua nova obra, ao qual acedi prazerosamente. Mal começara a ler, convenci-me de que **A Doutrina Secreta** estava destinada a ser de longe a mais importante contribuição deste século para a literatura do Ocultismo; embora a natureza fragmentária e inacabada de grande parte do trabalho me levasse a achar que se fazia necessário uma cuidadosa revisão e uma reorganização da matéria, para que o manuscrito estivesse em condições de ser publicado.

Numa segunda visita uma ou duas semanas mais tarde, essa primeira impressão foi confirmada por uma apreciação mais profunda. Todavia, como Madame Blavatsky acedera ao nosso pedido de vir residir em Londres ou perto de Londres, tão logo fossem feitos os preparativos para recebê-la, nada mais foi feito nesse sentido naquela época.

Pouco depois de meu retorno à Inglaterra, ficamos sabendo que Madame Blavatsky encontrava-se gravemente enferma, ou melhor, que estava mesmo desenganada pelos médicos que a atendiam. Mas, como de costume, ela desapontou os profetas médicos e se recuperou de uma maneira tão maravilhosamente rápida, que logo depois estávamos em condições de começar os preparativos para a sua mudança para a Inglaterra, para Norwood, onde um pequeno chalé, chamado Maycot, fora

alugado para sua residência temporária.

A mudança foi efetuada sem nenhum fato inconveniente, embora constituísse um empreendimento realmente terrível embalar seus livros, papéis, manuscritos etc., pois continuou escrevendo até o último momento. Além disso, quantas vezes era necessário a qualquer custo retirar do fundo de uma caixa em livro cuidadosamente arrumado, para atender à sua insistência. Ainda assim conseguimos embalar tudo, chegar a Maycot e em menos de duas horas Madame Blavatsky já estava de posse de seu material de escrever e em plena atividade de escritora. Era impressionante sua capacidade de trabalho; desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite estava sentada à sua escrivaninha, e mesmo quando doente, em condições em que a maioria das pessoas se atiraria inerte sobre um leito, Madame Blavatsky entregava-se resolutamente à tarefa a que se propusera.

Um dia ou dois depois de nossa chegada a Maycot, Madame Blavatsky pôs todo o manuscrito, já completo, nas mãos de Dr. Keightley e nas minhas, recomendando-nos que lêssemos, pontuássemos, corrigíssemos o inglês, alterássemos e, de um modo geral, tratássemos a obra como se fosse nossa, o que evidentemente não fizemos, tendo como tínhamos um conceito por demais elevado de seus conhecimentos, para tomar quaisquer liberdades com uma obra tão importante.

Nós ambos lemos todo o manuscrito - uma pilha de mais de um metro de altura - corrigindo com todo cuidado o inglês e a pontuação onde fosse absolutamente indispensável fazê-lo e, então, após uma prolongada consulta com a própria autora, em seu gabinete, no meu caso tremendo de angústia, lembro-me ainda, apresentamos nossa opinião de que toda a matéria deveria ser reorganizada num plano definido, pois, como estava, o livro seria outro **Ísis Revelada**, só que muito pior, tal era a falta de planejamento e de conexão.

Após um pouco de conversação, Madame Blavatsky disse-nos que fôssemos para o inferno e que fizéssemos o que fosse melhor. Ela tivera mais do que o suficiente da coisa sagrada, no-la transmitira, lavava suas mãos inteiramente, de modo que poderíamos fazer o que considerássemos mais acertado.

Retiramo-nos e estudamos. Finalmente lhe apresentamos um plano, sugerido pela natureza da própria matéria, isto é, dividir o trabalho em quatro volumes, consistindo cada um de três partes: (1) Estrofes e Comentários; (2) Simbolismo; e (3) Ciência. Além disso, em vez de fazer o primeiro volume consistir, como ela queria, da história de alguns grandes ocultistas, nós a aconselhamos a seguir a ordem natural da exposição e começar com a Evolução do Cosmo, dela passando para a Evolução do Homem, para tratar, em seguida, da parte histórica num terceiro volume que compreenderia a vida de alguns Grandes Ocultistas. E, finalmente, a aconselhamos a tratar do Ocultismo Prático num quarto volume, se tivesse condições de escrevê-lo.

Apresentamos esse plano a Madame Blavatsky que o sancionou plenamente.

O passo seguinte seria reler todo o manuscrito e fazer uma reorganização geral da matéria pertinente a assuntos que eram tratados sob o título de Cosmologia e Antropologia, que deveriam formar os dois primeiros volumes da obra. Concluída essa tarefa, sempre depois de ouvir Madame Blavatsky e receber sua total aprovação, todo o manuscrito assim reorganizado era datilografado por profissionais, relido, corrigido,

cotejado com o manuscrito original, assim como todas as citações em grego, hebraico e sânscrito, introduzidas por nós. Aconteceu, porém, que todo o Comentário sobre as Estrofes não somavam mais de umas vinte páginas da citada obra, pois Madame Blavatsky não se atinha ao seu próprio texto ao escrever. Assim sendo, fomos entrevistá-la com toda seriedade e lhe sugerimos que fizesse um comentário adequado, como prometera aos seus leitores no prefácio. Sua reação foi característica:

- O que é que tenho a dizer? O que é que vocês querem saber? Por que tudo lhes parece assim tão simples!!!

Não pensávamos assim. Ela não faria o comentário - ou dera a entender que não o faria. De modo que nos retiramos para refletir.

Como uma interpolação, gostaria de registrar aqui que, no outono de 1887, propriamente no mês de outubro, se não me engano, nos mudamos todos para a Lansdowne Road, 17, em Notting Hill. A Condessa Wachtmeister, que estivera visitando a Suécia desde a partida de Madame Blavatsky de Ostend, veio juntar-se a nós para estabelecer a primeira Sede da Sociedade Teosófica em Londres. Durante nossa estada em Maycot, foi fundada a revista **Lúcifer**, publicada originalmente pelo Sr. G. Redway, para a qual Madame Blavatsky escrevia seus artigos e produzia mais matéria para **A Doutrina Secreta**. Esta e outras obras da Sociedade Teosófica tinham de ser acompanhadas e eu, como vice-editor de **Lúcifer**, vivia atarefadíssimo, de modo que passaram-se muitas semanas, acho que depois da mudança para a Lansdowne Road, para que fosse finalmente resolvido o problema do Comentário sobre as Estrofes.

A solução foi esta: Cada sloka das estrofes era escrita (ou recortada da cópia datilografada) e colada no alto de uma folha de papel e, em seguida, numa folha solta de papel nela grampeada eram escritas todas as questões que pudéssemos inventar com base naquela sloka. Nessa tarefa Richard Harte nos foi de considerável valia, sendo de sua autoria grande parte das questões apresentadas. Madame Blavatsky riscava muitas dessas questões, mandando-nos escrever explicações mais completas ou nossas próprias ideias, tais como eram, do que seus leitores esperavam dela, escrevia mais ela própria ou incorporava o pouco que já havia escrito sobre aquela determinada sloka, e assim se completou o trabalho.

Mas quando chegou o momento de entregar o manuscrito ao gráfico, verificamos que sua apresentação era de enlouquecer o mais experimentado compositor. Por isso, o Dr. Archibald Keightley e eu passamos a trabalhar com um datilógrafo e, alternadamente, ditávamos, escrevíamos e passávamos a limpo as primeiras partes dos volumes I e II.

O trabalho continuou até que as partes II e III de cada volume estivessem em condições mais ou menos apresentáveis e achássemos que fosse o momento de mandá-lo para a gráfica.

Ficara originalmente estabelecido que George Redway publicaria o trabalho, mas, como sua proposta não fosse satisfatória do ponto de vista financeiro, o dinheiro necessário foi oferecido por um amigo de Madame Blavatsky, e ficou resolvido que a publicação da **Lúcifer** ficaria por nossa própria conta. Assim foi alugado o escritório da Duke Street, onde se iniciou o negócio. O principal objetivo era o de levar a Sociedade Teosófica a retirar o máximo benefício possível dos escritos de Madame Blavatsky.

Da história restante de **A Doutrina Secreta** não há muito mais a dizer, a não ser que

tivemos meses de árduo trabalho. Madame Blavatsky lia e corrigia duas composições de provas de paquê, em seguida uma prova de página, ainda corrigindo, acrescentando e alterando até o último momento, com as consequentes despesas adicionais só de correções tipográficas no montante de mais de 300 libras.

Com referência aos fenômenos relacionados com **A Doutrina Secreta**, na realidade tenho muito pouco a dizer. Citações com referências integrais tiradas de livros que nunca estiveram na casa, citações verificadas depois de horas de pesquisas, às vezes, no Museu Britânico, à procura de um livro raro, desses fenômenos sou testemunha de muitos.

Ao verificá-los, descobria ocasionalmente o fato curioso da inversão das referências numéricas, por exemplo, 321 em lugar de 123, ilustrando o reverso dos objetos quando vistos na Luz astral. Mas, além desses casos de visão clarividente, não assisti pessoalmente a outros fenômenos ligados diretamente com a produção de **A Doutrina Secreta**.

Finalmente, não posso omitir a valiosa ajuda que nos foi prestada por E. D. Fawcett.* Antes de minha viagem a Ostend ele estivera se correspondendo com Madame Blavatsky e mais tarde também trabalhou com ela e para ela na Lansdowne Road na elaboração dos textos. Ele lhe fornecia muitas das citações de obras científicas, bem como muitas confirmações das doutrinas ocultas tiradas de fontes semelhantes. Não seria justo escrever a história de **A Doutrina Secreta** com a omissão de seu nome. E como não o havia feito na adequada sequência cronológica, reparo agora a omissão.

* Na página 262 de **A Short History of The Theosophical Society**, de Josephine Ransom, encontramos a seguinte referência a Fawcett, de considerável apoio: “O jovem e brilhante jornalista, E. D. Fawcett, que ajudara Madame Blavatsky em **A Doutrina Secreta**, especialmente naquelas partes do segundo volume que tratam da hipótese evolucionária, resolveu demitir-se de seu cargo de vice-editor do **Daily Telegraph**, para prestar seus serviços voluntários a **The Theosophist**.·

Quanto ao valor da obra, competirá à posteridade o juízo final. Pessoalmente, expressei minha convicção de que estudada com profundidade, mas sem ser tratada como revelação, compreendida e assimilada, mas sem ser convertida em texto dogmático, **A Doutrina Secreta** de Madame Blavatsky será apreciada como de inestimável valor e oferecerá sugestões, chaves para solução de problemas e orientação no estudo da Natureza e do Homem, e de tal ordem jamais encontrados em qualquer outra obra.

CAPÍTULO 12

ESCREVENDO A DOUTRINA SECRETA

Dr. Archibald Kelghtley*

* O Dr. Archibald Kelghtley foi um dos mais dedicados amigos de Helena Petrovna Blavatsky. Foi eleito presidente do grupo Inglês da então recém-formada Sociedade Teosófica na América, em 1895.

A primeira notícia que tive de **A Doutrina Secreta** foi o anúncio em **The Theosophist**. Fora informado em 1884 que Madame Blavatsky estava empenhada em escrever um livro, mas desconhecia o tema. Depois soube que o livro se chamaria **A Doutrina Secreta**, que muitas pessoas tinham sido consultadas sobre seu alcance e que todos os pontos discutíveis da Filosofia hindu tinham sido submetidos à apreciação do falecido T. Subba Bow, que também fizera várias sugestões sobre o assunto. Depois disso, tive a confirmação de que de fato ele assim procedera, esboçando um resumo que não teve sequência.

Mais tarde veio a notícia de que Madame Blavatsky caíra doente e que fora obrigada a deixar a Índia para salvar sua vida. Em seguida ouvi falar dela na Itália, a serviço, e finalmente em Würzburg, de onde veio para Ostend.

Do trabalho realizado antes de minha ida a Ostend, não sei de nada. Por vários motivos aconteceu que fui a Ostend para fazer uma visita a Madame Blavatsky. Ali a encontrei na companhia da Condessa Wachtmeister, trabalhando arduamente em seu livro das 6 da manhã às 6 da tarde, com pequenos intervalos para as refeições. Escrevia e dormia numa única sala, só aparecendo na sala contígua para as refeições. Quando cheguei soube que sua sensibilidade ao frio era tão grande, que era preciso tomar o máximo cuidado na ventilação de seu quarto durante o inverno.

Pouco depois de minha chegada, foi-me entregue parte do manuscrito com o pedido para corrigir, cortar, modificar o inglês, pontuar, enfim, tratá-lo como se fosse meu, privilégio do qual, é claro, não fiz uso. O manuscrito estava então dividido em partes distintas, semelhantes às aquelas que vinham sob os títulos de Simbolismo e Apêndices nos volumes publicados. O que vi era um amontoado de matérias sem organização definida, das quais grande parte tinha sido copiada paciente e industriosamente pela Condessa Wachtmeister. A ideia, na época, era conservar uma via na Europa, enquanto a outra iria para a Índia para ser corrigida por vários colaboradores indianos. A maior parte seguiu em data posterior, mas, por algum motivo, não houve a colaboração esperada.

O que mais me surpreendeu na parte que pude ler, durante minha breve estada, foi a grande quantidade de citações de diversos autores. Eu sabia que, no lugar, não existia biblioteca para consultas e pude constatar que os livros de Madame Blavatsky não chegavam a trinta, dos quais muitos eram dicionários e vários títulos

compreendiam dois ou mais volumes. Nessa oportunidade não vi o Estrofes de Dzian, embora vários trechos do Catecismo Oculto estivessem incluídos no manuscrito.

Mais tarde voltei a Ostend para providenciar a mudança de Madame Blavatsky para a Inglaterra. O problema mais sério foi a embalagem de seus livros e de sua papelada. Mal se acabava de empacotar um volume e já era o mesmo requerido para consulta; se uma parte do manuscrito era embalada, era quase certo conter aquela parte alguma informação que deveria ser eliminada ou transferida para alguma outra parte. Como Madame Blavatsky continuou a escrever até a véspera de sua partida, tal era sua incansável labuta, não foi fácil conseguir embalar todos os seus pertences.

Quando chegou a Norwood, o processo foi invertido, só que desta vez a dificuldade era desembalar a mudança com a máxima presteza. Perdeu-se um dia nisso, mas às 6 horas da manhã do dia seguinte Madame Blavatsky já estava novamente a sua mesa de trabalho. Durante todo o verão de 1887, trabalhava das seis da manhã às seis da tarde, com breves intervalos para as refeições, muito raramente deixando de receber visitantes ou pedindo-lhes para virem à noite. As noites eram destinadas a conversações ou discussões, e só em raras ocasiões escrevia nesse período de tempo.

Durante todo aquele verão, Bertram Keightley e eu nos dedicamos à árdua tarefa de ler, reler, copiar e corrigir. As correções consistiam principalmente em dar às orações o estilo Inglês, pois na sua maioria eram "traduções literais do francês". Vale registrar aqui um fato notável. Não muito antes de o **genius loci** se tornar evidente e na maior parte do manuscrito redigido após a data de sua chegada à Inglaterra, havia muito pouca necessidade de correções dessa espécie.

Muitas das citações tinham de ser verificadas e aí estaríamos perdidos se Madame Blavatsky não nos desse uma deixa. Ela nos disse uma noite que às vezes ao escrever citações, as quais para o objetivo do livro tinham sido impressas na Luz astral diante dela, esquecia o inverso dos números: por exemplo, a página 123 deveria ser 321, e assim por diante. Com isto em mente, a verificação era facilitada, pois seria de enlouquecer ter de examinar todas as edições do Museu Britânico para constatar, em vários casos, que os livros não continham o número de páginas. Checando com a numeração invertida, os assuntos eram identificados e os lugares certos encontrados.

Grande parte do manuscrito foi datilografado nesse período. Era uma oportunidade para Madame Blavatsky. Os espaços eram amplos e muita coisa poderia ser inserida. O manuscrito datilografado era cortado, colado, recortado, recolado várias vezes, até que vários desses recortes representassem duas vezes o tamanho do manuscrito original. Mas, durante todo esse tempo, era evidente que nenhum trabalho, nenhuma dificuldade, nenhum sofrimento ou dor poderiam afastá-la de sua tarefa. Aleijada pelo reumatismo, sofrendo de um mal que várias vezes tinha-se revelado quase fatal, continuava a trabalhar infatigavelmente, escrevendo à mesa enquanto seus olhos e dedos pudessem guiar a pena.

Chegou então a vez de fundar a revista **Lúcifer**. Esse trabalho seria somado ao de escrever **A Doutrina Secreta**. Quanto a artigos para jornais russos, os pedidos eram constantes e insistentes; nenhum era atendido, tendo em vista ser grande demais a pressão da outra obra.

Em setembro ocorreu a mudança para Londres, para a Lansdowne Road. Não foi muito difícil, pois os livros e papéis puderam ser arrumados, embalados, desembalados e rearrumados no mesmo dia. Seguiu-se o mesmo método de trabalho, dia após dia, até que a obra fosse enviada para a gráfica.

Durante a maior parte do período em Londres, Madame Blavatsky contou com a ajuda de E. D. Fawcett, especialmente naquelas partes do segundo volume que tratam das hipóteses evolucionárias. Ele sugeria, corrigia e escrevia, e várias páginas de seu manuscrito foram incorporadas à obra de Madame Blavatsky.

Tivemos de executar o esquema geral (se assim pudesse ser chamado, num trabalho confessadamente inimigo do processo de cristalização do pensamento). Tivemos de chamar a atenção de Madame Blavatsky para as repetições que ocorriam nas seções isoladas e, tanto quanto possível, agir desse modo como cães de guarda e ajudá-la a tornar o sentido tão claro quanto possível. Mas todo o trabalho era dela. Alguns pontos aqui e acolá, algumas correções, a correção de algum galicismo, era o nosso trabalho. O resto era da própria Madame Blavatsky e tudo aprovado por ela.

Durante esse período em Londres ocorreram algumas interrupções inevitáveis. Madame Blavatsky poderia tentar, como tentou, mas não podia deixar de receber amigos e curiosos. Depois veio **Lúcifer**, com sua página mensal "Stand and Deliver" ("Firmeza e Coragem"), a Loja Blavatsky e outras reuniões; cartas para ler e responder, tudo interferia em seu trabalho. A falta de saúde e de energia tornava cada vez mais difícil para ela levantar-se tão cedo ou trabalhar até tão tarde. Apesar disso, o tempo passava e o trabalho continuava, enquanto eram examinadas as estimativas dos impressores. Certas exigências com referência ao tamanho das páginas e das margens eram particularmente sensíveis a Madame Blavatsky, do mesmo modo que a espessura e a qualidade do papel. Alguns de seus críticos não gostaram da grossura de *Ísis Revelada*, de modo que o papel tinha de ser mais fino para reduzir o volume. Decididos esses pontos, o livro começou a ser entregue aos impressores. Aconteceu que fui chamado ao Interior e não tive a oportunidade de assistir à entrega da metade ou mais do primeiro volume. Mas as provas de paquê passaram por três ou quatro mãos além das de Madame Blavatsky, que era sua crítica mais severa. Suas revisões das provas resultavam num aumento alarmante do orçamento do impressor.

Depois chegou o momento de escrever o prefácio e finalmente o livro foi publicado. O período de trabalho e de excitação tinha acabado e tudo estava tranquilo até sair do prelo o primeiro exemplar.

CAPÍTULO 13

SOBRE **A DOCTRINA SECRETA**

William Q. Judge*

* Willam O. Judge, a quem Madame Blavatsky chamava de "meu caríssimo Irmão e co-fundador da Sociedade Teosófica", tornou-se o primeiro secretário geral permanente da Seção Americana em 1886, e Vice-Presidente da Sociedade em 1890.

Fui solicitado a escrever alguma coisa de meu conhecimento pessoal sobre **A Doutrina Secreta**, de Madame Blavatsky. Tendo passado muito pouco tempo na companhia da autora, o que tenho a dizer é também muito pouco. Se, enquanto compunha **A Doutrina Secreta**, tivesse eu estado com ela tanto tempo quanto estive quando escrevia **Ísis Revelada**, certamente teria aproveitado muito. Em vista de uma carta que se escreveu de Würzburg, lamento até hoje ter deixado passar a oportunidade que me foi oferecida.

Já com o plano de **A Doutrina Secreta** definitivamente delineado em sua mente, Madame Blavatsky escreveu-me várias cartas sobre o assunto, de uma das quais citarei um trecho:

*Würzburg, 24 de março de 1886. Caro W. O. J.: só queria que pudesses dispor de dois ou três meses para vir estar comigo em Ostend, para onde estou voltando novamente, a fim de ficar mais perto de... e de amigos. Disponho agora de um pouco de dinheiro e poderia pagar sem dificuldade tuas despesas de viagem. Por favor, meu amigo, não deixes de atender ao meu pedido. Estarás prestando um serviço à Sociedade, pois preciso muito de tua ajuda na organização de **A Doutrina Secreta**. Os fatos, Judge, esses fatos que os Mestres estão transmitindo, alegrarão muito teu velho coração. Oh, como preciso de ti. A coisa está crescendo demais, uma riqueza de fatos. Preciso de ti para os cálculos e para escrever comigo. Asseguro-te de que não perderás tempo atendendo ao meu chamado... Pensa nisto, meu velho amigo. Cordialmente e com afeição.*

Não pude aceitar o urgente convite, tendo em vista certas circunstâncias, mas hoje, numa visão retrospectiva, arrependo-me de haver declinado. Outras cartas, que se referiam ao que estava para ser feito e aos primórdios da obra, dispensam citação. Uma delas, entretanto, lembra-me outro período em que **A Doutrina Secreta** estava em sua mente, embora não esteja certo de haver ela falado com alguém mais sobre o assunto. Foi em Paris, em 1884, onde fui estar com ela. Ficamos numa casa na Rue Notre Dame des Champs e, por um período mais breve, na casa de campo dos Condes d'Adhémar, em Enghien, perto de Paris. Especialmente em Enghien, Madame Blavatsky queria que eu repassasse cuidadosamente as páginas de sua cópia de **Ísis Revelada**, com o objetivo de anotar em suas margens os assuntos que eram tratados e para essa tarefa forneceu-me o que chamava de lápis especial de cores azul e vermelho. Repassei ambos os volumes e fiz as anotações solicitadas. Mais tarde, ela me escreveria dizendo que aquelas anotações lhe

foram muito úteis. Durante nossa estada ali ocorreram vários fenômenos psíquicos (que foram) presenciados por muitas pessoas. Mas toda noite, enquanto os outros dormiam, eu ficava muitas vezes acordado por várias horas, quando então na escuridão e no silêncio via e ouvia muitas coisas, das quais ninguém mais sabia, com exceção de Madame Blavatsky. Entre estas havia centenas de sinos de sinais astrais movendo-se para frente e para trás, mostrando - para quem conhece o sentido dessas visões - que muita coisa estava em ação, enquanto as pessoas dormiam, e o ambiente livre dos distúrbios do barulho e dos maus humores comuns aos mortais acordados.

Na casa em Paris, Madame Blavatsky trabalhava o dia todo no livro, muitas vezes mesmo durante a noite, e conversava muito comigo sobre o seu tema. Às vezes se transformava de tal maneira e ficava tão absorta, que seus famosos cigarros eram automaticamente acesos e esquecidos. Uma noite ela acendeu e descartou tantos cigarros, que acabei perdendo a conta.

Um dia eu lhe disse, por brincadeira, que seria capaz de escrever todo o livro. Ela me levou a sério, concordando comigo e dizendo-me que iria providenciar para que eu o terminasse. É evidente que declinei do convite. Isto aconteceu na intimidade e não havia qualquer intenção de troça. O assunto dos elementares veio à baila e lhe perguntei se não pretendia aprofundar-se e estender-se sobre a matéria. Sua resposta foi de que poderia dizer alguma coisa, mas que estava tudo **sub judice** ainda e que precisava esperar ordens, pois não se tratava de uma parte tranquila e inofensiva da matéria.

Pedi-me, então, que escrevesse tudo o que eu soubesse ou pensasse que soubesse sobre o assunto e veria se muita coisa do que eu viesse a escrever poderia ser submetida aos críticos invisíveis. Foi, então, escrito um longo capítulo sobre os Elementares, quase todo ele por mim. Madame Blavatsky o pôs de lado durante certo tempo. No dia em que foi concluído, era um dia morno e agradável: e no meio da tarde, ela, de novo, voltou subitamente àquele estado de absorção. A temperatura da sala tornou-se no mesmo instante, a julgar pela sensação, fria de gelar. Eu observava o fato. Não se tratava absolutamente de uma mudança de tempo, mas era como se uma friagem irradiasse de Madame Blavatsky, como de uma porta aberta de um imenso frigorífico. Chamei-lhe a atenção para isto, dizendo:

- Dá a impressão de que uma porta se abriu nas montanhas do Himalaia e de que um vento frio invade esta sala.

Ao que respondeu: - É possível.

E sorriu.

Fazia tanto frio, que tive de me proteger com um tapete que tirei do chão.

Cerca de três dias depois, Madame Blavatsky anunciou que meu pequeno e inadequado capítulo sobre os Elementares era de tal natureza, que ficara decidido que grande parte dele, talvez nada mesmo, não constaria em **A Doutrina Secreta**, quando tratasse do assunto; seria destruído ou guardado. O fato é que em nenhum dos volumes publicados aborda a matéria.

Dirigindo-me àqueles que sabem e acreditam que Madame Blavatsky estava em contínua comunicação com os Mestres em seus retiros em alguma parte do globo, posso afirmar que ela lhes fazia uma série importante de consultas sobre os assuntos que deveriam entrar em **A Doutrina Secreta**. E ficou claramente estabelecido que o livro

deveria ser feito de um tal modo, que obrigasse o estudante esforçado a buscar muitas verdades profundas que num livro moderno seriam especificamente anunciadas e incluídas num curso regular. Foi também dito, pela mesma fonte que, por tratar-se de uma era de transição em todos os sentidos, a plenitude das revelações não seria para a presente geração. Mas muita coisa seria transmitida da maneira descrita, e claramente, de modo a se constituir numa substancial revelação. Todo estudante zeloso fará bem, então, em não passar superficialmente sobre nenhuma parte do livro.

É tudo quanto tenho a dizer sobre esse livro maravilhoso. Gostaria apenas de poder falar mais e só tenho a lamentar não ter estado presente naquela ocasião, quando, agora o sei, me foi dada a maior oportunidade de um conhecimento mais íntimo dos autores de **A Doutrina Secreta**, visíveis e invisíveis.

CAPÍTULO 14

SOBRE HELENA PETROVNA BLAVATSKY *

Madame Vera de Zhelihovsky

* Tradução literal de um artigo sobre Madame Blavatsky, escrito por sua Irmã, Madame Zhelihovsky, na **Russian Review**, de Moscou.

No verão de 1886, voltei a visitar minha irmã, que se encontrava em Elberfeld, na Alemanha, em casa dos Gebhards, seus amigos. Como de costume, estava cercada de muita gente. Muitos vinham com o objetivo exclusivo de conhecê-la, outros, para renovar velhas amizades. Tinha a impressão de que em Elberfeld era querida por seus amigos mais por sua personalidade do que por seus ensinamentos.

No início de nossa estada ali, Helena Petrovna não se achava em condições de trabalhar; mas, tão logo melhorou, todo o nosso tempo era gasto em conversações animadas e interessantes, no terraço ou no jardim. Às vezes lia as matérias de **A Doutrina Secreta**, que estava então escrevendo. Durante essas leituras, dois pontos característicos me impressionavam enormemente, isto é, o maravilhoso pitoresco de sua linguagem e as minuciosas descrições que fazia, dando explicações sobre toda espécie de perguntas que lhe eram feitas por especialistas, e ao mesmo tempo sua incapacidade total de se ater a uma apresentação puramente científica da evidência e das fórmulas.

Sua prosa era encantadora, mas quando chegava a dados matemáticos, de uma maneira geral não era capaz de ler as conclusões algébricas e geométricas que havia escrito. Muitas vezes, quando a sós com ela, manifestei-lhe minha estupefação:

- Como é possível que não saiba ler o que você mesmo calculou e escreveu? perguntei-lhe.

Ao que ela sempre respondia com uma vigorosa gargalhada:

- Você acha que sei os problemas da Matemática superior? Suas filhas são umas sabichonas e aprenderam todas estas matérias eruditas, mas nós, não estudamos lado a lado e não tivemos a maior dificuldade para dominar as quatro primeiras operações fundamentais?

- Então, como é que escreve tudo isto sem saber nada? perguntei-lhe perplexa.

- Ora, deixe de ingenuidade! Como se não soubesse que há muitas coisas em meus escritos com as quais jamais sonhei antes. Não sou eu quem as escreve; limito-me a copiar o que é posto diante de meus olhos. Eu sei que você nunca acreditou em mim, mas nisso está mais uma prova de que sou apenas o instrumento e não o mestre, disse-me ela.

- Mas isto não impede que suas descrições sejam soberbas. É como se visse tudo isso pessoalmente e tivesse visitado todos os lugares de que fala.

- Não estou tão certa quanto à visita, mas quanto à visão. É claro que os vejo e vejo constantemente tudo que descrevo.

Assim eram suas respostas constantes e costumeiras.

CAPÍTULO 15

UMA OBSERVAÇÃO

Madame Vera Johnston*

* Madame Vera Johnston era sobrinha de Madame Blavatsky, filha de Madame Vera de Zhellhovsky.

Cara Condessa Wachtmeister,

Em junho de 1886, estive com minha tia em Elberfeld e depois em Ostend. Ela tinha o hábito de ler em voz alta, à tarde, o que havia escrito de **A Doutrina Secreta** na noite anterior. Não dominando ainda o inglês, lamento dizer que raramente assistia a essas leituras e só pela metade entendia as conversações que se seguiam, de modo que minha contribuição para o seu interessante livro deve ser muito pequena.

Em geral, ao descer pela manhã do quarto de dormir, que eu ocupava juntamente com minha mãe na casa de Madame Gebhard, encontrava minha tia mergulhada em seu trabalho. Ao que sei, naquela época ela nunca escrevia pela manhã, mas revia meticulosamente tudo o que havia escrito na noite anterior. Um dia eu a encontrei visivelmente perplexa. Não querendo incomodá-la, sentei-me tranquilamente e esperei que ela falasse. Permaneceu, porém, calada durante muito tempo, com os olhos fixos num determinado ponto da parede, com um cigarro entre os dedos, como de costume. Finalmente, gritou para mim:

- Vera, disse, será que poderia dizer-me o que é um pi?

Um tanto perplexa diante da questão, respondi dizendo que achava que um pie era uma certa espécie de prato inglês.

- Ora, Vera, não se faça de tola, disse um tanto impaciente.

Não entende que estou recorrendo a você na qualidade de autoridade em Matemática? Olhe isto aqui.

Olhei a página aberta diante de mim sobre a mesa e vi que estava cheia de números e cálculos, Constatei também imediatamente que a fórmula $\pi = 3,14159$ estava copiada errado, Fora escrita $\pi = 31,4159$. Com grande alegria e triunfo apressei-me em informá-la sobre o erro.

- É isto! exclamou. Esse confuso decimal me amolou a manhã toda. Estava ontem muito apressada em copiar o que via e hoje ao olhar de relance esta página percebi, embora vagamente, que havia algo de errado. E por mais que me esforçasse, não podia lembrar-me onde estava o ponto quando vi este número.

Conhecendo pouco de Teosofia em geral e muito menos a maneira de minha tia escrever naquela época, evidentemente fiquei muito surpresa com o fato de não ser capaz de corrigir tão pequeno erro nos complexos cálculos que havia escrito com sua própria

mão.

- Você está muito enganada, disse-me ela, se pensa que na realidade eu sei e compreendo tudo o que escrevo. Quantas vezes preciso repetir para você e para a sua mãe, que as coisas que escrevo me são ditadas, que as vezes vejo manuscritos, números e palavras diante de meus olhos, acerca das quais jamais soube coisa alguma.

Ao ler **A Doutrina Secreta** muitos anos mais tarde, reconheci a página. Era uma das páginas que estudavam a astronomia hindu. Posteriormente, quando fomos as três para Ostend, fui eu quem arrumou os livros e os pertences de minha tia, de modo que posso testemunhar que nos dois primeiros meses em Ostend ela não tinha, decididamente, nenhum outro livro além de alguns romances franceses comprados nas estações ferroviárias e lidos durante a viagem, e vários exemplares de alguns jornais e revistas russos. Não havia, portanto, nada de onde pudesse ter retirado tantas citações.

Cordialmente,
VERA JOHNSTON.

P.S. - Anexo uma carta do Dr. Franz Hartmann a mim dirigida:

Hallein,
2 de Junho de 1893.

Minha Cara Sra. Johnston,

*Com referência à nossa conversa sobre a maneira como foi escrita **A Doutrina Secreta**, permita-me dizer que em abril de 1885, quando acompanhei Helena Petrovna Blavatsky, de Madrastra para a Europa, a bordo do "Tibre" e em alto-mar, ela recebia frequentemente, e de uma maneira oculta, muitas páginas referentes a **A Doutrina Secreta**, cujo material estava coletando naquela época. A Senhorita Mary Flynn estava conosco e sobre isto sabe mais do que eu, pois não tinha muito interesse por essas coisas, quando o recebimento de "correspondência oculta" tinha-se tornado para nós uma ocorrência quase diária.*

Cordialmente,
F. HARTMANN

CAPÍTULO 16

EXTRATOS DE UMA CARTA A CONDESSA WACHTMEISTER

Dr. William Hübbe-Schleiden*

* Dr. William Hübbe-Schleiden. editor da **Sphinx**, foi o primeiro presidente da Sociedade Teosófica da Alemanha, em 1884.

Antes de eu conhecer pessoalmente Madame Blavatsky, recebi uma carta de um dos Mestres, via Henry Steel Olcott, sobre a qual se escreveu muito, tanto em relatórios da Sociedade de Pesquisa Psíquica como em outros documentos. As partes principais dessa carta foram também publicadas várias vezes, de modo que não preciso voltar aqui ao assunto. Mas devo dizer, com referência ao relatório da Sociedade de Pesquisa Psíquica, que pouco me importa se aquela carta foi escrita, no Tibete ou em Londres, pela própria Madame Blavatsky, automaticamente ou mesmo conscientemente inspirada. Quem quer que conheça um pouco das coisas espirituais jamais julgará o valor dessa carta pela maneira como lhe foi transmitida, ou mesmo onde e como foi passada para o papel, mas a julgará por seu conteúdo e pela força que tem e que exerce. Da mesma maneira, não considero o valor de Madame Blavatsky pelos fenômenos que produzia (e assisti a muitos deles), mas por seus ensinamentos, estes sim, considero-os como da maior importância, quase inestimável.

Quatro ou cinco vezes passei alguns períodos de diferentes extensões com ela. A primeira vez foi de setembro a dezembro de 1884 (cerca de três meses), quando era hóspede dos Gebhards em Elberfeld. Ali eu a havia encontrado antes, por alguns dias, em agosto do mesmo ano. Depois disso permaneci com ela em Würzburg por cerca de uma semana ou dez dias em outubro de, 1885, e a vi pela última vez, uma tarde e uma noite, no início de janeiro de 1886. Assim tive muitas oportunidades de aprender muito com ela e sobre ela, tanto mais pelo fato de ter sido sempre extremamente bondosa comigo e de muito raramente se ter agastado com minhas muitas perguntas.

Assisti a quase todos os fenômenos que produziu na casa dos Gebhards, na sua maioria já muitas vezes contados e publicados. Um deles, todavia, me parece pouco conhecido.

Schmiechen fizera cópias duplicatas daqueles dois retratos de Mahatmas, que depois foram mandados para Adyar. Essas duplicatas foram oferecidas a Madame Mary Gebhard. As cópias eram tão fiéis, que era difícil distingui-las dos originais. Só Madame Blavatsky, Olcott e Schmiechen nunca duvidavam. Uma noite, porém, para pôr fim a essas dúvidas, Madame Blavatsky ordenou:

- Esperem um pouco, deixem esses retratos aí, disse, ao mesmo tempo em que claramente concentrava suas forças nos mesmos.

Poucos segundos depois, tornou a ordenar:

- Agora, virem-nos ao contrário.

Assim o fizemos e encontramos nas costas de cada retrato as respectivas

assinaturas já bem conhecidas dos Mestres, uma em tinta azul, a outra, em vermelho. Não acabaria nunca se eu tivesse de contar todos os fenômenos. Acrescentaria apenas que a ouvi produzindo as “batidas” e os “sinos astrais”, ainda no outono de 1885 em Würzburg. Uma vez ela se sentiu fraca demais para produzi-los sozinha e pediu a ajuda de uma das senhoras presentes para suprir a força astral* como sua “medium”. Acho que foi a Sra. Schmiechen que na ocasião se ofereceu como voluntária. Ouvimos então as batidas, tantas quantas desejávamos e onde quer que quiséssemos, isto é, na mesa, no espelho, no armário etc.

* Agindo, por assim dizer, como uma bateria, liberando suas energias para aumentar as próprias energias de Madame Blavatsky.

Observei várias vezes sua evidente capacidade de ler os pensamentos de outra pessoa; se o podia fazê-lo sempre, não sei. Acredito que talvez dependesse da força daquela mente que teria de ler, ou então de sua espiritualidade.

Agora, o principal: O que sei a respeito de **A Doutrina Secreta**. Quando a visitei em outubro de 1885, ela acabara de começá-la e em janeiro de 1886, já havia completado cerca de doze capítulos. Enquanto eu me ocupava principalmente de Babaji, que estava então morando com ela, Madame Blavatsky escrevia durante quase o dia inteiro, de manhã cedo até a tarde e muitas vezes até a noite, se não tivesse hóspedes. Naquela época escrevia também artigos para a **The Theosophist***. Mas possuía muito poucos livros, não mais de meia dúzia. Certa feita tive de procurar uma Bíblia em inglês para ela, ou para citar um texto corretamente ou para verificar a correção de alguma citação.

* Por exemplo: “Os Animais Têm Alma?”

Sob muitos aspectos seu trabalho se desenvolvia de uma maneira muito semelhante à que o Coronel Olcott descreve no Capítulo XIII de seu **Old Diary Leaves (Velhas Folhas de um Diário)**, na edição de abril, da revista **The Theosophist**. Eu a vi também escrever sentenças como se as estivesse copiando de algo diante dela; de onde, não sei. Não prestava muita atenção à sua maneira de trabalhar do ponto de vista de um caçador de fenômenos e não controlava-a com essa finalidade; mas sei que vi muita coisa da conhecida letra azul de K. H. como correções e anotações, tanto em seus manuscritos como nos livros ocasionalmente deixados sobre sua escrivaninha. Observei isso principalmente pela manhã, antes que começasse a trabalhar. Eu dormia no sofá de seu gabinete depois que ela se deitava à noite, e o sofá estava a pouca distância de sua mesa de trabalho. Lembro-me ainda de minha estupefação quando, certa manhã, ao me levantar, deparei com uma chusma de folhas de papel almaço, cobertas com aquela escrita em lápis azul, espalhadas sobre o seu manuscrito em cima da mesa. Como aquelas folhas foram parar ali, não sei, mas não as tinha visto antes de ir dormir e ninguém estivera fisicamente na sala durante a noite, pois tenho o sono muito leve.

Devo afirmar, todavia, que a opinião que tinha é a mesma que tenho hoje. Nunca julguei e jamais julgarei o valor ou a origem de qualquer produto mental pelo sistema e pela maneira em que é produzido. E por esse motivo sustentei minha opinião pensando e dizendo então: “Esperarei até que **A Doutrina Secreta** esteja concluída,

quando então a lerei calmamente; isto será um teste para mim, o único que terá algum valor".

Esta foi a razão por que na noite de minha última despedida de Madame Blavatsky, me foram entregues os dois certificados que haviam sido impressos pela primeira vez na última edição de **The Path**, volume III, página 2, em abril de 1893. Pelo menos os encontrei no meu exemplar do Relatório da Sociedade de Pesquisa Psíquica, de Hodgson, depois de minha partida. Fui eu quem os mostrou ao Sr. Judge, em Londres, em agosto* passado. Segundo fui aconselhado por alguém que assinava K. H., eu não deveria publicá-los, mas o Sr. Judge foi autorizado a fazê-lo conforme instruções que lhe foram dadas.

* A data exata foi 21 de Julho de 1892. (N. do Editor)

Concluindo, repetirei que considero **A Doutrina Secreta** de Madame Blavatsky como um livro da mais alta importância, pois não tenho a menor dúvida de que realmente contém a Doutrina Secreta, a sagrada sabedoria de todos os sábios e de todas as idades. Nele foram dadas as únicas chaves verdadeiras e úteis (adequadas) para a solução dos enigmas da existência do macrocosmo e do microcosmo. Considero, entretanto, muito conveniente, senão necessário, que sejam feitos resumos explanatórios para melhor utilização do seu conteúdo pelos leitores atuais. Foi por esse motivo que escrevi uma síntese do livro em 1891, que chamei de **Lust, Leid und Liebe**, que se restringia à linguagem e aos termos de Darwin, Haeckel e da moderna Filosofia, com a finalidade de dar uma chave para **A Doutrina Secreta** aos cientistas leitores. Meu esforço não teve muita receptividade junto ao público inglês, mas foi bem recebido na Alemanha.

Finalmente, acho uma questão absolutamente inútil saber quem escreveu **A Doutrina Secreta** de Madame Blavatsky. Foi escrita com a sua pena, mas se ela era a própria adepta, ou algum outro Adepto ou Adeptos escreveram por meio dela e com ela, é irrelevante quanto à própria obra e ao seu indiscutível valor.

O primeiro certificado, a que aludi nos parágrafos anteriores, dizia assim:

*** Eu me pergunto se esta minha observação merece ocupar lugar de destaque com os documentos reproduzidos, e com qual das peculiaridades do estilo 'blavatskiano' será considerada como a mais parecida? A nota em apreço tem como finalidade simplesmente satisfazer ao médico, no sentido de que "quanto mais se prova, menos se crê". Que ele siga meu conselho e não publique estes dois documentos. É para a sua própria satisfação que o abaixo assinado tem o prazer de lhe assegurar que **A Doutrina Secreta**, quando pronta, será o tríplice produto de [aqui é citado o nome de um dos Mestres e de Madame Blavatsky] e do mais humilde servo _____ [firmado pelo outro].*

** The Path, 111, abril de 1893, p. 2.

No verso desse certificado vinha o seguinte, assinado pelo Mestre supramencionado:

*Se isto pode ser de alguma utilidade ou ajuda para _____m, embora eu duvide disso, eu, o humilde Faquir abaixo assinado, certifico que **A Doutrina Secreta** foi ditada a [o nome de Madame Blavatsky] em parte por mim mesmo e em parte por meu Irmão _____.*

Um ano após tendo surgido certas dúvidas na mente de algumas pessoas, foi enviada outra carta de um dos signatários da anterior, cujo teor vai transcrito. Como a profecia nela contida se realizou é tempo de publicá-la em benefício daqueles que sabem um pouco sobre a leitura e compreensão dessas cartas. Para os estranhos não terá qualquer sentido.

*O certificado emitido no ano passado dizendo que **A Doutrina Secreta**, quando concluída, seria o tríplice produto de [o nome e Madame Blvatsky], _____ e meu, era e é correto, embora haja quem tenha duvidado não só dos fatos nela apresentados, mas também da autenticidade da mensagem nela contida. Copie e guarde também a cópia do certificado supramencionado. Achará ambos muito úteis no dia em que receberá, como acontecerá sem você pedir, das mãos da própria pessoa a quem o certificado foi entregue, o original para que você tenha a oportunidade de copiá-lo. Aí terá a oportunidade de verificar a correção desta cópia atualmente apresentada. E talvez valha a pena informar às pessoas que desejam saber quais de partes de **A Doutrina Secreta** foram copiadas pela pena de [o nome de Madame Blavatsky] em suas páginas, embora sem sinais de citação, retiradas do meu próprio manuscrito e talvez do manuscrito de _____ embora esta última hipótese seja mais difícil, dada a raridade de sua conhecida redação e a maior ignorância de seu estilo. Tudo isto e mais algumas coisas se farão necessárias com o correr do tempo, mas quanto a isto você está em condições de esperar.*

CAPÍTULO 17

A PROVA DE UM CIENTISTA MODERNO

Dr. C. Carter Blake

Dr. Carter Blake, a quem somos gratos pelas observações que seguem, foi, em 1863, um dos secretários da Seção E da Associação Britânica para o Progresso da Ciência. Nasceu em Londres em 1840 e desde cedo dedicou-se ao estudo da Zoologia. Durou muitos anos sua relação com a literatura periódica do mundo científico. Trabalhou primeiramente no Serviço Público de Sua Majestade, no Ministério da Guerra, em Londres. Durante o período após a invasão do Marrocos pelas forças espanholas em 1859, e as negociações que estavam em curso para conseguir a retomada decidiram pela captura de Tetuan. Carter Blake era secretário dos emissários mouros na Inglaterra.

Durante muito tempo foi aluno, depois assistente, do Professor Richard Owen, mais tarde Sir Richard Owen, sob cuja orientação decorreram seus estudos de Geologia e Paleontologia. Em 1862 proferiu na London Institution uma série de conferências sobre os Princípios Elementares da Zoologia. No mesmo ano foi designado para ajudar o célebre Dr. Robert Knox na classificação do museu da agora extinta Sociedade Etnológica de Londres. É autor de muitos e importantes artigos em obras e revistas científicas, como **Modern Thought, Medicochirurgical Review, Edinburgh Review, Morning Chronicle, Pali Mali Gazette, Reader, Parthenon, Geological Magazine, Medical Times, Geologist, Food Journal, Annals of Natural History, Anthropological Review, Transactions of Philological Society, Brande's Dictionary of Science, Literature and Art, Alpine Guide**, e outras, como também foi o editor de **Knox's Manual of Zoology**, cuja segunda edição foi recentemente lançada.

Foi um dos membros fundadores da Sociedade Antropológica de Londres, da qual foi secretário honorário na sua fundação e agora vive para vê-la como instituição próspera e bem-sucedida. Esteve investigando, durante muito tempo, em 1866, os aspectos geológicos dos distritos do sudeste da Bélgica. É o editor do importante trabalho de Broca sobre o **Hibridismo no Genus Homo (Hybridity in the Genus Homo)**. Em 1867 afastou-se oficialmente da Sociedade Antropológica e estabeleceu residência na Nicarágua durante quase um ano, onde teve a oportunidade de estudar a vida e as línguas dos índios na sua própria terra, e ao regressar visitou Nova Iorque.

De 1868 a 1881 foi conferencista sobre Anatomia Comparada no Westminster Hospital; em 1871 reconstruiu o Museu da Sociedade Literária e Filosófica de Hull, dentro de modernos princípios científicos. Em 1875 publicou uma obra, **Zoology for Students**, cujo prefácio foi escrito pelo Professor Owen. Em 1881 traduziu **Fau's Artistic Anatomy**; em 1883 é autor de **Guide to the Fisheries Exhibition**; em 1884, de **Guide to the Health Exhibition**, e da tradução de uma obra de Rochet sobre **The Natural Proportions of 80th Sexes (As Proporções Naturais de Ambos os Sexos)** e, em 1885, é

autor de uma tradução da obra de Dusart sobre **Phosphate of Lime (Fosfato de Cal)**. Traduziu várias obras do espanhol, do francês, do latim e do alemão, e várias vezes proferiu palestras no Departamento de História Natural do Museu Britânico, sob os auspícios de Sir Richard Owen. Suas realizações e o estreito relacionamento com Madame Blavatsky ressaltam o valor de seu parecer com referência aos pontos que aborda e despertam especial interesse pelo depoimento que segue. (O Editor).

Normalmente falando, é estranho que uma velha e enferma senhora, sem consultas a bibliotecas e não possuindo livros de referência, pudesse ser dona de uma cultura fora do comum que, indubitavelmente, possuía Madame Blavatsky. Na realidade é mesmo incompreensível, a menos que fosse dotada de uma capacidade mental fora do comum e tivesse passado toda a sua vida a estudar. Pelo contrário, de muitas informações recebidas, convenci-me de que a educação de Madame Blavatsky não teria chegado nem mesmo ao nível do segundo grau do ensino atual.

Mas o fato é que sabia mais do que eu no meu próprio campo da Antropologia, etc. Por exemplo, seus conhecimentos eram superiores aos meus com referência ao maxilar de Naulette. Na página 744 do segundo volume de **A Doutrina Secreta** há referências a fatos que não poderia ter colhido com facilidade em qualquer livro publicado.

Na página 754, também no segundo volume, no período que começa com "Se nos voltarmos para o. Novo Mundo", fala da existência de mamíferos pilocenos e a ocorrência de praias pliocenas em relevo". Lembro-me, em conversação com ela em. 1888, na Lansdowne Road, na época em que estava empenhada em escrever **A Doutrina Secreta**, de como Madame Blavatsky, para minha estupefação, me afirmou repentinamente que as praias em relevo de Tarija eram pilocenas. Eu sempre as considerara como pleistocenas, na linha do raciocínio de Darwin e Spotswood Wilson.

A confirmação da natureza pliocena dessas praias fui encontrar nas obras de Gay, **Istoria Fiscia de Chile**, livro de Castlenaw sobre o Chile, e em outras obras, embora estes livros raros jamais tivessem estado em minhas mãos, apesar do fato de ser eu **especialista** no assunto; só depois que Madame Blavatsky pôs-me na pista do plioceno foi que ouvi falar deles.

Na página 755, no segundo volume, sua menção a pegadas fósseis em Carson, Indiana, nos Estados Unidos, é também interessante como prova de que não obtinha informações lendo pensamentos. Quando Madame Blavatsky falou-me dessas pegadas eu desconhecia sua existência e G. W. Bloxam, vice-secretário do Instituto Antropológico, disse-me que um panfleto sobre o assunto jamais saíra de sua biblioteca.

Madame Blavatsky possuía, sem dúvida, fontes originais de informação (ignoro sua natureza) que transcendiam o conhecimento de especialistas em seus próprios campos.

CARTER BLAKE

Townshend Road, 28, N. W.
27 de janeiro de 1893.

CAPÍTULO 18

UMA CARTA PARTICULAR

R. S.

Prezada Condessa Wachtmeister,

Ao saber que a senhora está preparando um livro sobre o método de Madame Blavatsky escrever **A Doutrina Secreta**, julguei que talvez fosse de seu interesse incluir um esboço de seu método de ensinar pessoalmente seus discípulos a distância.

Até o momento nada foi publicado sobre o assunto, nem eu o poderia fazer se meu nome fosse declinado no relato. Acho, porém, que a senhora e outros aceitarão meu depoimento, sobretudo quando algumas pessoas de sua relação tiveram a prova de que assim fui instruído, como outros, não duvido, podem ter sido instruídos, embora não os conheça.

Por parecer em parte esse método com a descrição de Madame Blavatsky a respeito de seu autodidatismo e tendo em vista a maneira como escreveu **Ísis e A Doutrina Secreta**, é que considero meu relato interessante nesse sentido.

Vivendo a cerca de mil e quinhentos quilômetros longe da Inglaterra, nunca estive pessoalmente com Madame Blavatsky. Fazem sete anos que ouvi pela primeira vez a menção de seu nome e a palavra "Teosofia". À semelhança de outras pessoas minhas conhecidas, a primeira referência que ouvi a seu respeito foi no panfleto da Sociedade de Pesquisa Psíquica, que a denunciava como impostora e afirmava ser fato verídico a calúnia de Hodgson-Coulomb. Contra essa indigna atitude de personalidades mesquinhas, assomava sua majestosa individualidade, causando admiração nos espectadores desta época frívola. Não tenho por hábito julgar as pessoas por quaisquer atos específicos, mas pela tendência global de seu ensinamento ou de sua vida. A própria Madame Blavatsky falou assim por volta daquela época:

"Sigam o caminho que eu mostro, os Mestres que estão atrás: não sigam a mim nem o caminho."

Primeiro considerei isto como um desejo de mostrar em si mesma aquela comum disposição humana de deixar de viver as verdades que ensina e que deveria alcançar prazerosamente, e estava inclinado a aplicar a Madame Blavatsky, a corajosa Mensageira, aquele juízo de clemência que a nós mesmos gostaríamos fosse aplicado em semelhantes circunstâncias.

Pouco depois, entretanto, comecei a constatar, por minha própria experiência, que ela não era o que parecia ser. Não me demorei em considerações sobre esse ponto, além de dizer que a prova que tive levou-me a pedir a Madame Blavatsky que me ensinasse. E o fato de eu ter confiado e acreditado nela plenamente foi precisamente o que me propiciou a completa realização de meu desejo. A atitude mental da fé cria em nossa aura e em nossos corpos interiores condições magnéticas e de atração, muito diferentes daquelas de contração e de densificação existentes onde a dúvida ou a crítica dominam a mente. Teve lugar um despertar literal de minha aura e

de meu corpo interior; o primeiro foi sentido até mesmo por pessoas para as quais meus pensamentos e interesses teosóficos eram totalmente desconhecidos. A contração em que homens e mulheres se envolvem é muito pouco compreendida. Para ter uma ideia do que representa, é preciso primeiro ter fé e devoção. Ouvi de um de seus leitores que Madame Blavatsky jamais publicara algo sobre a aura humana. Como é, então, divertido ouvir isto nas rodas daqueles que têm todas as chaves de **A Doutrina Secreta** ou o conhecimento de outras certas matérias!

Esta era então a situação. Estava a grande distância de Madame Blavatsky, que morreu sem que eu a tivesse conhecido pessoalmente. Não era e nunca me tornei um psíquico, na acepção geral da palavra. Não aspirava a "poderes" nem me sentava para "meditar" ou "me concentrar". Todavia, tenho a tendência natural de me concentrar naquilo que faço e a Teosofia nunca está longe de minha mente. Não era a não sou vegetariano, nem fiz qualquer voto de ascetismo. Nunca na minha vida tive qualquer experiência "psíquica" clarividente ou subjetiva (exceto as experiências do pensamento). 'Vivia uma vida inteiramente diferente até que a Teosofia abriu meus horizontes e levou-me a árduos esforços no estudo e na obra da Sociedade Teosófica, de modo que pudesse ir em auxílio de todas aquelas mentes obscurecidas pela fria sensação de estar só e desamparados num mundo cheio de riscos, no qual nenhuma paz interior pode ser conseguida a não ser por meio da narcotização do Dogma, da Doutrina ou da Convenção. O uso de narcóticos, mesmo para a mente, torna-se com o tempo uma nova forma de sofrimento.

Após Madame Blavatsky ter-me aceito como discípulo, nenhuma regra foi estabelecida, nenhum plano foi formulado. Continuei minha rotina diária e, à noite, depois de cair em profundo sono, começava a nova vida. Ao despertar, pela manhã, de um sono tão profundo que a atitude da noite anterior estava ainda viva na memória, eu me lembraria com toda clareza que tinha estado, por assim dizer, com Madame Blavatsky. Estivera em salas que podia descrever e descrevi para aquelas pessoas que moravam com ela. Chegava ao cúmulo de descrever até mesmo lugares gastos ou buracos no carpete. Na Primeira ocasião que isto aconteceu, ela quis expressar para mim sua aceitação de minha pessoa exclusivamente como discípulo. Depois disso, receber-me-ia de muitas outras maneiras, mostrando-me quadros que eram exibidos nas paredes do quarto como se fossem panoramas.

Há alguns, e muito poucos, que posso descrever verbalmente, por conterem, como contêm, métodos de Movimento, de vibração, de formação de um mundo a partir de um primeiro núcleo, do "Espírito moldando a matéria" em forma, do Movimento que era a Consciência e que era precipitado em meu cérebro como o quadro de um fato ou de uma verdade. Havia também coisas definidas, fatos apresentados em **A Doutrina Secreta** e em outros ensinamentos, nenhum deles até então publicados. Muito mais coisas do que posso enunciar me foram ensinadas, como acontecimentos futuros, fatos que realmente vieram a ocorrer, e fatos ainda desconhecidos referentes à vida de outras pessoas ou da Sociedade Teosófica. Outras vezes, embora mais raramente, eu acordaria para encontrá-la em pé, aos pés-de minha cama, quando então começaria a falar na sua linguagem-sinal, quando então as harmonias da Natureza encheriam o quarto banhado pelo luar, enquanto

maravilhosos quadros vivos eram exibidos na parede. Tudo isto era perfeitamente objetivo para mim. Estava inteiramente consciente de tudo quanto me cercava, a todos os sons naturais da noite, e tomava meu cãozinho nos braços, pois tremia de frio e grunhia à vista de Madarne Blavatsky. Todas as expressões da face de Madame Blavatsky tornaram-se-me familiares. Posso vê-la agora, com sua velha camisa de dormir - como era tão querida aquela velha e encardida camisola, que se cingia ao seu corpo quando avançava na minha direção, para depois se desdobrar também em seu próprio ser real.

Não recebi dela mais de uma meia dúzia de cartas e estas não continham nenhum ensinamento; tratavam de assuntos teosóficos externos e tem essa peculiaridade. Uma noite me pediria para advertir certas pessoas sobre certas coisas. Eu obedeceria, citando-a para a minha autoridade e, poucos dias depois, mas nunca o suficiente para uma viagem de ida e volta, chegava sua carta com as mesmas instruções escritas ouvidas anteriormente à noite. Assim eu tinha condições de provar que realmente a havia ouvido do outro lado do mar, pois o pedido sempre dizia relação com alguma súbita emergência surgida exatamente um dia ou dois antes, no máximo. Podia dessa forma checar minha experiência, como podia também falar às vezes antes da ocorrência de um fato. Jamais entrei em transe, exceto uma vez e isto aconteceu depois da morte de Madame Blavatsky. Nunca tive nada a ver com espiritualismo e médiuns. Pouco tempo depois eu era capaz de ver e de ouvir à vontade, sem treinamento nem esforço, de uma maneira tão simples e tão fácil como se respira. Podia ver um lugar ou uma pessoa distantes ou ouvir uma resposta a uma pergunta quando quisesse. Nunca cometi um engano, embora fosse testado por quem de direito. Permitam-me, porém, acrescentar que jamais fiz qualquer uma dessas coisas por mera curiosidade mas só em benefício da Teosofia, e tal uso de força à discrição não me ocorria com relativa frequência. Não sei até que ponto vai simplesmente porque não procuro saber.

Há pessoas que alimentam a esperança de convencer-nos de que Madame Blavatsky não passava de um **chela**, desertada no fim. Mas até hoje as coisas que ela predisse continuam acontecendo até mesmo a tentação que nos é feita, mesmo na definição de eventos para os quais fomos preparados por suas advertências. Assim, todo tumulto e tagarelice, todo alvoroço e revelações nos deixam impassíveis, enquanto os apóstolos de uma doutrina revisada revelam sua Ignorância do que ela ensinou como chaves, chaves que não podem encontrar. A prova, a prova constante e sempre viva, é nossa.

Existem assim duas classes de eventos. Primeiro, aqueles em que ela me ensinava, ou nos quais pessoas, que eram para mim objetivas, apareceram e me mostrariam certas coisas, ou quando vozes falavam dando notícias que chegariam mais tarde pelo correio ou por outro meio qualquer. A segunda classe era composta de ocasiões menos importantes em que eu usava minha própria vontade. Lembro-me perfeitamente daquela noite em que Madame Blavatsky ordenou me que usasse os poderes em desenvolvimento exclusivamente em benefício da Sociedade Teosófica e me recomendou que ficasse atento às ilusões.

O que estou escrevendo pode parecer vago. Darei exemplos. Estava quase a

iniciar um plano de trabalho com uma pessoa que acabara de conhecer. Imediatamente vi a bela mão de Madame Blavatsky no ar, a mão que trazia um anel de sinete, descrevendo ao longo da atmosfera, exatamente à altura de minhas vistas, uma série de quadros. Esses quadros representavam o curso dos acontecimentos e levaram-me a mudar de plano; pouco tempo depois verifiquei as ocorrências. Uma vez fui prevenido da ocorrência de uma morte a certa distância, no exato momento do aviso. Além disso, confiava e aprendia muito com uma certa pessoa que estava exercendo influência sobre minha mente como pessoa erudita em coisas do espírito. Uma noite, Madame Blavatsky veio trazendo essa pessoa pela mão e, afastando a pele do corpo de seu companheiro, mostrou-me seus órgãos em lastimável estado de enfermidade. Madame Blavatsky apontou, então, para o canto da sala; uma estrela brilhante pareceu precipitar-se do céu e cair num abismo. Madame Blavatsky fez então um sinal (e sua linguagem era de sinais que vibravam através do éter e parecia atingir meu cérebro como pensamento). O sinal e o gesto significavam: “Não confies em estrela cadente.” Tudo isto veio a se confirmar verdadeiro, horivelmente, tristemente verdadeiro.

Esses fatos continuam a ter lugar, mas devo observar uma nota de diferença em seu método de ocorrência desde a morte de Madame Blavatsky:

1. Não vejo aquela pessoa.
2. Os fatos ocorrem quase sempre durante o dia.
3. Estou quase sempre plenamente consciente no plano material objetivo.

4. As exceções do nº 3 ocorrem quando minha consciência parece funcionar em outro tempo, ou lugar, ou corpo, mas mesmo assim ocupa apenas, aparentemente, alguns segundos, de modo que as pessoas que me cercam não observarão nada. De minha parte, continuo aparentemente a desenvolver minha atividade anterior, enquanto estive vivendo, até onde minha consciência pode ir, em outras eras, planos e lugares completamente diversos. Por exemplo, ao me vestir pela manhã e ao pensar nos planos do dia, tenho-me sentido ao mesmo tempo no corpo de um amigo que atravessa o oceano de navio, apertando o botão do colarinho diante de um espelho, praguejando porque não abotoa e pensando em mim. Sua mala está aberta atrás dele. Anoto o dia e a hora e, subsequentemente, confiro os acontecimentos. O curioso disso tudo é que me sentia como sendo ao mesmo tempo as duas pessoas e mantinha a mesma cadeia de pensamentos a um e mesmo tempo.

5. Uso minha vontade com mais frequência do que antigamente. E, finalmente, isto: Poucos dias depois da morte de Madame Blavatsky, ela me acordou uma noite. Levantei-me, sem experimentar qualquer surpresa, mas só o costumeiro e suave prazer. Fixou em meus olhos aquele seu olhar leonino. Em seguida se tornou mais magra, mais alta, assumindo uma forma masculina; seu aspecto pouco a pouco foi mudando, até que um homem alto e robusto se postasse diante de mim, fundindo-se nele os últimos vestígios de suas feições, até que só restassem o olhar leonino e a crescente radiância de seus olhos. O homem levantou a cabeça e disse:

- Dá testemunho!

Em seguida, saiu do quarto, pousando a mão sobre o retrato de Madame Blavatsky ao passar. Desde então tem-me aparecido várias vezes, com instruções, em

"pleno dia, quando estou trabalhando, e uma vez saiu de um grande retrato de Madame Blavatsky.

Ao concluir este esboço parcial de uma vida interior que marcha **pari passu** com a exterior, permitam-me insistir em que jamais andei em busca dessas coisas, do mesmo modo que nunca me sirvo de minha vontade para ver ou ouvir, exceto quando impelido por uma força interior. Madame Blavatsky ensinou-me a ser "positivo" no plano psíquico e "receptivo" aos planos ou seres superiores, e só. Para ela a mente era tudo. Todo o desenvolvimento que consegui veio sem ser buscado, nunca me tornei "passivo". Quando em estado de vigília, sou sempre capaz de usar todo e qualquer dom que possuo. Encontro-os dentro de mim mesmo e deles faço uso instintivo, natural, embora não tivesse qualquer indício deles antes de descobrir Madame Blavatsky. Agora, muito raramente, vejo coisas em sonhos.

Estou firmemente convicto, baseado na minha experiência, de que devo unicamente à minha devoção, à Loja, à Sociedade Teosófica e a Madame Blavatsky todos esses ensinamentos. Esta devoção nada pode abalar, pois minha vida dupla e toda a minha consciência provam diariamente o que são estas elevadas verdades. Na fé e na esperança de que minha experiência possa vivificar as sementes da devoção em outras mentes, é que dou esse testemunho de uma maneira impessoal. Pois Madame Blavatsky demonstrou-me que a mente era tudo, e como ela conseguiu romper os moldes da mente humana e torná-la livre. A verdadeira Madame Blavatsky foi revelada e sou um daqueles que não têm qualquer dificuldade em conciliar todos os fatos de sua existência exterior, pois há quem possa ver por detrás dos véus usados pela grande ocultista, ao tratar com o invisível no âmago das coisas materiais.

Assim ensinava, nas noites harmoniosas, aquela Madame Blavatsky que escreveu: Meus dias são meus Pralaías, minhas noites, meus Manvantaras.

Bem-aventurados, na verdade, são aqueles que partilharam seus Manvantaras e que não tendo visto, ainda assim creram".

R. S.

NOTA - Foi-me sugerido que esse rápido desdobramento sem prática ascética era devido a meu "retorno" ao que antes me era conhecido. Não posso dizer sim ou não a isto, pois não sei nada sobre o assunto. O que no Ocultismo me parece ser necessário é que cada qual deve seguir a doutrina de seu próprio Mestre com referência a si mesmo. Há muitas almas em vários estágios de evolução, cada qual com suas próprias exigências. Além disso, são também diferentes as exigências do Ocultismo prático, a evolução da força no interior de cada um. Não tenho experimentado atração para estas coisas, pelo menos nesta vida. A Devoção ao ideal dos Mestres e à obra é, acima de tudo, a base sólida sobre a qual se pode construir.



Bertram Kightley
1860-1945.



Archibald Kelghtley
1859-1930.



Madame Blavatsky em Londres, 1889.



Condessa Constance Wachtmeister,
amiga a companheira fiel de Madama Blavatsky.



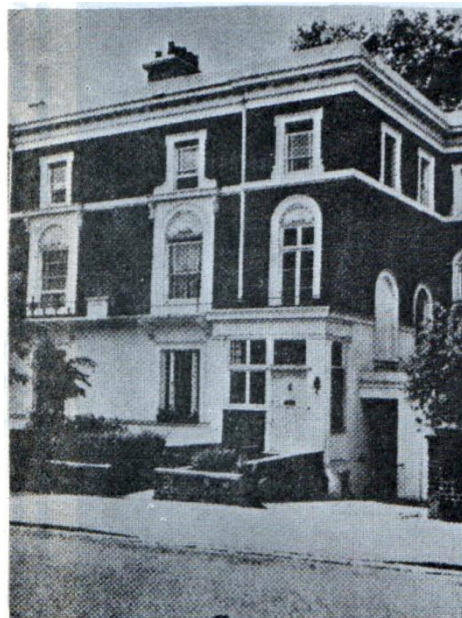
Retrato de May Gebhard



A casa de Gebhard. Platzhoffstrasse, 12.
Elberfeld, Alemanha.



Retrato de Madame Blavatsky
executado por Schmiechen em Elberfeld.



A casa da Lansdowne Road, 17.



Doente e sofrendo de edema,
continuava a escrever
e transcrever a Inestimável sabedoria
dos Mestres.



Seu quarto, com um retrato do Mestre
M. no fundo.



James Pryse, americano que fazia parte da equipe de Londres;
Madama Blavatsky a G. R. S. Mead, que era ao mesmo tempo seu secretário a auxiliar.



Vara Johnston (sobrinha de Madama Blavatsky), seu marido, Charles Johnston, e
o Coronel Olcott atrás de Madama Blavatsky a sua Irmã, Madame Vera de Zhelihovsky.



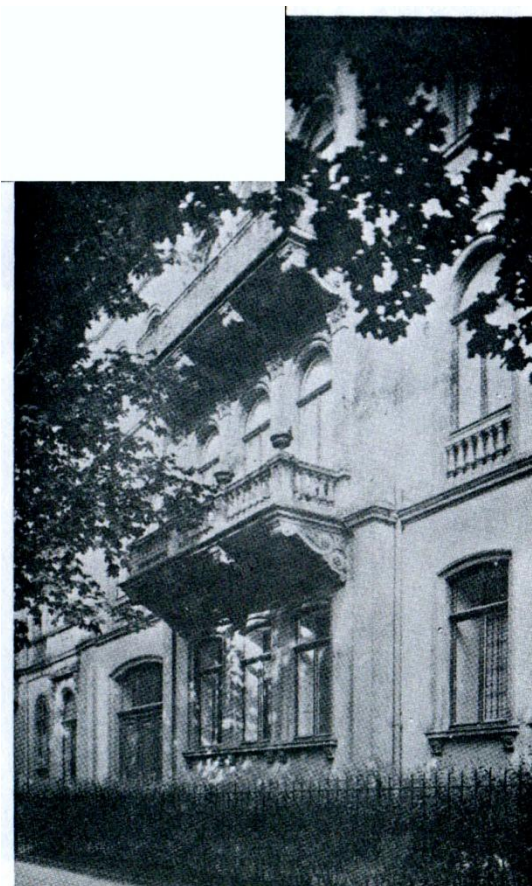
Madama Blavatsky na casa de Maycot, Norwood, Londres, 1887.

Figura

Pelos esforços conjuntos das organizações teosóficas da Alemanha, da Sociedade Teosófica Internacional Adyar e da Sociedade Teosófica de Pasadena (Califórnia), foi afixada uma placa de cobre comemorativa no prédio da Ludwigstrasse, 6, em Würzburg, na Alemanha, no dia 1º de maio de 1976. A placa diz:

Helena Petrovna Blavatsky
nascida von Hahn
Fundadora da Sociedade Teosófica 1875
Trabalhou aqui, entre 1885/86, em
A Doutrina Secreta

O prédio abriga atualmente vários institutos da Universidade de Würzburg. A história da vida de Madame Blavatsky foi afixada no quadro de avisos do edifício, de modo que os estudantes pudessem tomar conhecimento dela e soubessem a razão pela qual aquela placa comemorativa fora ali colocada. Todos os livros de Madame Blavatsky, publicados na língua alemã, foram, na ocasião, doados à Biblioteca da Universidade.



Ludwlgstrasse, 6, Würzburg, tal como era quando ali viveu Madame Blavatsky.

PARTE III
TESTEMUNHOS DA IMPRENSA

CAPÍTULO 19
THE PATH, agosto de 1888

A Sociedade Teosófica e Madame Blavatsky

A carta que se segue foi escrita por um importante colaborador e a consideramos muito relevante para ser publicada neste espaço:

Caro Irmão Judge,

É com satisfação que acuso o recebimento de sua carta, perguntando-me se estou disposto a apoiar Madame Blavatsky em qualquer direção que queira tomar.

Embora eu saiba que a ação de um indivíduo importa muito pouco, sei também que tem o seu devido efeito; um coração leal constitui uma das forças ocultas. Por isso, sinto-me feliz em responder que apoio e apoiarei **irrestritamente** Madame Blavatsky, todo o tempo, em todo lugar e diante de toda e qualquer pessoa. Seguirei a sua liderança enquanto a compreender; quando não puder compreendê-la, seguirei minha intuição e, quando esta falhar, ainda assim a seguirei cegamente com a fidelidade de um cão.

Esta atitude tem seus motivos, que me são oferecidos pela intuição e pela analogia. Assentam-se na própria base do mundo oculto e invisível, o único mundo realmente real. Não é um mundo de formas como o nosso. Aqui tudo tende para a forma, para a segregação e para a cristalização e, por conseguinte, para as limitações e fronteiras. Isto também é válido com referência a formas sociais, políticas, religiosas, civis e domésticas; aplica-se também à mente humana; contra nossos melhores interesses e nossos melhores esforços. procura fundir-nos num molde, de modo que a alma livre não possa desenvolver em nós seu trabalho infinito, e tornar-nos cegos, abertos por enquanto apenas para a Natureza e para a ordem natural inferior.

Naquele outro mundo, que é o verdadeiro, esta ordem muda. Este mundo é subversivo em suas formas. Sua influência penetra de tal modo no mundo material, que a sua subversão torna-se a condição do livre desenvolvimento. A condição de vida é ao mesmo tempo de despojamento e de recebimento. Toda ação nervosa procede de choques ganglionares.

Assim deve ser com a Sociedade Teosófica, se quiser viver e expandir-se com prestimosidade e força. Os homens devem desertar-nos, do mesmo modo como a floresta deixa cair as folhas no outono. Os choques são inevitáveis, tanto externos

como internos, decorrentes dos necessários esforços do organismo teosófico para se ajustar às leis do crescimento.

Muitos têm sido aqueles que lamentam estes efeitos; é porque não os conhecem como leis. Sou tão apaixonado pela paz como qualquer homem, mas não a escolho às custas do crescimento espiritual. Para nós não existe a verdadeira e eterna paz fora da Eternidade. Esta idade é uma idade de trevas; há um trabalho árduo a ser feito. A lúrida ação deste ciclo não deve ser transformada pelo repouso, pela "doçura e luz". Que as almas fracas e feridas fiquem para trás; quanto a nós, devemos prosseguir na luta. Não resta muito tempo para a luta. O futuro da raça está agora em perigo. É tempo de semear e a terra deve ser gradada e revolvida. Eu sei que existe uma pessoa que se dedicou de corpo e alma a essa obra; que, com sugestões benéficas e oniscientes, a está ativando; que concentra carma e leva-a em frente em todos os sentidos; que culmina esses choques internos; para que o organismo se desenvolva mais rapidamente, de modo a torná-lo capaz de resistir sozinho e vigorosamente, quando ela não estiver mais presente, e por sua crescente utilidade possa merecer e obter o aumento de influência espiritual, uma nova efusão de força e de ajuda daquele mundo invisível no qual o carma é o único árbitro. E qualquer pessoa pode conhecer isto de uma maneira tão absoluta quanto nós e alguns outros podem, que tomarão o trabalho de considerar a matéria do ponto de vista da alma e não da mente exclusivamente.

Existe também o ponto de vista do coração, que é de grande valor. Que diz o Ramayana?

Sê agradecido. Os sábios prescrevem expiações para assassinos, ladrões, alcoólatras e outros pecadores, mas nenhuma expiação pode apagar o pecado daquele cuja ofensa é a ingratidão.

Por que assim? Todas estas coisas se baseiam em leis universais. Por isso. posso dizer-lhes (e você já sabe) por que essa ofensa é tão grave, por que esse "pecado" não pode ser perdoado. Eis por quê:

O carma é inflexivelmente justo, e quem rompe uma cadeia de influência, recusando-se a reconhecer a fonte de onde ela procede, se afastando dessa fonte, desviou por seu próprio ato a corrente d sua porta. Sua punição é simplesmente esta: a corrente não o alcança mais e ele descobre depois a total e terrível miséria de seu estado.

Aqui, no nosso mundo inferior, pensamos que somos centros isolados de energia, sem nenhuma relação vital de uns com os outros e com o mundo em geral, a não ser por nossa própria vontade. Conseguimos realmente bloquear uma tremenda quantidade de energia, impedindo assim seu livre fluxo. Como, porém, a ordem evolucionária e a própria natureza da Divindade estão contra nós, mais cedo ou mais tarde somos postos de lado, mas não sem repetidas oportunidades de escolha. Essas ocasiões nos são oferecidas repetidas vezes em assuntos teosóficos por Madame Blavatsky; progredimos em cada teste vencido, em cada vislumbre de intuição ou ato de fé. Não crescemos como um corpo ou como indivíduos, quando, por falta dessas virtudes e pela ingratidão, deixamos de manifestar nossa constante fidelidade a ela que se apresenta nesta idade obscura como a Mensageira dos Poderes Superiores.

Pois naquele outro mundo, no qual e por meio do qual ela opera, há hierarquias mantidas invioláveis de ciclo para ciclo: grandes organizações formadas por lei universal, nas quais cada membro permanece na sua própria ordem e mérito e não pode mais ser eliminado ou desconsiderado por aqueles que estão acima ou abaixo dele, da mesma forma como não posso apagar uma estrela. Todos se apagam por essa obra, reencarnando-se repetidas vezes exclusivamente por ela. Não existe outro método divino de trabalho além deste, que dirige as torrentes de energia cósmica, que vertem eternamente, por meio das cadeias ininterruptas de grandes Seres e de homens respeitáveis. Quebrar um elo é impossível. No mundo oculto não se pode receber a mensagem e rejeitar o mensageiro. Nem é dado ignorar aquelas leis universais e auto-sustentadoras. Não foi um adepto que disse: **"Ninguém pode pretextar a ignorância da lei, mas a ignorância do fato pode. No Ocultismo, mesmo que ignores alguns fatos de Importância, não estás escusado pela Lei, pois não tem relação com nenhum homem e persegue seu ajustamento sem considerar o que sabemos ou o que ignoramos."**

Ela a única questão: Madame Blavatsky nos trouxe as revelações teosóficas do Oriente ou não? Ninguém nega que ela as tenha trazido. Há divergências sobre questões pessoais ou convencionais, mas não sobre esse ponto. Então, nenhum daqueles que mesmo remotamente experimentaram a influência dessas revelações, pelo menos todos de uma Sociedade fundada e sustentada por ela, estão realmente em condições de lhe negar seu total apoio. Ela não paga nossos débitos nem rendas; mas somos nós sustentados como um corpo por essas coisas ou pelo novo impulso dado ao Ocultismo e pelas novas ideias transmitidas por ela ou por seu intermédio? Mesmo no mundo material exige-se uma certa gratidão de nossa parte, mas na Eternidade está escrito: **Que todas as coisas retornem através daquela fonte de onde procedem.** Esta lei augusta não pode ser violada. A operação divina em nosso plano deve ter agente ou veículos humanos; nas relações humanas particulares são humanos, sujeitos a erros.

Em tudo quanto diz respeito à missão recebida, são sustentados para ser infalíveis: se erram, a consequência de seu erro recai exclusivamente sobre seus ombros. Quem segue o guia que lhe é destinado na ordem oculta é o vencedor por sua fé e amor incondicionais mesmo que aquele guia o induza ao erro. Pois o seu erro pode se; logo corrigido e de fato o é, enquanto sua falta de fé e de amor não pode ser compensada; são os defeitos orgânicos da alma.

Somos constantemente tentados pela questão da forma **versus** espírito, como um teste do poder da ilusão sobre nós. Na Sociedade Teosófica nós nos atemos naturalmente às nossas normas e leis. Só estas governam o corpo esotérico. Há pensadores entre nós que devem, há muito tempo, ter previsto o momento em que essas formas devem mudar; um momento em que seríamos chamados a dar testemunho de nossa fé no corpo esotérico; isto é, na realidade de nossa Sociedade como fator espiritual, com chefes espirituais. Devemos receber e acolher com satisfação qualquer uma dessas horas de teste como sinal de nosso progresso. Essa hora deveria pôr de lado as leis formais. Assim será, quando o espírito e a letra vêm juntos. Muitas vezes são divorciados pelas necessidades desta vida e não seria loucura então escolher a letra? Novas formas surgem também muito rápido, mas, quando o espírito desaparece, a vida é perdida para essa forma. Temos uma oportunidade

de fazer essa escolha quando somos interrogados sobre nossa disposição de endossar Madame Blavatsky ou se preferimos ficar com a nossa própria independência. Essa independência, como se sabe, é coisa da fantasia. Não somos o produto natural desta era, mas um enxerto molhado com o sangue do coração de uma Fundadora, um enxerto fora da estação na mera ordem natural, mas permitido e tornado possível pela ordem eterna e constantemente revigorado por ela. Há aqueles que dizem: "É claro que posso estudar a Teosofia por minha própria conta." Não é verdade, ninguém pode estudar a Divina Sabedoria por sua própria conta. A distinção e a abstração são apenas aparentes. Devemos reconhecer, em pensamento, as fontes de nossa iluminação e manifestar-lhes nosso amor. Mentes e corações fechados a estas verdades não se abrem à influência divina. É preciso reconhecer que o arauto que prega só para a época torna possível o progresso espiritual à grande massa de homens, e cada um de nós deve admitir e estar pronto a pagar o débito da Humanidade.

Não considero de modo algum necessário saber o que Madame Blavatsky poderia fazer, ou mesmo por que o faz. Aceito o teste prazerosamente, como um novo passo à frente, cheio de alegria por meus companheiros que agem assim, cheio de tristeza pelos que assim não agem.

"Toda ação humana é envolvida em suas faltas como o fogo em sua fumaça", diz o Gita. Não é o Senhor que cria aquelas ações ou a faculdade de agir, nos é dito, mas que **"a própria natureza de cada homem as cria; a Natureza prevalece"**. Todo organismo diferencia assim uma vida mais ou menos de acordo com o seu progresso, enquanto o Senhor espera a evolução final da natureza de Si Mesmo - em Si mesma. Assim é que a personalidade dela e todas as personalidades estão fora da questão. Aqui também somos testados em nosso poder de colocar-nos acima das aparências, de ir além das convenções. Esses choques são, sem dúvida, também necessários. Assim aprecio o espírito e a atitude fixa além de todos estes diversos feitos. É a ação da generosidade, da abnegação, da devoção absolutamente impávida a um ideal, o mais alto ideal conhecido. Cada hora de sua vida é destinada à iluminação da Humanidade e estas pérolas ela distribui durante aquelas horas de fadiga, que poderiam redimir as excentricidades de uma centena de vidas. Estas personalidades não são nada. Por detrás delas há um mistério. Não fica atrás de pessoa alguma e diante de qualquer problema devemos escolhê-la entre homens e formas; esperemos que isto não aconteça, mas que todos seguiremos nossa verdadeira Líder.

A Sociedade Teosófica é como se fosse uma filha de Madame Blavatsky; nossa vida é a sua vida. Ela vive em nós e por nós. Seu grande sonho é ver-nos em condições de resistir sozinhos, de ter a nossa própria reivindicação junto aos Grandes; de ter condições de retirar dos deuses nosso próprio sustento e força, antes de nos deixar. Você, que sabe que nunca a conheci pessoalmente, pode perguntar-me como é que posso saber estas coisas. Estudarei a verdade fielmente e não conhecerei aquele verdadeiro coração? É o carma [que] nos indicam nossos guias por meio de nossas próprias influências atrativas e como tal Madame Blavatsky se manifesta para todos os teosofistas do século, registrados ou não. Devemos estar preparados para sacrificar um pouco certas coisas como formas, regras, gostos e opiniões, por causa da verdade e do progresso oculto. Para esse progresso nos é agora oferecida uma oportunidade, por meio da aceitação de um simples teste de intuição e de fé. Por isso Madame

Blavatsky tem minha profunda e renovada gratidão, e sou, como sempre, dela e

sua cordial amiga,
JASPER NIEMAND, F. T. S.*

* Jasper Niemand, pseudônimo de Julia Wharton Keightley (Sra. Archibald Keightley), era escritora e conferencista. Quando começou a escrever artigos para revistas teosóficas, Madame Blavatsky mandou-lhe uma pena, a qual Julia sempre usava para escrever artigos dessa natureza.

CAPÍTULO 20

PICCADILLY, 2 de novembro de 1888

Madame Blavatsky está bastante idosa e fisicamente enferma, razão pela qual raramente deixa seus aposentos. Apesar disso, todas as tardes e noites de sábado sua casa é aberta a todos que desejam aprender um pouco dos mistérios, aos quais ela dedicou toda a sua vida. Russa de nascimento e de boa família, Madame Blavatsky foi uma criança dotada de poderes extraordinários de clarividência e, seguindo a orientação de sua intuição, empregou toda a sua energia no estudo e desenvolvimento de suas faculdades superiores, e na fonte daqueles mistérios e forças ocultas que constituíam a base da religião da sabedoria secreta dos antigos. ... Madame Blavatsky reside atualmente em Londres e está empenhada na publicação de outra obra estupenda, intitulada **A Doutrina Secreta**, uma síntese de ciência, religião e filosofia. Fui encontrá-la em sua casa em Notting Hill, sentada a uma mesa coberta com uma baeta verde, da qual atualmente faz uso, como se fosse um quadro-negro, para ilustrar sua exposição. Está fumando um cigarro; assim também estão muitos daqueles (de ambos os sexos) que ouvem sua exposição das questões complicadas que foram propostas. O tema em discussão, no momento em que entramos, é a definição de "espírito". A discussão vai-se tornando cada vez mais eloquente e calorosa à medida que as perguntas vão forçosamente conduzindo para as regiões do invisível, quando nos propõe a longa evolução da alma, a. descida do espírito à matéria, sua jornada através do universo manifesto de volta à eterna causa primeira. Partindo desta primeira causa - a causa incausada - que está em toda parte, embora não esteja em parte alguma; que não tem nem comprimento, nem altura, nem largura, e é representada por um ponto matemático, ela expõe, numa fraseologia científica oriental, os "Dias e Noites de Brahma", o sopro e a inspiração do espírito por meio do qual o universo manifesto passa à existência. Partindo do ponto matemático como o ápice de um triângulo equilátero, ela nos mostra graficamente como a evolução procede pelos dois lados do triângulo (representando a ciência e a sabedoria); a linha de base que completa o triângulo, ou a Trindade, representa o Logos ou Brahma ou Osíris ou Armazd, de acordo com o sistema filosófico de nossa preferência, mas que no fundo significa a mesma coisa. Dessa linha emanam os sete princípios em geral chamados de os sete Rishis, ou os sete Logoi, ou os sete Arcanjos, de cada um dos quais emanam outros sete. Por este sopro de Brahma, os mundos manifestos vêm gradualmente à existência. Todas as coisas contêm dentro de si mesmas uma porção ou centelha da Consciência Divina ou Máxima. É a centelha ou raio que procura voltar à sua origem e que, para obter a consciência absoluta, evolui através dos reinos mineral, vegetal e animal. A autoconsciência tem início quando atinge a forma humana, mas, para alcançar a consciência absoluta, que é a consciência de todas as coisas, deverá passar por toda forma e estado de existência, desde os mais altos até os mais baixos; em outras palavras, deverá tornar-se a consciência absoluta pela experiência de tudo, que é a consciência absoluta. Sete

planos ou globos pertencem à cadeia de mundos, através dos quais a mônada tem de evoluir, sendo nossa terra o quarto do sistema a que pertence, não sendo visíveis aos nossos olhos os demais planetas desse sistema em virtude de estarem em outro plano da matéria. Sete vezes a mônada gira em torno desse sistema, permanecendo milhões de anos em cada globo e se encarnando e reencarnando na forma humana, retornando à terra para a satisfação de um desejo não satisfeito em suas vidas passadas e em busca de nova experiência, uma vez que está sempre à procura do caminho de volta à sua origem. Quantos milhões de anos leva tudo isto, a duração de cada Manvantara, Kalpa ou Vuga, é registrado com precisão por aqueles que são guardiães da ciência da Doutrina Secreta, que é apresentada na forma mística ou alegórica em muitas lendas antigas e em muitos livros sagrados só acessíveis àqueles que, por sucessivas encarnações, perseguiram resolutamente o caminho que conduz ao domínio da ciência oculta. Está aí um breve e imperfeito esboço das palavras eloquentes que brotam dos lábios dessa mulher notável. Todos a ouvem com atenção e avidez, apesar da forte tensão sobre a imaginação. Para ela é o ABC da matéria, mas, quando parou um pouco, perdoamos o homem que exclamou:

- Ah, por que nossos internatos não nos instruíram assim!

A conversação agora torna-se mais geral e muitas perguntas são feitas a Madame Blavatsky a respeito da mediunidade e de manifestações de espírito.

- Vocês conhecem algum médium, pergunta, que tenha feito da mediunidade sua profissão e que não tenha tido nenhuma doença física ou se tornado um ébrio, ou lunático, ou algo horrível? O que um médium executa, executa às suas próprias custas, que representam o desgaste de sua energia vital. Isto é desmoralizador tanto para eles próprios como para as entidades, chamem-nas de espíritos, fantasmas ou visões, ou coisa que os valha, que procuram essas pessoas para obter uma vitalidade temporária. Em outros casos, os fenômenos são produzidos exclusivamente por meio do que eu chamaria de artifício psicológico, que não chega, entretanto, a se constituir em trapaça como é geralmente entendido, mas que implica também grande dispêndio de energia da parte do médium e só pode ser executado reservando e estocando energia. Por isso, quando se espera que um médium dê várias sessões por dia, pelas quais recebe seu pagamento, ou coisa semelhante, simplesmente espera-se dele que faça o que não poderia fazer com suas forças próprias e vitais. Em suma, paga-se para ser enganado. Centenas de pessoas ouviram o sino astral e batidas que eu costumava fazer com facilidade, mas se eu tentasse fazê-lo agora, provavelmente teria consequências fatais, em razão da fraqueza de meu coração. Fiz um cavalheiro (um importante homem de ciência) produzir ele próprio os 'sinos astrais', enquanto simplesmente me limitava a tocá-lo com meus dedos e ele se concentrava no fenômeno a ser produzido. Ele nem sempre o conseguia, pois é preciso muita prática para fazê-lo com facilidade, mas eu lhe provei que tudo não passava de uma manifestação da força da vontade por meio de faculdades psicológicas desconhecidas dos homens de ciência ou parcialmente conhecidas na forma de mesmerismo ou transmissão de pensamento. Por exemplo, muitas pessoas possuem essa força na forma de um toque magnético ou de cura. Isto eu nunca fiz, mas podia produzir vários fenômenos com a matéria inanimada. Em Nova Iorque passei por uma

experiência que causou grande sensação na época. Foi posta em minhas mãos uma folha de papel em branco por uma pessoa pertencente a um certo clube. No alto da folha estava impresso em letras grandes o nome do citado clube. Estendi minha mão sobre a folha de papel e concentrei-me nas feições de um iogue oriental, com cujos traços fisionômicos estava muito familiarizada. Quando retirei a mão, estava estampado na folha de papel o retrato da pessoa na qual tinha concentrado meus pensamentos, em seguida projetado no papel por meio de minha força de vontade. Esse retrato foi examinado por alguns dos importantes artistas de Nova Iorque, que juraram ser-lhes impossível dizer por que meios o retrato tinha sido gravado no papel; não tinha sido usado nenhum dos processos de seu conhecimento e, além disso, com referência às qualidades artísticas da representação, eram tais que só poderiam ter sido produzidas pelo maior artista que já existiu na arte de retratar. A ciência, a suposta ciência, não sabe nada sobre estes poderes da vontade, mas estes poderes têm sido do conhecimento de ocultistas há séculos, como muitas outras coisas que têm sido apresentadas como mágicas ou miraculosas. O retrato está ainda na posse do Coronel Olcott e vocês poderão encontrar um relato completo das circunstâncias, os nomes dos artistas e de outros cavalheiros que testemunharam o fato, no livro recentemente publicado sob o título de **Incidents in the Life of Madame Blavatsky***

* De A. P. Sinnett, cujas memórias foram mencionadas no começo deste livro. Foi publicado em Nova Iorque em 1886. Está esgotado e indisponível. (N. do Editor.)

- Estes poderes e faculdades, pergunto, não se tornarão propriedade comum da raça?

- Muito certamente, responde Madame Blavatsky. A raça, como um todo, progride, mas muitos indivíduos superam seus semelhantes; a clarividência, o mesmerismo, a psicomетria e muitas outras matérias pouco compreendidas são o início de faculdades que são atualmente exercidas por muitos indivíduos num grau parcial e mais ou menos inconsciente. O objetivo do ocultista é desenvolver em toda a sua plenitude esses poderes e exercê-los conscientemente em benefício da humanidade. Os Mahatmas ou Adeptos, que são os guardiões da ciência das forças ocultas da Natureza, são homens que adquiriram essas faculdades por meio de árduos e longos esforços em encarnações passadas. Por causa desses poderes, eles podem estudar a Natureza num plano superior ao de nossos sentidos físicos e, por conseguinte, o que para o indivíduo comum deve ser matéria de fé, para eles é matéria de experiência e conhecimento. É uma fração desse conhecimento que me foi dada por eles, com a permissão de transmiti-la ao mundo.

Poderia ter ficado mais tempo a ouvir a exposição desta mulher notável, mas já era quase meia-noite e, lembrando-me do estado de saúde de nossa anfitriã, levantei-me para sair. Ela se despediu de mim com um convite cordial para que voltasse. Ao sair para o mundo exterior, tinha a impressão de que, na realidade, existem mais coisas no céu e na terra do que pode conceber nossa vã filosofia, e de que, se pudéssemos penetrar esses mistérios por nós mesmos, poderíamos, no mínimo, considerar aqueles que assim o fizeram, como fontes de ideias superiores e mais amplas com referência ao destino da raça e do indivíduo.

CAPÍTULO 21

THE LONDON STAR, 18 de dezembro de 1888

Existem tantas Madames Blavatskys quantas você queira. Há, por exemplo, a Madame Blavatsky da Sociedade de Pesquisa Psíquica, a qual, se estou bem lembrado, lhe atribuiu, em um de seus relatórios oraculares, um lugar de distinção no rol dos impostores mundiais. Há a Madame Blavatsky de fama popular, que parece grande e incerta. **Monstrum informe ingens horrendum*** na imaginação da Europa - uma espécie de Cagliostro feminino, ou fazedora de milagres, que passava através de paredes de pedra como a Sra. Guppy e era arrebatada aos céus como o justo Enoch.

* Monstro Informe, Imenso, horrendo. (N. do T.)

Existe também a Madame Blavatsky (conhecida na Irmandade como H. P. B.) de sua própria Sociedade Teosófica, cujos membros a consideram como uma pesquisadora e mestra de verdades não conhecidas ou não compreendidas de muitos, pelo menos na Europa, dos mais célebres expoentes da assim chamada ciência oculta, e como depositária, de um certo modo, da suposta Doutrina Secreta que, segundo consta, contém as verdades essenciais de todas as religiões e filosofias que existem ou já existiram.

Há ainda a Madame Blavatsky que pessoas estranhas, oriundas das trevas exteriores, podem ver em sua casa em Holland Park e a quem ela se revela uma senhora de maneiras excepcionalmente encantadoras, com uma maravilhosa variedade de informações e com uma força de expressão que faz lembrar os grandes prosadores de uma era literária que não existe mais.

"Tinha a impressão de estar vindo das trevas exteriores". diz um repórter do **Star**, "quando a visitei, cerca de um ou dois dias atrás. Trazia no meu bolso um bilhete deliciosamente humorístico, convidando-me para o chá e me prevenindo de que iria encontrar uma escritora 'tão fácil de ser entrevistada como um crocodilo do antigo Nilo'. O envelope deste bilhete trazia um símbolo místico e o lema irrepreensível de que não há religião superior à verdade.

"Fui conduzido a uma pequena sala atapetada no andar térreo de uma ampla casa, onde duas lâmpadas e um fogão a gás brilhavam como uma tríplice estrela. Senti o forte cheiro de tabaco turco e por detrás do disco vermelho de um cigarro vi a ampla e volumosa figura de Madame Blavatsky. Baixa e redundante, mais envolta do que vestida numa seda preta, é uma figura realmente notável. Seu rosto escuro, quase moreno, parece à primeira vista um tanto pesado (minha impressão imediata foi de uma reencarnação feminina de Cagliostro), com suas amplas narinas, olhos grandes e suaves e lábios cheios e pesados. Mas, pouco a pouco, ia-se revelando uma face versátil e expressiva, muito simpática e intelectual. E enquanto me detenho neste trabalho material da descrição pessoal (liberdade da qual o entrevistador deveria sempre pedir desculpas ao entrevistado), permitam-me observar a delicada rotundidade de suas mãos.

"Uma caixa redonda de madeira talhada, à altura de seu cotovelo fornece a Madame Blavatsky o fumo dos cigarros que fuma incessantemente, desde as seis horas da manhã, quando começa a trabalhar, até o momento que apaga a luz para dormir. Além da caixa de fumo, há apenas outro objeto digno de nota em seu santuário, o retrato do Mahatma Morya (descendente, diz ela, da velha dinastia dos Mauryas), a quem chama de seu Mestre, um lindo e moreno rosto indiano, cheio de doçura e sabedoria. Este profeta Madame Blavatsky diz ter visto várias vezes na carne: uma vez na Inglaterra, na Índia em várias ocasiões e alguns anos atrás foi vê-lo na solidez do Tibete, uma romântica peregrinação de modo algum isenta de perigos, durante a qual penetrou em alguns dos mosteiros budistas ou **lamaseries** e conversou com seus eremitas. Mas os discípulos de Madame Blavatsky têm muitas histórias para contar sobre a maneira extraordinária pela qual seu Mahatma se comunica com ela. Cartas, que nunca foram postadas, são vistas caindo em seu colo. Citações literárias, que ela às vezes tem dificuldade de localizar, são postas em sua mão, escritas em tiras de papel. O manuscrito que deixa em cima de sua escrivaninha durante a noite é muitas vezes encontrado por ela, pela manhã, com trechos corrigidos, eliminados ou reescritos, com notas marginais introduzidas, e assim por diante, na caligrafia do Mahatma Morya.

"São surpreendentes também os poderes que seus associado teosóficos atribuem a Madame Blavatsky. As pessoas que convivem com ela em sua casa da Lansdowne Road veem maravilhas diariamente, que já não as surpreendem mais. Uma vez que se aceita a teoria de que as faculdades psíquicas, latentes dentro de nós, têm condições, em certas circunstâncias, de serem desenvolvidas sem limites e que feitos mágicos de todas as espécies podem tornar fácil sua aceitação e a crença no que é chamado de astral, eis o que acredito ser o artigo principal da fé teosofista.

"Nesta altura, cito um fato que um dos familiares de Madame Blavatsky, um jovem e inteligente americano, me contou com gravidade e evidente boa fé. Madame Blavatsky enrolara um cigarro e já ia acendê-lo, mas verificou que sua caixa de fósforos estava vazia. Por cima de sua cabeça pendia uma lâmpada, tão alta que ela não poderia alcançar, mesmo que subisse em cima de uma cadeira. O senhor americano, que estava na sala com ela, declara que a viu alongar-se gradualmente, pelo menos assim lhe pareceu, até que pudesse inclinar-se sobre a lâmpada e acender seu cigarro, encolhendo-se novamente até sua cadeira e voltando ao trabalho. Mas estes fenômenos não são testemunhados por todos e talvez eu não precise acrescentar que Madame Blavatsky (embora me oferecesse espontaneamente o conteúdo de sua caixa de fumo) declinou de operar um milagre para mim. Não há dúvida de que sua recusa foi prudente, pois, se eu tivesse visto um desses fatos estranhos com os meus próprios olhos, quem haveria de acreditar na minha reportagem?

"Falamos de muitas coisas.

"- O que é Teosofia, Madame? perguntei-lhe. A senhora a chamaria de religião?

"- Evidentemente que não, respondeu. Já há religiões demais no mundo. Não pretendo aumentar o número.

"- Posso saber qual é a atitude teosófica com relação a essas tão numerosas

religiões?

"Madame Blavatsky passou então a fazer uma longa e interessante explicação sobre esse assunto, da qual apreendi que a Teosofia considera todas as religiões boas num certo sentido e más, em outro sentido. Há verdades por detrás de todas elas e falsidades que se sobrepõem a todas. A maioria das crenças é boa em sua essência e todas são mais ou menos falsas em suas manifestações externas, e todos os adornos de religiões, todas as suas exibições e cerimônias, são inteiramente repudiados pelos teosofistas. As condições pelas quais os aspirantes se tornam membros da Sociedade Teosófica são poucas e simples. Para pertencer à Sociedade Teosófica basta estar em sintonia com seus objetivos, dos quais três são os principais: a promoção de uma fraternidade universal entre os homens o estudo das religiões e o desenvolvimento das faculdades psíquicas latentes no homem. Este último objetivo deve ser atingido por membros avançados que lograram ser admitidos na seção esotérica da sociedade. Só na seção esotérica, por exemplo, é que se pode esperar aprender a se distender .

"A própria Madame Blavatsky, em seu vigoroso método intelectual, é tão dogmática quanto o mais dogmático professor do que (na versão teosófica) se chama de ciências exatas. Realmente, o dogmatismo, tanto no afirmar como no negar, parece o símbolo de toda a tribo teosófica. ... Ainda não eram sete horas quando Madame Blavatsky esgotou meu interesse e eu, assim pensava, esgotara sua paciência. Além disso, às sete horas os membros da comunidade se reuniam para o jantar.

"A comunidade consiste de seis ou sete pessoas, entre elas um jovem médico, um estudante de Direito, um francês, um americano (o amigo de Edison que foi citado outro dia no **Star**) e uma condessa sueca. São todos discípulos particulares, que recebem constantes instruções dos lábios da sacerdotisa e que podem ser considerados também a caminho do atingimento do princípio da distensão. As promissoras perspectivas da nova obra de Madame Blavatsky, **A Doutrina Secreta**, cuja primeira edição já está à venda, embora os volumes saiam escassamente das mãos do impressor, foram discutidas durante a refeição. A idade de Madame Blavatsky - está-se aproximando dos sessenta anos - e suas eventuais dificuldades com a língua - é russa de nascimento - não impedem que ela seja a pessoa mais loquaz e cativante da mesa.

"Era a noite da reunião semanal da Loja Blavatsky. Por volta das oito e meia, o santuário, para onde nos dirigimos depois do jantar, estava repleto de um pequeno grupo de pessoas de ambos os sexos com pretensões a futuros distensores. O tema das discussões eram os sonhos. Tendo sido reenchida a caixa redonda de tabaco pela criadinha de Madame Blavatsky e tendo o presidente da sessão, vestido em traje a rigor, se sentado ao lado da Madame, o secretário da loja começou a formular perguntas de uma folha de papel."

CAPÍTULO 22
THE NEW YORK TIMES, 6 de janeiro de 1889

"Madame Blavatsky", disse o Sr. Judge, numa conversação após seu retorno de Londres, "vive atualmente com a Condessa Wachtmeister - viúva de um conde sueco, que foi ministro norueguês e sueco na Corte de St. James - em Holland Park, Londres, e se dedica ao mais árduo trabalho pela causa da Teosofia. Raramente sai de casa e, desde as 6 horas da manhã até a noite, está constantemente empenhada em escrever artigos para a sua revista **Lucifer** ou outras publicações teosóficas. respondendo cartas e preparando a matéria para os futuros volumes de sua obra gigantesca, **A Doutrina Secreta**. À noite, recebe muitos visitantes das mais variadas classes: pesquisadores, críticos, céticos, curiosos, amigos, que são todos bem-vindos com tamanha simpatia, amizade e simplicidade, que todos são levados a se sentir à vontade com ela. Em geral, por volta das 10 horas todos se retiram, com exceção de seus amigos íntimos, que permanecem por mais uma ou duas horas.

"Apesar de já ter ultrapassado a meia-idade, e apesar de estar vivendo há mais ou menos três semanas depois de desenganada por competentes médicos londrinos, que há muito tempo a consideraram portadora de uma doença de rins incurável, que poderia matá-la a qualquer momento, Madame Blavatsky é a líder animada da conversação, falando com igual facilidade o inglês, o francês, o italiano e o russo, ou de vez em quando, conforme as circunstâncias, em hindustani. Trabalhando ou conversando, parece estar constantemente enrolando, acendendo e fumando cigarros dê fumo turco. Quanto a seu aspecto pessoal, parece ter mudado pouco desde quando esteve neste país, vários anos atrás, só que ficou um pouco mais gorda. As características mais em destaque em seu aspecto geral são a harmonia, a energia e a grande bondade sempre iguais. Quando a contemplamos podemos verificar ser ela exatamente a espécie de mulher que fazia o que ela fez há cerca de uns doze anos, quando vinha para aqui procedente da França. Chegou ao Havre com um bilhete de primeira classe para Nova Iorque e mais dois ou quatro dólares somente, pois nunca andava com muito dinheiro. No momento em que ia tomar o navio, viu uma pobre mulher, acompanhada de dois filhinhos, sentada no cais, chorando amargamente.

"- Por que está chorando? perguntou-lhe.

"A mulher respondeu que seu marido lhe havia enviado dinheiro dos Estados Unidos para que ela e seus filhos fossem para lá. Gastara todo o dinheiro na aquisição de bilhetes de terceira classe, que, no fim, não passavam de bilhetes falsificados. Onde descobrir o trapaceiro que a enganara tão cruelmente, não sabia, e estava quase sem dinheiro numa cidade estranha.

"- 'Venha comigo', disse-lhe Madame Blavatsky, que se dirigiu imediatamente ao gerente da companhia e o induziu a trocar seu bilhete de primeira classe por bilhetes de terceira, para ela, a mulher e as duas crianças. Quem já atravessou o oceano numa

terceira classe, no meio a uma multidão de emigrantes, saberá ter na sua devida conta a magnitude do sacrifício de uma mulher de tão alta sensibilidade. Poucas são as que teriam sido capazes de agir assim.

"Como disse, ela estivera condenada à morte durante três anos, mas não havia qualquer temor de sua morte antes de realizada sua missão. Duas vezes antes, ainda, na Índia, fora desenganada pelos médicos, que, na ocasião, lhes haviam dado apenas alguns dias de vida. Suas recuperações foram consideradas como simplesmente maravilhosas. Na ocasião em que piorou e parecia que ia morrer na estrada, tomou a direção do norte da Índia. Como se acreditava, em geral, que estivesse indo socorrer-se com os Mahatmas, várias pessoas, sequiosas de ver esses misteriosos adeptos, seguiram-na e a observavam, mas em DharJeeling ela desapareceu misteriosamente. Tinha sido levada para ali e parece inconcebível como poderia por si mesma escapar, mas escapou, e de uma maneira que ninguém pôde saber. Três dias depois voltava, aparentando uma saúde que nunca tivera. O máximo que se pôde saber sobre como se operou a transformação de seu estado está num trecho de **A Doutrina Secreta**, quando ela diz:

O som gera, ou melhor, atrai e junta os elementos que produzem um ozônio, cuja fabricação está além da Química, mas dentro dos limites da Alquimia. Pode mesmo ressuscitar um homem ou um animal cujo "corpo vital" astral não foi irreparavelmente separado do corpo físico pelo desligamento do corpo magnético ou ódico. Como uma pessoa que, por três vezes, escapou da morte por essa força, à escritora deve ser creditado algum conhecimento pessoal sobre a matéria.

"Só muito raramente Madame Blavatsky faz agora manifestações de seus poderes ocultos, a não ser para amigos íntimos; mas enquanto estive lá, tive várias provas de que é capaz de fazer coisas muito inexplicáveis por quaisquer das leis das ciências exatas. Há dois anos perdi aqui em Nova Iorque um documento de considerável valor para mim.

"Acho que ninguém mais, a não ser eu mesmo, sabia disso e tenho a certeza de não haver mencionado o fato a pessoa alguma. Uma noite, há mais ou menos quinze dias, sentado na sala de Madame Blavatsky com o Sr. B. Keightley e várias outras pessoas, aconteceu que pensei no documento. Madame levantou-se, entrou no quarto vizinho e ao voltar, quase imediatamente, passou-me uma folha de papel. Eu a abri e encontrei uma exata duplicata do papel que havia perdido dois anos antes. Era uma cópia em fac-símile, como reconheci imediatamente. Agradei-lhe e ela me disse:

- Bem, eu li em sua mente que você precisava dele.

"Não era coisa para a estupefação de pessoas familiarizadas com as leis da natureza, conforme compreendidas por ocultistas, que entendem claramente como a consciência de meu pensamento era possível, como a reprodução de uma coisa dentro de meu conhecimento era necessariamente fac-símile e como essa reprodução poderia ser realizada por um simples ato de volição de Madame Blavatsky, mas seria um quebra-cabeças sua explicação por materialistas de acordo com os fatos.

"Uma noite, conversando até muito tarde com um senhor, numa casa distante

da casa de Madame Blavatsky, ele pediu-me que, numa oportunidade, sem mencionar o seu nome, obtivesse sua opinião sobre um assunto que estava em discussão entre nós dois. No dia seguinte, quando conversava com ela, o assunto veio à baila e comecei a apresentar a sugestão de meu amigo, quando Madame Blavatsky interrompeu-me dizendo:

"- Não precisa me dizer isto; eu estava lá na noite passada e ouvi vocês, e continuou repetindo tudo que tinha sido dito. Naturalmente, pode-se dizer que ele a tivesse informado de seu ponto de vista para me decepcionar, mas estou certo de que nada disso ocorreu e que naquelas circunstâncias isto teria sido praticamente impossível. Eu sei que ela muitas vezes lê os pensamentos das pessoas e os reproduz em palavras.

"Os sons do sino de prata na corrente astral, que eram ouvidos por sobre sua cabeça por tantas pessoas em Nova Iorque, ainda continuam a segui-la e está fora de dúvida, para aqueles que vivem na intimidade de sua vida e de seu trabalho, que ela recebe constantemente a mais poderosa ajuda dos adeptos, principalmente de seu mestre, o _____, cujo retrato está exposto em seu gabinete e mostra um rosto indiano, moreno e belo, cheio de suavidade, sabedoria e majestade. É evidente que não parece possível que esse Mestre, no Tibete, reaja instantaneamente ou por uma impressão mental ou por uma observação "precipitada" a um interrogatório mental a que ela é submetida em Londres, mas acontece que é fato que, apesar disso, ele age assim,"

CAPÍTULO 23

THE COMMERCIAL GAZETTE

Cincinnati, domingo, 13 de outubro de 1889
Uma Visita a Madame Blavatsky

Desde a época, há muitos anos, em que os jornais diários nos falavam de uma senhora misteriosa e "dotada, que estava preparando um livro sobre a ciência oculta, em termos jamais oferecidos aos leitores do nosso mundo ocidental, até os dias atuais, quando a autora de **Ísis Revelada** é reconhecida no mundo literário como um de seus infatigáveis expoentes, no mundo religioso como inimiga das velhas crenças e no mundo social como uma mulher tão incompreensível como uma esfinge, Madame Blavatsky é, sem dúvida alguma, a mais notável mulher da época. Dê de ombros, meu amigo, profira as palavras mais injuriosas que quiser, mas verificará que não é tarefa fácil provar algo que tire o mérito de seu caráter ou de sua capacidade e ninguém se atreverá a afirmar que exista hoje no mundo outra mulher mais conhecida do que ela. Importa pouco que o leitor seja juiz, clérigo ou professor, o fato é que qualquer item referente à vida dessa senhora é lido com interesse. Uns dizem que ela tem quinhentos anos de idade e que renova sua idade no Extremo Oriente tantas vezes quantas forem necessárias; outros falam de feitos mágicos, em que novas listas são improvisadas por um pensamento instantâneo, ou como Lytton o chama, pela força de vontade; um terceiro afirma que ela foi denunciada como impostora e trapaceira, e assim por diante, **ad infinitum**.

Enquanto o mundo todo lê e discute, ela vive, escreve e executa uma série de trabalhos literários tão impressionante em sua quantidade quanto em sua forma. Há alguns dias esta escritora teve a felicidade de fazer uma visita a Madame Blavatsky em sua casa em Londres. O dia estava chuvoso, como quase sempre acontece em Londres, e a viagem de Charing Cross a Holland Park, num carro de duas rodas, teria sido tudo menos agradável, não tivesse a mente esquecido o corpo por algum tempo e se ocupado com as lembranças dos longos anos de paciente espera, desde que se apossara dela o desejo de conhecer Madame Blavatsky. Os peregrinos que vão a Meca, o devoto que espera longamente para ser recebido pelo Papa, o americano que consegue o privilégio de uma apresentação na corte, o turista que vê o Monte Branco pela primeira vez, tudo isto é insignificante diante da experiência de emoções em que todas elas se fundem e algo mais, que só o mistério pode oferecer, quando se roda pelas vias públicas de Londres a caminho da casa de Madame Blavatsky.

A chuva aumenta a cada instante e, depois de um difícil trajeto de vinte minutos, o carro para junto ao número 7 da Lansdowne Road. Não chove mais, é o céu que desaba e o peregrino corre sob o aguaceiro para descobrir que o número certo não é 7, mas 17. Agradecendo pela informação e com a observação mental de que a senhora em questão deve ser bem conhecida, toma outro banho debaixo da chuva e chega

finalmente ao número procurado. Lansdowne Road é uma daquelas ruas largas e bonitas que podem ser encontradas nas proximidades do Hyde Park, onde toda casa é um lar e que pode satisfazer à nobreza. Jardins ou quintais bem guardados, cheios de arbustos verdes, dão um toque especial aos prédios de pedra conforme é moda ali.

- Oui, Madame, entrez, s'll vous plait.

[Sim, Madame, entre, por favor.]

Foi a resposta cordial à pergunta que fizera:

- Madame Blavatsky está e posso vê-la?

Introduzida na primeira sala à esquerda, onde uma mesa grande e uma mobília sugerem o uso - talvez uma sala de jantar, talvez uma sala de recepção e às vezes como gabinete, pois em cima da mesa havia papéis e escritos diversos - esperei por ordens ulteriores. Poucos minutos depois as portas de dois batentes foram abertas e me vi face a face com um senhor de grande físico, de semblante afável, barba maravilhosa, um tipo tão singular de modo e de aparência, Que exclamei involuntariamente:

- Coronel Olcott.

- Ele mesmo, e a senhora é minha patrícia. Sente-se.

O Coronel Olcott chegara, havia poucos dias, da Índia e os minutos passavam enquanto ele falava de seu trabalho e só fui interrompido por uma porta que se abriu, anunciando a entrada de Madame Blavatsky. Como a descreverei? Seria impossível. Uma impressão geral de bondade, de força, de dons maravilhosos, é tudo que resta neste momento em minha mente. Caminhava com dificuldade, pois sofria horivelmente de reumatismo, mas, ao se sentar numa cômoda cadeira, disse sorrindo:

- Já enganei os médicos e a morte tantas vezes, que espero enganar também este reumatismo, mas não parece ser tão fácil assim.

- Mas a senhora ainda escreve, Madame?

- Naturalmente, tanto como sempre...

E o Coronel Olcott a interrompeu dizendo:

- O Que importa um pouco de reumatismo desde que não chegue à sua cabeça nem aos seus escritos?

E todos rimos.

Quando disse que **Lucifer** ia muito bem nos Estados Unidos, ela observou com espírito:

- Aqui em Londres é boicotada e não lhe permitirão ser vendida nas bancas.

Quase não podia compreender isto e ela, sorrindo, explicou-me:

- Há pessoas que acreditam que eu sou o demônio com chifres e casco.

E rimos de novo.

Falamos de Teosofia e de sua rápida difusão, de seus obreiros e escritores, e do Dr. Buck, de Cincinnati, cuja foto pende exatamente sobre minha cabeça, na qual seu rosto bem conhecido parecia apresentar, sorridente, a todos nós um voto de boas-vindas.

- Ouviu falar deste trabalho, Madame? e pôs em minha mão as páginas adiantadas de seu novo livro, **The Key to Theosophy**.

Respondi-lhe que não e ela informou-me que brevemente seria publicado, como também uma obra menor que acabara de escrever, **The Voice of the Silence**.

Quando manifestei minha surpresa pela quantidade de obras que havia escrito, como pelo imenso conhecimento demonstrado, o Coronel Olcott respondeu:

- Trabalhei com Madame Blavatsky durante muitos anos e sei tudo sobre isto. Ela é de incrível produtividade e quando lhe disser que ao escrever **Ísis Revelada**, com sua grande quantidade de citações de antigos escritos, ela só tinha acesso a uma pequena estante de livros ordinários, a senhora acreditará que Madame Blavatsky lê tão claramente na Luz astral como nas páginas abertas de um livro.

Durante todo esse tempo eu estava consciente de que um par de olhos lia meus pensamentos e de um rosto, oposto ao meu, que a qualquer momento poderia tornar-se tão imóvel como uma esfinge, mas que naquele instante expressava bondade e cordialidade. Não posso imaginar uma personalidade tão expressiva de uma força de vontade indomável como Madame Blavatsky.

A sala em que nos achávamos era clara em sua individualidade.

Estava cheia de tudo que sugeria pensamento, refinamento, trabalho literário, interesse por amigos, mas não havia lugar para simples exibição de ornamento inútil. A mesa, com o Coronel de um lado e ela de outro, estava repleta de livros e papéis e as paredes cobertas de fotografias; e ali no coração da buliçosa metrópole vive e trabalha a fundadora da Sociedade Teosófica, que só nos Estados Unidos conta atualmente com mais de trinta ramos. Tudo isto foi realizado em pouco mais de uma década.

CAPÍTULO 24
SUNDAY TRIBUNE, 18 de maio de 1890

Madame Blavatsky

Uma conversa com seu amigo íntimo e secretário particular, o Sr. Bertram Keightley, não desaponta o entrevistador que o procurou durante sua recente visita a esta cidade. A seu próprio respeito ele declarou: "Passei a me interessar pela Teosofia em 1884, quando conheci Madame Blavatsky e o Coronel Olcott. Naquela época me tornei muito íntimo deles, pois passei algum tempo com Madame na Alemanha e depois com o Coronel Olcott, na Inglaterra. Aquela visita, na Alemanha, com um grupo de amigos, foi depois escrita na forma de estória por A. P. Sinnett, sob o título de Karma, Sinnett era um dos hóspedes. No Baron, naturalmente, se reconhecerá Madame Blavatsky. ... Fui preparado para aceitar a Teosofia por um estudo anterior de misticismo, no qual estive empenhado com chaves desconexas, até que conheci a Teosofia e então constatei imediatamente que descobriria o todo do qual tinha recebido apenas algumas partes anteriormente. Meu sobrinho, Archibald Keightley, que é quase da minha idade e que, como eu dedicou-se também à causa da Teosofia, tornou-se interessado pouco depois.

"Foi em 1887 que, a meu pedido, Madame Blavatsky foi morar na Inglaterra, acompanhada da Condessa Wachtmeister, viúva de um ex-embaixador junto à Corte inglesa.

"Desde aquela época temos sido membros de uma comunidade, ficando a Condessa encarregada da casa. Nossa família é um pouco numerosa, incluindo, além daqueles já mencionados e Archibald Keightley, vários outros obreiros da causa.

"Madame Blavatsky ocupa os cômodos do andar térreo, a grande sala de estar que lhe serve de gabinete de trabalho e seus aposentos que dão para esse gabinete. Portas de dois batentes ligam a sala de estar com a sala de jantar, onde jantamos todos juntos, em geral na sua companhia. Durante o dia, ela se senta à sua mesa junto à janela de sacada, onde passa a trabalhar desde as 7,30 da manhã até às 7 horas da noite. Trabalha constantemente, não tendo saído uma única vez daquelas salas durante três meses. Senta-se numa grande cadeira de braços, com uma escrivaninha comprida de um lado e uma mesa do outro, fazendo uma espécie de **box** em torno dela.

"Às quintas-feiras à noite, quando a loja se reúne, ela vira sua cadeira e fica de frente para a assistência. Todos fazem perguntas, que ela responde com toda paciência quando percebe um grande desejo de saber. Muitas vezes pessoas que não são teosofistas procuram-na para informações e são sempre bem recebidas, com extrema bondade, desde que apresentem a mesma sinceridade. Jamais ela dirá uma palavra que possa ferir seus sentimentos ou sua fé, qualquer que seja ela, mas um de seus traços característicos é uma positiva aversão pela simulação. Simplesmente não

tolera essa espécie de coisa e, se alguém vai procurá-la com petulância ou hipocrisia, ela é capaz de reduzi-lo a pedaços e, falando metaforicamente, de espalhá-los pela sala.

“Com referência à sua aparência física, Madame Blavatsky tem altura regular, mas é tão gorda que parece mais baixa do que realmente é. Tem cabelos castanhos escuros que caem em ondas, abundantemente, sobre sua cabeça. Seus olhos são cinza-claro e, o mais peculiar, parecem penetrar a pessoa, e de fato penetram”, acrescentou o Sr. Keightley com um sorriso. “A cor de sua pele é oliva-claro. Suas mãos são lindas, delicadas e tão flexíveis, que podem dobrar-se para trás com facilidade; as pontas de seus dedos inclinam-se todas para trás da maneira mais linda que se pode imaginar. Eu diria que a principal característica de seu rosto é sua força imensa, sua intelectualidade. Ela é verdadeiramente magnificente nesse sentido e sua energia é inteiramente fenomenal. Eu a tenho visto, depois do trabalho de um dia, tão cansada que parece realmente doente e completamente incapaz de um novo esforço. Mas, se surge uma necessidade, se um novo trabalho deve ser feito ou alguma questão teosófica é posta em discussão, ela parecia renovar sua força com o desejo e mergulharia, no que quer que fosse oferecido, com uma energia irresistível como se nunca tivesse conhecido o cansaço. À noite, em geral, ela se senta junto a uma pequena mesa de centro para jogar “paciência” ou algum outro Jogo de cartas, enquanto conversa o tempo todo sobre Teosofia,. Simbolismos, religiões e outras questões metafísicas. O Jogo solitário que joga serve simplesmente como um ligeiro alívio de uma mente constantemente ocupada com pensamentos profundos.”

"O Mestre esteve aqui. Deu-me a escolher: morrer e ficar livre, se quisesse, ou viver e concluir A DOUTRINA SECRETA. ... Quando pensei naqueles discípulos aos quais me será dado ensinar algumas coisas, e na Sociedade Teosófica em geral, à qual já dei meu coração, aceitei o sacrifício: ..."

H. P. B.